

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE TEORIAS LINGUÍSTICAS E LITERÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

CARLA PRADO VIEIRA VERDAN

A BRASILIDADE HETEROTÓPICA DO “BEM MORAR” NEOLIBERAL

MARINGÁ/PR

2019

CARLA PRADO VIEIRA VERDAN

A BRASILIDADE HETEROTÓPICA DO “BEM MORAR” NEOLIBERAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso.

MARINGÁ/PR

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

V483b Verdan, Carla Prado Vieira
A brasilidade heterotópica do "bem morar" neoliberal /
Carla Prado Vieira Verdan. -- Maringá, 2019.
127 f. : il. (algumas color.)

Orientador (a): Prof.a Dr.a Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Biopolítica. 2. Heterotopias. 3. Objetivação e subjetivação. 4. Dispositivo. 5. Design de interiores. I. Tasso, Ismara Eliane Vidal de Souza, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 401.41

MAS-CRB 9/1094

CARLA PRADO VIEIRA VERDAN

A BRASILIDADE HETEROTÓPICA DO “BEM MORAR”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em 29 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.ª Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

AGRADECIMENTOS

À Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso, minha orientadora, que ao compartilhar seus saberes proporcionou aos meus questionamentos, tão frágeis (naquele primeiro encontro), o amadurecimento necessário para construção desta pesquisa me transformando profundamente.

Aos pesquisadores e colegas do Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM (GEDUEM) que generosamente me acolheram, compartilharam seus saberes, motivaram e inspiraram meu caminho desde o primeiro momento, Enísio Guilhermina Cuamba, David António, Luana de Souza Vitoriano, Érica Alessandra Paiva Rosa, Rafael de Souza Bento Fernandes, Talita Dias Tomé, Valéria Cristina de Oliveira e a Tácia Rocha.

À Claudinéia Valim pelas palavras de apoio e conversas motivadoras.

À Raquel Fregadolli Cerqueira Reis Gonçalves pelas explicações sempre claras e radiantes.

À Marcieli Cristina Coelho pelas contribuições e pela energia positiva sempre vibrante.

À Maraisa Daiana da Silva pela companhia de mestrado, conversas e apoio sempre exemplar.

Ao Jefferson Gustavo dos Santos Campos um porto seguro, aquele que sempre inspira.

À CAPES, pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrarri Soares, por ter aceito o convite para participar da banca de qualificação e defesa, cuja contribuição foi decisiva para a pesquisa.

Ao professor Prof. Dr. Pedro Navarro, por aceitar participar da banca de qualificação e defesa. E, também, pelas discussões e esclarecimentos em disciplina ofertada que proporcionaram importantes reflexões.

À professora Roselene de Fátima Coito pela generosidade em compartilhar seus livros para meu estudo.

À professora Josimayre Novelli pelas contribuições relacionadas à estrutura da pesquisa e, também, pelo apoio, conversas e sorrisos.

Aos funcionários da Secretaria do PLE-UEM, Adelino Marques e Wérica Menezes.

À minha amiga Larissa Siqueira Camargo por me incentivar, desde o primeiro ano de minha docência com sua coordenação no curso de Design de Interiores, a percorrer este caminho de estudos.

Às minhas amigas Francielle Cristina Fenerich, Annelise Nani da Fonseca, Carina Seron da Fonseca, Thiara Stivari, Marciane Schuh pelas palavras de apoio, força e motivação.

À minha família, minha filha Maitê Prado Verdan, minha mãe Ivanilis Aparecida Prado e meu marido Bruno César Barbosa Verdan, pela companhia neste desafio que foi entrelaçar mestrado, docência, maternidade e cotidiano.

À palestrante Prof. Dra. Suzana Mizan por me ensinar que nós só aprendemos aquilo que nos emociona.

Às energias que equilibram o nosso caminhar nesta jornada tão enigmática que é a vida. Gratidão.

VERDAN, Carla Prado Vieira. **A brasilidade heterotópica do “bem morar” neoliberal.** 2019. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

RESUMO

No ano de dois mil e quinze, acontecimentos de ordem econômica, política e social possibilitaram, como condição de existência, a irrupção do discurso da brasilidade em um evento midiático de grande visibilidade nacional para as áreas de design, design de interiores, arquitetura, decoração e paisagismo denominado Mostra da Casa Cor. Este evento proporcionou que diferentes profissionais desenvolvessem espaços de interiores cujo tema seria “O Brasil visto por dentro” e que, por este caminho deveria tratar das características que constituem essa brasilidade. Dada a emergência do objeto desta pesquisa consistir-se na movimentação das práticas discursivas acerca da brasilidade e, na sua inscrição dar-se em eventos em nível nacional que comportam uma singular ação entre saber, poder e sujeito e resultam em processos de dobra para o sujeito neoliberal questiona-se, quais são os jogos de forças que colocam em exercício os processos de subjetivação, dos sujeitos neoliberais, nos e pelos ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor 2015 inscritos no discurso da brasilidade. Nesse sentido, objetiva-se compreender o modo como os ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor São Paulo 2015, inscritos nas práticas discursivas da brasilidade, funcionam como mecanismos do exercício da governamentalidade neoliberal e quais as condutas resultam desses processos de subjetivação para esses sujeitos da brasilidade. Para tanto, o caminho metodológico percorrido está fundamentado nas teorias do saber, poder e do sujeito de base arqueogenealógica foucaulticana e nos pressupostos teóricos da análise do discurso de linha francesa. Para tanto, foram mobilizadas as noções: função enunciativa, arquivo, dispositivo e espaços heterotópicos. O trajeto de pesquisa percorrido apontou que os ambientes de interiores domésticos se comportaram como instituições disciplinares, exercitando processos de subjetivação/objetivação cuja finalidade primou por conduzir os sujeitos à adequação frente às necessidades políticas e socioeconômicas da modernidade. Na governamentalidade neoliberal, estes espaços terrestres de interiores domésticos, constituem-se como heterotopias de ilusão e, desta forma, os espaços divulgados pela mídia, podem ser considerados como espaços heterotópicos de compensação. A especificidade dos espaços da brasilidade é que se tornam heterotopias relacionadas ao tempo, de acúmulo e de heterocronia crônica. No que tange aos processos de subjetivação, observou-se que os espaços, em seus discursos, podem exercer seja os processos de objetivação bem como os processos de subjetivação dos sujeitos da brasilidade neoliberal. Concluiu-se que o discurso da Casa Cor São Paulo 2015 sobre a brasilidade, divulgados pelas duas revistas do evento midiático analisadas, fazem das publicações sobre os espaços de interiores domésticos elementos heterotópicos que possuem a capacidade de orientar condutas sobre a brasilidade aos sujeitos do “bem morar” neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Heterotopias. Objetivação/Subjetivação.
Dispositivo. Design de interiores.

VERDAN, Carla Prado Vieira. **The heterotopic brazilianess of the neoliberal “well living”**. 2019. Dissertation (Master's Degree in Letters). State University of Maringá, Maringá, 2019.

ABSTRACT

In two thousand and fifteen, some occurrences of economic, political and social nature enabled the brazilianess discourse burst within a media event of great national visibility among areas such as design, interior design, architecture, décor and landscaping design, which was entitled Casa Cor Showcase. This event provided the development of some interior spaces which main theme was “Brazil seen from the inside”, which led to works that should concern features of this brazilianess constitution. Given that the emergency of this research object is relied on the discursive practices movement concerning the brazilianess and its registration in national events bears a singular action among knowledge, power and individual, which results in bending process for the neoliberal individuals, it is possible to ask what are the power games that put in practice the neoliberal individuals process of subjectivity on and by heterotopic environments of the Casa Cor Showcase 2015 enrolled in the brazilianess discourse. For that matter, this dissertation aims to comprehend the way that the heterotopic environments of the Casa Cor Showcase 2015, in São Paulo, enrolled in the brazilianess discursive practices, operate as neoliberal government exercise tools and which are the conducts that result from this subjectivity process for this brazilianess individuals. Therefore, the methodological path is based on theories grounded in Foucault's thoughts about arquegenealogical discussions that concerns knowledge, power and individual, and also in theoretical assumptions within the French approach of the discourse analysis. For this purpose, the enunciative function, the archive, the device idea and the theory regarding the heterotopic spaces were mostly involved. The taken research journey pointed out that some domestic interior environments behaved as disciplinary institutions, exercising subjectivity and objectivity process which aim was to lead the individuals to suitability in face of the political, social and economic modern needs. In neoliberal governments, these earthly spaces of domestic interiors are represented as illusory heterotopias, thus, the spaces announced by the media could be considered as heterotopic spaces of compensation. The specific nature of the brazilianess spaces turn into heterotopias related to time, accumulation and chronic heterochrony. In terms of the subjectivity processes, it was noted that the spaces in their discourses can pursue not only the objectivity processes but also the subjectivity process of the neoliberal brazilianess individuals. In conclusion, the Casa Cor São Paulo 2015 discourse about brazilianess, released by two magazines of the media event, make heterotopic elements from the publications about domestic interior spaces which have the capacity to guide conducts concerning the brazilianess to the neoliberal individuals of the “well living”.

Keywords: Biopolitics. Heterotopias. Objectivity /Subjectivity. Dispositive. Interior Design.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01** - Slogan da Mostra da Casa Cor São Paulo na *internet*.
- Figura 02** - Página do Anuário da Casa Cor São Paulo 2015.
- Figura 03** - Imagem da matéria “Uma casa perfeita para o convívio com a família e os amigos”.
- Figura 04** - Matéria publicada no Anuário da Casa Cor São Paulo 2015.
- Figura 05** - Slogan da Casa Cor São Paulo
- Figura 06** - Entregas das reformas do quadro Lar Doce Lar - Caldeirão do Huck
- Figura 07** - Casa Cláudia e a Visita Guiada
- Figura 08** - Brasilidade na Casa Vogue com Marcelo Rosembaum
- Figura 09** - Capa do Anuário CCSP 2015 - “Espaço Pau a Pique”
- Figura 10** - Capa do Book Collection da CCSP 2015 - “A Casa da Gente”
- Figura 11** - Detalhe da Capa do Book Collection da CCSP 2015 - “A Casa da Gente”
- Figura 12** - Espaço divulgado no Anuário CCSP 2015 - “*Living* do Colecionador Brasileiro”
- Figura 13** - Espaço divulgado no Anuário CCSP 2015 - “Viver brasileiro em Miami”
- Figura 14** - Texto do espaço divulgado no Anuário CCSP 2015 - “Viver brasileiro em Miami”

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 - Dispositivos operacionais.

Quadro 02 - Esquematização organizacional da relação entre os elementos discurso, prática discursiva, dispositivos e heterotopia para o objeto de estudo Casa Cor São Paulo 2015.

Quadro 03 - Esquematização da relação entre subjetivação e espaços de interiores domésticos.

Quadro 04 - Esquematização da relação entre Espaços e Sujeitos da brasilidade.

Quadro 05 - Elementos da função enunciativa.

Quadro 06 - Esquema de visualização simples da relação brasilidade, condutas, sujeitos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGT - A GENTE TRANSFORMA

CCSP - CASA COR SÃO PAULO

FOA - FUNDACIÓN OFTALMOLÓGICA ARGENTINA

GEDUEM - GRUPO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO DA UEM

GNT - GLOBOSAT NEWS TELEVISION

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

S/A - SOCIEDADE ANÔNIMA

UEM - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	7
ABSTRACT	9
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE QUADROS E TABELAS	11
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	12
SUMÁRIO	13
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
APRESENTAÇÃO	14
CASA COR 2015 E A BRASILIDADE EM DISCURSO	15
CAPÍTULO 1 - O DESIGN DE INTERIORES NO <i>LAYOUT</i> DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS ACERCA DA BRASILIDADE	25
1.1 DO ESPAÇO AO DISCURSO	26
1.2 O DISCURSO DA BRASILIDADE	31
CAPÍTULO 2 - A GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL PROJETANDO OS OUTROS ESPAÇOS DA BRASILIDADE	48
2.1 OS ESPAÇOS DE INTERIORES DOMÉSTICOS: DA DISCIPLINA, DA SEGURANÇA E DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL	48
2.2 A HETEROTOPIA DOS ESPAÇOS DE INTERIORES DOMÉSTICOS PELO DISPOSITIVO DA BRASILIDADE	60
CAPÍTULO 3 - OS OUTROS ESPAÇOS NEOLIBERAIS DETALHANDO OS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS DA BRASILIDADE	75
3.1 Processo de Objetivação e processos de Subjetivação: espaço e brasilidade.	75
3.2 O SUJEITO NEOLIBERAL DA BRASILIDADE E AS HETEROTOPIAS	85
CAPÍTULO 4 - A BRASILIDADE RENDERIZADA NAS ESTRUTURAS DA CASA COR SÃO PAULO 2015	95
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	127
1. ANEXO A	127
2. ANEXO B	128

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

APRESENTAÇÃO

“Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo” (FOUCAULT, 2007, p. 20)

Esta frase tão celebrada de Michel Foucault n’*Arqueologia do Saber* exibe a essência das transformações que a sua leitura proporcionou em minhas reflexões. Porém, mesmo antes de conhecer suas teorizações, já existiam inquietações que me levaram à necessidade de conhecer outros saberes para que pudesse compreender, por outro “olhar”, as práticas do Design de Interiores, profissão pela qual me tornei docente. Foi assim que me (re)aproximei de minha primeira formação, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, me enveredando pelos estudos em análise do discurso na perspectiva foucaultiana. Participei do Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM (GEDUEM)¹ durante cerca de três anos buscando dar consequência às minhas inquietações acerca dos espaços nos quais trabalham os designers de interiores e, nesta busca, ainda mais inquietações surgiram.

O desafio que sempre esteve presente durante este trajeto era o de compreender os espaços de interiores como discursos nos quais forças diversas se relacionam entre saber, poder e sujeito(s). Inspirada pelas palavras, também célebres, de Gilles Deleuze (2005, p. 61) ao tratar do pensamento foucaultiano, o ensejo que me levou a esta pesquisa é o de “rachar” os espaços terrestres assim como para o filósofo, para quem era preciso “[...] rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados [...]”. Os anos de participação no grupo de pesquisa GEDUEM possibilitaram essas problematizações amadurecerem e o projeto de pesquisa se concretiza nesta dissertação de mestrado. Pensar os espaços considerando-os frente a todos esses saberes, o do Design, o da Análise do Discurso e do pensamento de Michel Foucault é, de certa forma, tornar visível, principalmente, para os sujeitos designers de interiores, o fato de que o impacto de seu discurso, pelo espaço projetado, pode ser capaz de movimentar essa rede de poderes a que todos estamos submetidos. Portanto, meu objetivo pessoal com esta pesquisa é o de

¹ Mais informações sobre o GEDUEM/CNPq no site <www.geduem.com.br>

proporcionar uma diferente forma de “olhar” os projetos dos espaços terrestres de interiores, além de incentivar outros pesquisadores, principalmente da área do design de interiores, a repensarem os tais espaços, pois, que “já não se trata, então, de ter só a coragem de saber, mas também a coragem da liberdade para poder ser e pensar de outra maneira” (CASTRO, 2014, p. 150).

CASA COR 2015 E A BRASILIDADE EM DISCURSO

Exercitando essa nova forma de “olhar” os espaços, de acordo com a Análise do Discurso na perspectiva das teorizações foucaultianas, a brasilidade constituiu-se como uma grande inquietação ao ser inserida no enunciado da Mostra da Casa Cor São Paulo (2015). Essa mostra, de acordo com o seu site oficial², é o maior e o mais importante evento da arquitetura, design e paisagismo das Américas. Assim, a mostra, constituída como uma empresa do Grupo Abril, ocorre de forma anual em cerca de vinte e cinco cidades espalhadas pelo Brasil, América Latina e Estados Unidos da América (Miami). Nesse evento, os profissionais da grande área da construção civil expõem seus projetos para diversificados tipos de ambientes sejam residenciais, comerciais ou institucionais.

Rosane Machado (2014) aponta que a primeira edição da Casa Cor aconteceu na cidade de São Paulo, no final da década de oitenta. Organizado por Yolanda Figueiredo e Angélica Rueda, o evento foi inspirado na também mostra de arquitetura, decoração, design e paisagismo *Casa FOA*, que acontece regularmente na Argentina. A aba “história”³ do *site* da Casa Cor informa que sua inauguração contou com cerca de seis mil visitantes e seu objetivo era ser um evento de cunho social, cultural e benemérito (parte da renda foi direcionada para uma instituição social).

O sucesso do evento impulsionou a sua repetição ao longo dos anos, de modo que, em 1994, o tema da mostra foi o descobrimento da América. Naquela ocasião, a cultura e a história dos países diversos inseridos no continente americano, foram levados em consideração pelos profissionais participantes. Em 1996, a empresa abriu sua primeira edição internacional em Lima, Peru. Já no ano de 2006, a mostra

² CASA COR: **Sobre**. Casa Cor. Grupo Abril. Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/sobre/>>. Acesso em: 26 jul. 2018

³ CASA COR: **História**. Casa Cor. Grupo Abril. Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/historia/>>. Acesso em: 26 jul. 2018

completava vinte anos de edição e fora, pela primeira vez, sediada no Jockey Club de São Paulo, local onde se fixou, a partir de então, como sede do evento. Entre os anos de 2008 e 2012, a mostra Casa Cor sofre uma modificação organizacional, desmembrando o seu gerenciamento para as mãos de diversas empresas, dentre elas a Empresa Abril S/A que, ao longo do tempo, se torna o atual Grupo Abril e, que, se mantém na liderança da empresa Casa Cor como o seu único gestor. Em 2015, ainda de acordo com o seu site oficial, a Mostra Casa Cor São Paulo exibiu o tema brasilidade e contou com a participação de cem profissionais, cerca de setenta e seis ambientes e noventa e sete mil visitantes. Os ambientes apontados como destaque pelo público e pelos críticos foram o *Espaço Brasil de Pau a Pique* (arquiteto Roberto Migotto), a *Casa do Bosque* (arquiteto David Bastos) e o *Gabinete da Leitura* (arquiteto Pedro Lázaro).

O tema da brasilidade é frequentemente debatido nos campos do Design, Design de Interiores e Arquitetura. Nos anos dez deste milênio, foi um tema presente frente aos acontecimentos tanto de ordem política quanto social e cultural que movimentaram o país. Acontecimentos como as manifestações de descontentamento da situação política e econômica no governo Dilma Rousseff (2014)⁴, além dos grandes eventos esportivos⁵, como a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, ambas com sede no Brasil. Nesse sentido e compreendendo a relevância para os profissionais da construção civil desta mostra de destaque nacional e internacional, é que se problematizou a questão do discurso da brasilidade na Casa Cor São Paulo no ano de 2015. Visto que, pelo viés das teorizações foucaultianas, pensar o objeto Casa Cor permite questionamentos outros, coexistentes em relação daqueles do campo de saber do Design de Interiores e dos saberes que, já com frequência, estão relacionados, como exemplo, ao campo dos saberes arquitetônicos. Sendo assim, acercamo-nos de outras discursividades para a constituição de novos olhares e, portanto, novos saberes para este objeto. Mediante as conexões que se pretendem estabelecer, torna-se necessário desenvolver o estado da arte para verificar como esses saberes estão se relacionando pelas pesquisas acadêmicas.

⁴ Sobre as manifestações políticas e econômicas discorremos, primeiro capítulo, página 41 tópico "O discurso da brasilidade") e no segundo capítulo, página 68, ao tratar do dispositivo da brasilidade.

⁵ Voltamos a tratar dos eventos esportivos no primeiro capítulo, segundo tópico "O discurso da brasilidade", página 42. Retomamos, na página 68 ao tratar do dispositivo da brasilidade (segundo capítulo, tópico "A heterotopia dos espaços de interiores domésticos pelo dispositivo da brasilidade").

A partir dos aspectos centrais da presente dissertação (organizada em uma rede de campos de saberes diversos constituídos pelas teorias foucaultianas e da análise do discurso, pelas práticas discursivas sobre a brasilidade e a Mostra Casa Cor), mobilizamos como estratégia da pesquisa sobre o Estado da Arte quatro palavras-chave: Casa Cor, Brasilidade, Foucault e Heterotopia. Após a definição e escolha dessas palavras-chave ou, ainda, desses “modos de entrada”, selecionamos duas das maiores bases de dados que nos permitiram encontrar teses e dissertações nacionais gratuitamente; são elas: o Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁶ e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)⁷. Em ambas as bases, a primeira busca não encontrou pesquisas que tratassem da brasilidade com aporte teórico foucaultiano e cujo objeto fosse a Mostra Casa Cor, relacionadas ou não à questão da heterotopia. Já, na segunda tentativa, a estratégia foi usar as palavras-chave separadas, o que resultou em uma vasta quantidade de trabalhos (aproximadamente duzentos). Tendo em vista que, ao fazer a busca com os termos separados, perdeu-se a relação entre a perspectiva teórica e o objeto, encontramos pesquisas das diversas áreas do conhecimento, história, direito, comunicação, arte, música, etc. Decidimos, então, realizar uma filtragem de cunho qualitativo⁸ desse resultado. Essa seleção qualitativa prezou pelos trabalhos cujo assunto é a brasilidade e cuja perspectiva de análise do discurso se orienta pelo mesmo embasamento teórico do trabalho que ora se apresenta. Além desse procedimento, foi relevante integrar aqueles que mobilizaram aspectos correlacionados ao nosso objeto do estudo, a “Casa Cor”.

As pesquisas selecionadas que discorrem acerca da brasilidade, em programas de estudos linguísticos, cujas linhas de pesquisa são às da linguagem e do discurso; da linguagem, do sujeito e discurso, ou, ainda, da língua, sujeito e história, foram quatro. A dissertação “O discurso de resistência em meio à espetacularização do Festival Folclórico de Parintins”⁹, de autoria de Jorcemara Matos Cardoso (2016),

⁶CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Banca de teses e dissertações da Capes. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

⁷IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

⁸ As combinações de entradas realizadas para o levantamento dos trabalhos nos bancos de teses podem ser conferidas na seção Anexos, Anexo A.

⁹ CARDOSO, Jorcemara Matos. O discurso de resistência em meio à espetacularização do Festival Folclórico de Parintins. 2016. 208f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em

e a tese “A Voz Que Canta Na Voz Que Fala: Poética E Política Na Trajetória De Gilberto Gil”¹⁰, de autoria de Pedro Henrique Varoni de Carvalho, são da Universidade Federal de São Carlos. Entretanto, a dissertação de Cardoso (2016) parte de uma análise do discurso de cunho pecheutiana, utilizando-se de Foucault ao discorrer sobre algumas ideias como enunciado, função enunciativa, formação discursiva, arquivo, relação de poder. Já a tese defendida por Carvalho (2013) possui como aporte teórico a análise discursiva pelo viés foucaultiano, e discorre sobre a brasilidade a partir do músico e ex-ministro Gilberto Gil, contribuindo para nossa pesquisa qualitativamente, visto que se pronuncia sobre o arquivo da brasilidade. O terceiro trabalho encontrado é uma dissertação, “Corpo, Discursos E Carnaval: Imagens Do Corpo Feminino No Desfile De Escolas De Samba Do Carnaval Carioca”¹¹, de autoria de Danilo Correia Pinto (2013), da Universidade Federal de Uberlândia. Neste trabalho também há uma intersecção dos autores e autoras: Foucault, Pêcheux, Courtine, Orlandi e Gregolin. A relação com a brasilidade, neste trabalho, surge durante o desenvolvimento do estudo e é compreendida como “características próprias” das manifestações brasileiras sem outras influências. Por fim, a tese de autoria de Luciana Nogueira (2015), intitulada “Discurso, Sujeito e Relações de Trabalho: a posição discursiva da Petrobras”¹², da Universidade Estadual de Campinas, estuda a brasilidade nos discursos da Petrobras. Nesta pesquisa são discutidas questões relacionadas ao capitalismo e ao neoliberalismo de forma ideológica, cujas bases teóricas provém da linha discursiva pecheutiana.

Do programa de pós-graduação em História da Fundação da Universidade Federal do Piauí, a dissertação intitulada “Estado e Cinema: Humberto Mauro e a

<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7957/DissJMC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

Acesso em: 05 jul. 2018.

¹⁰ CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. A Voz Que Canta Na Voz Que Fala: Poética E Política Na Trajetória De Gilberto Gil. 2013. 296f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=166220>. Acesso em: 05 jul. 2018.

¹¹ PINTO, Danilo Correa. Corpo, Discursos E Carnaval: Imagens Do Corpo Feminino No Desfile De Escolas De Samba Do Carnaval Carioca. 2013. 140f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15445>. Acesso: 5 jul. 2018.

¹² PINTO, Danilo Correa. Corpo, Discursos E Carnaval: Imagens Do Corpo Feminino No Desfile De Escolas De Samba Do Carnaval Carioca. 2013. 140f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013. Disponível em <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15445>>. Acesso: 5 jul. 2018 .

configuração do debate sobre a brasilidade no Estado Novo (1937-1945)",¹³ de Gabriela Alves Monteiro (2016) analisa a participação do cineasta Humberto Monteiro nas discussões sobre a brasilidade, entre os anos de 1937 e 1945, cotejando os pensamentos de Michel Foucault e Michel De Certeau. Já no programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e orientado pela perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Foucaultianos em Educação, o pesquisador Pedro Henrique Witches (2014) desenvolve a dissertação "A Educação de surdos no Estado Novo: práticas que constituem uma brasilidade surda"¹⁴. A pesquisa discorre acerca de práticas de normalidade surda inserida no discurso da brasilidade, discutindo sobre ideias como governamentalidade e subjetividade. As contribuições qualitativas, dessa discussão, para nossa dissertação, possuem relação com o entroncamento dos processos de subjetivação com a questão da brasilidade, auxiliando no entendimento de como é o exercício dessas práticas de constituição da identidade no sujeito.

Pelo programa de Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cuja linha de pesquisa é a da crítica de arte que trata da brasilidade, selecionei a pesquisa de autoria de Raphael do Sacramento Fonseca. Sob o título "Construções do Brasil no vaivém da rede de dormir"¹⁵, a tese analisa, a partir de imagens, os discursos das redes de dormir e a relaciona com as ideias de brasilidade, dialogando com diversos autores como Foucault, Barthes, Gombrich e Hall. Apenas dois estudos foram selecionados dentro os que discorrem acerca da heterotopia com alguma proximidade ao objeto "casa cor". O primeiro, da autora Mariah Lopes de Oliveira Antunes, que desenvolveu a pesquisa intitulada "Materialidades e Heterotopias: Experiências

¹³ MONTEIRO, Gabriela Alves. Estado E Cinema: Humberto Mauro E A Configuração Do Debate Sobre A Brasilidade No Estado Novo (1937-1945). 2016. 114f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). Fundação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/735/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20VERS%C3%83O%20FINAL%20Gabriela%20Alves%20Monteiro.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

¹⁴ WITCHES, Pedro Henrique. A Educação de surdos no Estado Novo: práticas que constituem uma brasilidade surda. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos. São Leopoldo, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=148143>. Acesso em: 6 jul. 2018.

¹⁵ FONSECA, Raphael. Do Sacramento.Construções Do Brasil No Vaivém Da Rede De Dormir. 2016. 470f. Tese (Doutorado em Artes) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3910231> Acesso em: 06 jul. 2018.

Contemporâneas da (Lou)Cura em Espaços Outros de Saúde Mental” (2017)¹⁶, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Esta pesquisa objetivou compreender os espaços de atendimento à saúde mental após o aumento da visibilidade dos discursos antimanicomiais, trabalhando com noções foucaultianas como heterotopia e subjetivação. Enquanto a segunda dissertação intitulada “Da reconciliação entre casa e natureza: a emergência de morar pela mídia”¹⁷, de Costa (2016), desenvolvida pelo programa de pós-graduação em Estudos da Mídia, a heterotopia é estudada em ambientes de moradia através da mídia. A discussão apresentada contribuiu para nossa pesquisa, visto que se trata de analisar um espaço de moradia como um ambiente heterotópico, o pesquisador analisa dois casos, o primeiro e central constitui-se por uma série televisiva, o outro caso é o de Leonie Müller estudante que mora em um trem. Suas discussões contribuem para a compreensão da ideia de heterotopia, mas, também, para as questões da mídia em suas relações com os espaços de interiores domésticos.

Por fim, as dissertações que versam sobre a Casa Cor constroem-se a partir das perspectivas teóricas dos Estudos Culturais e Comunicação Social, respectivamente: “A Casa Cor (re)inventando os lares contemporâneos e nos ensinando a viver ‘com estilo’”¹⁸, de autoria de Rosane Dariva Machado da Universidade Luterana do Brasil. A dissertação de Machado (2014) apresenta a análise da Casa Cor Rio Grande do Sul de 2012 e, apesar da diferença do aporte teórico, mostrou-se relevante para esta dissertação ao tratar da historicidade da Casa Cor e, também, da habitação familiar privada. Já em “A vida social do livro: cultura material, consumo e representação”¹⁹, de autoria de Joana Dominguez Gonzalez

¹⁶ ANTUNES, Mariah Lopes de Oliveira. Materialidades e Heterotopias: Experiências Contemporâneas da (Lou)Cura em Espaços Outros de Saúde Mental. 2017. 132f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.lambda.maxwell.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=30237@2>. Acesso em 07 jul. 2017.

¹⁷ COSTA, Ben Hur Bernard Pereira. Da reconciliação entre casa e natureza: a emergência de morar pela mídia. 2016. 111f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2016 Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21514/1/BenHurBernardPereiraCosta DISSERT .pdf>>. Acesso: em 8 jul. 2018.

¹⁸ MACHADO, Rosane Dariva. A Casa Cor (re)inventando os lares contemporâneos e nos ensinando a viver "com estilo". Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil. Canoas, Rio Grande do Sul, p. 133. 2014. Disponível em: <<https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM183.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

¹⁹ BELEZA, Joana Dominguez Gonzalez Bouères. A vida social do livro: um estudo sobre representações sociais, cultura material e consumo. 2013. 170 f. Dissertação (Programa de Pós-

Boueres Beleza, da instituição Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, analisa-se o livro na contemporaneidade, pelo viés da Antropologia do Consumo e parte da análise aborda os espaços da Casa Cor Rio dos anos de 2011 e 2012.

Concluimos este estado da arte, a partir das buscas efetuadas e dos trabalhos encontrados, e averiguamos que há diversos estudos sobre a brasilidade que discorrem sobre as perspectivas filosóficas foucaultianas; que a heterotopia também é uma noção advinda dos estudos desse filósofo que irrompe em diferentes programas de pós-graduação. Quanto à chave de busca/tema a “Casa Cor” identificamos ser mobilizada como objeto de estudo por apenas duas recentes pesquisas, motivo pelo qual reconhecemos como relevante este estudo, tendo em vista sua singularidade ser a de orquestrar assuntos que estão em debate pela comunidade acadêmica e ao mesmo tempo pela restrição na forma de abordagem da materialidade. É considerando essas mobilizações dos temas, Casa Cor, heterotopia e brasilidade, e essa singularidade em uni-los nessa dissertação, que se justifica a existência deste estudo, acreditamos na necessidade de buscar compreender o funcionamento do exercício de governamentalidade circunscritos às práticas discursivas acerca da brasilidade, visto que eclodem sistematicamente em diversas áreas do saber. A presente pesquisa se engendra a partir da seriedade de “rachar” os enunciados dos ambientes da Casa Cor São Paulo 2015, ao discorrer acerca da Brasilidade relacionando-o à análise do discurso pela perspectiva foucaultiana.

Portanto, ao tratar deste objeto considerando-o como discurso e ao inscrevê-lo nas relações de força em que se reúnem poder, saber e sujeito, coube-nos construir a seguinte problematização: porque os espaços da Mostra da Casa Cor 2015 parecem orientar as formas de viver dos sujeitos participantes desta exposição que se denomina detentora do que é o “bem morar” do brasileiro? Ordem discursiva para se colocar em questionamento, uma vez que requer a necessidade de se compreender os espaços inseridos nesses jogos de poder, ou ainda, explicitar que relações são essas que se exercem por esses espaços a fim de fazer emergir o seu papel. Para tanto, durante a pesquisa mobilizamos, pelas teorias foucaultianas, conceitos como

os da heterotopia²⁰, dispositivo²¹, jogos de governamentalidade²², processos de subjetivação²³. Diante disso, estabelecemos como objetivo geral desta dissertação compreender o modo como os ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor São Paulo 2015, inscritos nas práticas discursivas da brasilidade, funcionam como mecanismos do exercício da governamentalidade neoliberal e quais as condutas resultam desses processos de subjetivação para esses sujeitos da brasilidade.

Em acordo com objetivo geral definido, os objetivos específicos que nos orientaram pela pesquisa foram, (i) descrever as condições de emergência e de existência das práticas discursivas acerca da brasilidade inscritas no campo do design de interiores; (ii) compreender o modo de enunciabilidade em ambientes heterotópicos da Casa Cor 2015 e o exercício do dispositivo empreendido; (iii) estabelecer relações entre a heterotopia e as práticas discursivas inscritas nos ambientes da Casa Cor 2015 acerca da brasilidade aos processos de subjetivação; e (iv), por fim, analisar as séries enunciativas que discorrem acerca da brasilidade nestes ambientes heterotópicos, cujas imagens extraídas das revistas oficiais da mostra vislumbram quais condutas são resultantes dessa subjetivação para estes sujeitos da brasilidade neoliberal. Partindo da hipótese de que os ambientes de interiores domésticos do modernismo atuam como espaços disciplinares da população pelo exercício dos processos de objetivação e de subjetivação e que, na contemporaneidade, esses mesmos ambientes domésticos estão alinhados com a governamentalidade neoliberal, a nossa tese é a de que as imagens dos ambientes, divulgadas pela mídia da Mostra da Casa Cor 2015, cujo tema é Brasilidade, funcionam, orquestrados pela biopolítica, como um mecanismo heterotópico que conduz o sujeito neoliberal à política do branqueamento e de valorização daquilo que é internacional, em destaque à Europa e Estados Unidos da América.

Para alcançar esses resultados a pesquisa foi projetada a partir de quatro passos teóricos fundamentados em Foucault, o primeiro capítulo denomina-se *O saber: o design de interiores no layout das práticas discursivas acerca da Brasilidade* que estuda como inserir este objeto de estudo nas discussões acerca do discurso,

²⁰ A heterotopia é mobilizada já no primeiro capítulo, primeiro tópico “Do espaço ao discurso”, mais adiante há um aprofundamento sobre o assunto no segundo capítulo, segundo tópico “A heterotopia dos espaços de interiores domésticos pelo dispositivo da brasilidade”.

²¹ O dispositivo é estudado no segundo capítulo segundo tópico “A heterotopia dos espaços de interiores domésticos pelo dispositivo da brasilidade”.

²² Discorremos sobre os jogos de governamentalidade no segundo capítulo desta dissertação.

²³ Tratamos dos processos de subjetivação no terceiro capítulo desta dissertação.

busca tratar dos acontecimentos, das suas condições de emergência na contemporaneidade. Logo, o primeiro tópico busca compreender como o propósito da atividade do design de interiores, os espaços terrestres, tornam-se práticas discursivas²⁴. Já o segundo tópico desse primeiro capítulo, “O discurso da brasilidade” busca relacionar os espaços terrestres da mostra da Casa Cor São Paulo 2015 com o discurso da brasilidade²⁵.

No segundo momento, constituído pelo capítulo intitulado *O poder: a governamentalidade neoliberal projetando os outros espaços da brasilidade*, temos como objetivo observar como o saber e o poder se entrelaçam, a partir de um ou mais dispositivos que orientam esse mecanismo, na conexão dos domínios do design, da mídia, e da política, exercendo-se sobre a questão da brasilidade nesse evento midiático da construção civil, a Casa Cor²⁶. No primeiro tópico desse capítulo o estudo se orienta para entender como se engendram os espaços terrestres de interiores domésticos nos jogos de poder (disciplinar, segurança e na governamentalidade)²⁷. No segundo tópico deste segundo capítulo é inserida a questão da heterotopia. Nele, buscamos refletir o modo como os espaços de interiores domésticos em exercício pelos poderes disciplinares, da segurança e do neoliberalismo, contestam e contradizem as práticas sociais adequando-se à heterotopia²⁸.

O terceiro capítulo, *O sujeito: as subjetivações resultantes do assentamento da brasilidade neoliberal nos outros espaços da Casa Cor 2015*, busca refletir acerca de como o sujeito é impactado a partir dos discursos dos ambientes expostos nesse evento midiático. O primeiro tópico do capítulo terceiro, denominado “Processos de objetivação e subjetivação: espaço e discurso”, se orienta para conhecer as relações que os discursos da brasilidade, em soma com os espaços heterotópicos, possuem com os processos de subjetivação dos sujeitos²⁹. No segundo tópico do terceiro capítulo, intitulado “O sujeito neoliberal da brasilidade e as heterotopias” o foco é

²⁴ Ver capítulo 1 - “O design de interiores no *layout* das práticas discursivas acerca da brasilidade”.

²⁵ Avançar para “O discurso da brasilidade” (segundo tópico do primeiro capítulo).

²⁶ Estudo que se inicia no segundo capítulo “A governamentalidade neoliberal projetando os outros espaços da brasilidade”.

²⁷ Assunto do segundo capítulo, primeiro tópico “Os espaços de interiores domésticos: da disciplina, da segurança e da governamentalidade neoliberal”.

²⁸ A pesquisa discorre sobre estes assuntos a partir do, segundo capítulo, segundo tópico: “A heterotopia dos espaços de interiores domésticos pelo dispositivo da brasilidade”.

²⁹ Avançar para primeiro tópico do terceiro capítulo “Os outros espaços neoliberais detalhando os sujeitos contemporâneos da brasilidade”.

conectar os espaços, as heterotopias e os sujeitos considerando os meios midiáticos como elemento de relevância para os processos de subjetivação contemporâneos³⁰.

A brasilidade renderizada nas estruturas da Casa Cor São Paulo 2015, quarto e último capítulo, é destinado à análise das séries enunciativas, compostas por quatro espaços de interiores domésticos, que discorrem sobre a brasilidade, cujas imagens são divulgadas pelas duas revistas impressas do Grupo Abril/Casa Cor, e permite verificar quais condutas são resultantes dos processos de subjetivação exercidos pelos e nos espaços de brasilidade. O *corpus* constituiu-se das imagens correspondentes aos espaços de interiores domésticos dos quais os próprios profissionais, a partir do título do espaço, se posicionaram como espaços da brasilidade, portanto, são quatro imagens de espaços. Destes, dois ambientes foram expostos nas capas das duas revistas impressas da Casa Cor, a saber: a capa do Anuário³¹ da Casa Cor 2015, denominado de “Espaço Brasil de Pau a Pique”, desenvolvido por Roberto Migotto (Figura 09) e, na capa do *Book Collection*³², o espaço “A Casa da Gente”, da profissional Marina Linhares (Figura 10). Para completar a seleção, têm-se os espaços “Living do Colecionador Brasileiro” de Flavia Gerab Tayar (Figura 12) e o ambiente “Viver Brasileiro em Miami” de Myrna Porcaro (Figura 13).

Por fim, verificou-se que o *corpus* de análise aponta os espaços de interiores domésticos fotografados e divulgados nas duas revistas impressas da Casa Cor como espaços heterotópicos. Estes espaços outros possuem a característica de orientar condutas relativas à brasilidade aos sujeitos do bem morar. Regidos principalmente pelo dispositivo da brasilidade, mas também, pelo neoliberalismo, pela disciplina e pela segurança, esses espaços terrestres e heterotópicos movimentam processos diversos de objetivação e de subjetivação nos sujeitos dessa prática, o sujeito que fala e o que lê, ou o espectador da revista. A importância deste resultado carrega a questão sobre a diversidade e a amplitude existente de objetos de estudo da análise do discurso sob fundamentação foucaultiana.

³⁰ Estudo que se inicia segundo tópico, terceiro capítulo.

³¹ ANUÁRIO. **Casa Cor São Paulo 2015**. 1a. Ed. Editora Abril. São Paulo, 2015.

³² BOOK COLLECTION. São Paulo: **Casa Cor**. Editora Abril, 2015.

CAPÍTULO 1 - O DESIGN DE INTERIORES NO LAYOUT DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS ACERCA DA BRASILIDADE

A mobilização da questão dos espaços terrestres nas teorizações de Foucault é frequente, haja vista que os espaços estão presentes em suas reflexões sobre a loucura, a sexualidade, a segurança, as prisões, as escolas e a heterotopia³³, constituindo-se, assim, como um marco. Tratar do espaço terrestre pela perspectiva foucaultiana é relevante, sobretudo porque, de diversas maneiras, entrelaça poder, saber e sujeito. Às vezes, esse espaço terrestre é considerado como um tipo de dispositivo³⁴ (FOUCAULT, 1999)³⁵; ou como uma técnica do poder disciplinar (MACHADO, 1979); também como uma característica dos dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008); e ainda, como uma heterotopia (FOUCAULT, 2001). Como se encontra relacionado ao discurso, o espaço terrestre possui uma face discursiva e uma face não-discursiva³⁶. Visto que o presente estudo trata dos espaços da Mostra da Casa Cor, é importante conceber que o termo “espaço”, estará sempre referenciado na singularidade das teorizações foucaultianas. Diante deste uso singular do termo espaço³⁷ e sua produtividade para o estudo da Casa Cor 2015, um

³³ Na Conferência do Círculo de Estudos Arquitetônicos na Tunísia, África do Norte (1967), Michel Foucault apresenta uma ideia de ciência que teria por objetivo estudar espaços, que o filósofo denomina também como “outros” que contestam os espaços reais. Para o aprofundamento deste assunto, avançar para a página 20. A heterotopia, nesta pesquisa, têm seu entendimento pela sua aplicação nos espaços terrestres.

³⁴ Esse conceito foucaultiano será enriquecido teoricamente no segundo capítulo, segundo tópico “A heterotopia dos espaços domésticos pelo dispositivo da brasilidade. No entanto, de acordo com Fahri Neto (2010) parafraseando Foucault (1977) “um dispositivo é ‘um conjunto decididamente heterogêneo, comportando discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas’, enfim: do dito, tanto quando do não-dito; em segundo lugar, o dispositivo ‘é a natureza do elo que pode existir entre esses elementos heterogêneos’; e em terceiro lugar, o dispositivo é uma espécie de ‘formação, que num dado momento histórico, teve por função maior responder a uma urgência. O dispositivo tem, então, uma função estratégica dominante.’ (FAHRI NETO, 2010, p. 91).

³⁵ Em “História da Sexualidade: a vontade de Saber I”, Michel Foucault cita um dispositivo arquitetônico, ele afirma: “basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo. Os construtores pensaram nisso, e explicitamente. Os organizadores levaram-no em conta de modo permanente” (p.30).

³⁶ “A arqueologia propunha a distinção entre duas espécies de formações políticas, as “discursivas” ou de enunciados e as “não-discursivas” ou de meios. Por exemplo, a medicina clínica no fim do século XVIII é uma formação discursiva; mas ela o é em relação às massas e às populações que dependem de outro tipo de formação, e implicam meios não-discursivos, “instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos”(DELEUZE, 2005, p. 40-41).

³⁷ Nos saberes da arquitetura a questão acerca do termo espaço é também muito debatida, como podemos observar com a seguinte citação: “o conceito de ‘espaço’ certamente não é novo na teoria da arquitetura, mas pode ter muitos significados.” (NORBERG-SCHULZ, 1965, p. 449). Pelos saberes da

dos objetivos deste capítulo é o de compreender como a brasilidade modula as práticas discursivas do design de interiores, partindo da hipótese de que os espaços terrestres de interiores são práticas discursivas.

1.1 DO ESPAÇO AO DISCURSO

Para compreender como o “espaço” é considerado nas teorias de Foucault, tecemos uma breve explanação de como o termo foi aplicado em suas obras. Machado (1979, p. VIII) afirma que na obra *a História da Loucura (1961)* o filósofo “[...] procurou centrar-se nos espaços institucionais de controle do louco, descobrindo, [...] sobre a loucura e as relações que se estabelecem com o louco nesses lugares³⁸ de reclusão”. Na *História da Sexualidade I*, ao explicar a relação da questão da sexualidade com os colégios do século XVIII e sua organização espacial interna, Foucault (1999) aponta para um dispositivo arquitetônico que está envolvido com diversos aspectos atualmente considerados como parte dos saberes do design de interiores³⁹, o “[...] espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortina) [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Considerando o espaço como uma característica do mecanismo disciplinar, Machado (1979, p. XVII/XVIII) articula que:

[...] a disciplina é um tipo de organização do espaço. É uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. Isola em um espaço fechado, esquadrinhado, hierarquizado, capaz de desempenhar funções diferentes segundo o objetivo específico que dele se exige.

geografia, considera-se que "os espaços são demarcados e defendidos como os invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação." (TUAN, 1983, p. 4). Entretanto, considerando os limites da presente dissertação as discussões acerca da ideia de “espaço” pelo viés dos saberes das áreas comuns ao design de interiores como a arquitetura, e também da geografia, não serão aprofundadas para a análise do objeto mostra da Casa Cor.

³⁸ Sobre a relação entre os termos espaço e lugar é interessante apontar que: "Paolo Portoghesi define o espaço como um 'sistema de lugares' [...]" (NORBERG-SCHULZ, 1965, p. 450), assunto também debatido pelos saberes da área da geografia, cabe aqui considerar que “as idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa” (TUAN, 1983, p. 6).

³⁹ Trata-se da atividade multidisciplinar que “envolve a criação de ambientes internos [...] por meio da manipulação dos volumes espaciais, da colocação de elementos específicos e mobiliários, além do tratamento das superfícies” (BROOKER; STONE, 2014, p.12).

E nesse sentido, é possível listar diversos espaços terrestres que se assemelham aos ambientes classificatórios, individualizados, isolados. Aponta Castro (2014) similitudes entre os espaços escolares, hospitalares, as prisões e, por esta linha de pensamento, listam-se os próprios espaços residenciais e comerciais já que, também, através deles, os indivíduos desempenham funções. Para tanto, é relevante propor como exemplo primordial o edifício panóptico de Jeremy Bentham, dado que é definido como “edifício-máquina que produz disciplina” (SANTOS, 1988, p. 23). A Torre Panóptica possui sua funcionalidade pela arquitetura e interiores da seguinte maneira: “na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas [...] elas têm duas janelas, uma para o interior” (FOUCAULT, 2004a, p.165-166). Santos (1988, p. 23) destaca que “o esquema é tal que nunca os confinados sabem se estão sendo vistos ou não. Resultado: na incerteza, se vigiam a si mesmos” e, na sequência do texto, o autor revela que “Bentham propunha sua torre como ideal para prisões. Admite, porém, que funcionaria da mesma forma para escolas, hospícios, ambientes de trabalho” (SANTOS, 1988, p. 23). Ainda de acordo com este pesquisador, o alcance do projeto panóptico inspirou construções religiosas, centros educacionais, jardins zoológicos e até “soluções habitacionais para operários” (SANTOS, 1988, p. 24). Logo, o papel do espaço nas teorizações foucaultianas está no entrelaçamento do poder com saber e o sujeito, visto que tais espaços terrestres atendem a mecanismos disciplinares que, “esquadrinhando” o sujeito, permitem a produção de novos saberes.

Considerando, o acima exposto é possível vislumbrar os espaços da mostra da Casa Cor funcionando como um mecanismo disciplinar se, dado que funcionam da mesma maneira que “centros educacionais”, pois que espaços da mídia podem ser considerados discursos pedagógicos. Como ressalta Coracini (2005, p. 203), a mídia faz com que os discursos sejam “repetidos e ao mesmo tempo transformados em narrativas” bem como o “discurso pedagógico [que] simplifica a realidade, transformando-a numa narrativa que a torna verdade inquestionável, ao mesmo tempo em que facilita sua assimilação”⁴⁰.

⁴⁰ No entanto, esta discussão será retomada no segundo capítulo, primeiro tópico do capítulo.

Nos cursos de 1977 e 1978, denominado “Segurança, Território e População”, Foucault, em sua aula inicial (11 janeiro de 1978), defende a teoria dos espaços de segurança, o que seria uma das características gerais dos dispositivos de segurança. Nessa aula, o filósofo estabelece a relação entre os poderes (soberano, disciplinar e de segurança) e os espaços terrestres, tecendo as seguintes considerações:

[...] a soberania se exerce nos limites de um território, a disciplina se exerce sobre o corpo dos indivíduos e, por fim, a segurança se exerce sobre o conjunto de uma população. Limites do território, corpo dos indivíduos, conjunto de uma população tudo bem, mas não é isso e creio que isso não cola. Não cola, primeiro, porque o problema das multiplicidades é um problema que já encontramos a propósito da soberania e a propósito da disciplina [...] o fato é que o exercício da soberania em seu desenrolar efetivo, real, cotidiano, indica sempre, é claro, uma certa multiplicidade, mas que vai ser tratada justamente seja como a multiplicidade de sujeitos, seja [como] a multiplicidade de um povo. [...] A disciplina é um modo de individualização das multiplicidades, e não algo que, a partir dos indivíduos trabalhados primeiramente a título individual, construiria em seguida uma espécie de edifício de elementos múltiplos. Portanto, afinal, a soberania, a disciplina, como também, é claro, a segurança só podem lidar com multiplicidades (FOUCAULT, 2008, p.16-17).

Na continuidade de sua explanação, o autor aponta que na soberania já é possível considerar o espaço como aquilo que faz circular as ideias políticas e econômicas deste poder, fato que nos leva a pensar na discursividade dos espaços. Logo, o espaço para soberania era a possibilidade de fazer circular suas ideias; no poder disciplinar é a possibilidade de criar em um novo espaço terrestre vazio e fechado para o exercício das relações de poder (artificialidade); por fim, na segurança, o espaço terrestre é a possibilidade de “maximizar elementos positivos de um espaço pré-existente sem a necessidade de reconstruí-lo ou construí-lo do princípio (FOUCAULT, 2008). Ao tratar do dispositivo de segurança, o espaço torna-se, de acordo com Fahri Neto (2010), um mecanismo que funciona de modo a organizar essa segurança da população a partir de espaços pré-existentes, potencializando seus aspectos positivos, tornando-os polifuncionais, além de considerar sua adequação frente aos acontecimentos possíveis pela sua evolução. Isto é, “a segurança pensa o espaço como meio⁴¹” (FAHRI NETO, 2010, p. 128). Nesta direção, Santos (1988), em seu texto “O espaço e os jogos (do Poder), capítulo do livro *A cidade como um jogo*

⁴¹ Foucault (2008, p. 27) "O que é o meio? É o que é necessário para explicar a ação à distância de um corpo sobre outro. É, portanto, o suporte e o elemento de circulação de uma ação."

de cartas, afirma que os projetos arquitetônicos do século XVIII foram “instrumentos disciplinadores”, estratégias políticas desenvolvidas por políticos e não por arquitetos, já que, “não sai das pranchetas”, e que essas seriam “[...] as técnicas de governo de sociedades” (SANTOS, 1988, p. 22). O espaço então aparece no que tange ao poder disciplinar e ao mesmo tempo ao dispositivo de segurança, isto é, “a segurança é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina (FOUCAULT, 2008, p. 14). Assim, Deleuze (2005, p. 43, grifo do autor) explica, a partir dos estudos foucaultianos, que: “a fórmula abstrata do panoptismo não é mais, então 'ver sem ser visto', mas *impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer.*” Entretanto, vale considerar que Foucault, na obra *História da Sexualidade I* (1999), compreende que a função é, então, não de imposição, mas de conduta, de gerenciamento da vida da população.

Já na Conferência do Círculo de Estudos Arquitetônicos em quatorze de março de 1967, na Tunísia, África do Norte, em que Michel Foucault, novamente, dedicou-se a escrever sobre os espaços, o texto, publicado posteriormente e denominado *Outros Espaços* (1984), trata do que o próprio filósofo denominou heterotopia, uma ciência que tem por objeto de estudo os espaços (outros) que contestam os espaços reais. Esses espaços (outros) que o autor por vezes caracteriza como contra-posicionamentos são nomeados heterotopias⁴² que, ao contrário das utopias, possuem um lugar real. Michel Foucault (2001, p. 414-415) explica:

Há, inicialmente, as utopias. As utopias são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irrealis.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécie de contrapositionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior de uma cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécie de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente

⁴² Prado (2013, p. 19) afirma que a heterotopia de Foucault é o “lugar não tanto da dimensão histórica do sonho quanto da dimensão onírica da história.”

diferente de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias.

Nesse excerto, o filósofo afirma que as utopias são posicionamentos e espaços sem lugar real ou irreais, e que as heterotopias são contraposicionamentos e lugares fora de todos os lugares, mas efetivamente localizáveis. Para se compreender esta questão, faz-se necessário entender que posicionamento é considerado pelo próprio autor como “relações” e mais, é preciso compreender que “estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos” (FOUCAULT, 2001, p. 413). A pesquisadora Mariah Lopes de Oliveira Antunes (2017), a partir do referido texto sobre heterotopia, entende que o espaço é considerado por Foucault como "parte de uma problematização das práticas, dos modos de fazer e pensar, regulando os processos de circulação" (ANTUNES, 2017, p. 16), portanto, os espaços da contemporaneidade são, por este viés, posicionamentos ou contraposicionamentos em relação às práticas que existem na sociedade.

Enfim, nas teorias foucaultianas, pode-se dizer que os espaços são considerados como técnicas de governo, dispositivos disciplinares, ou ainda, como posicionamentos ou contraposicionamentos das práticas sociais e, conseqüentemente, também são considerados discursos. Nesta pesquisa, acredita-se que os espaços de interiores da Casa Cor são práticas discursivas inseridas nos discursos da brasilidade. Sendo assim, na continuidade da explicação da relação da questão da sexualidade com os colégios do século XVIII e sua organização espacial interna, Foucault (1999, p. 30) afirma que “[...] tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças”. Ou seja, para o filósofo, os espaços “falam” sobre a sexualidade. Santos (1988), por sua vez, ao explicar a relação do espaço urbano com o tempo advoga que “[...] cada espaço fala de muitos tempos para leitores distintos” (SANTOS, 1988, p. 24). Campos e Tasso (2014) também, argumentam que a ideia do espaço heterotópico é operacional para a compreensão do funcionamento discursivo de seu objeto de estudo (site do museu da Casa de Portinari). Para tratar da questão os autores, utilizam-se da ideia do campo de estabilização, que se estabelece "quando um enunciado, em suas diferentes utilizações, obedece a um conjunto de limites" (CAMPOS; TASSO, 2014, p. 238), para esses autores trata-se "de um espaço que especifica e diferencia um enunciado de outro, no que se refere ao seu status discursivo", o que caracteriza, de acordo com os pesquisadores, uma “heterotopia de

estabilização”. Antunes (2017), por sua vez, defende em sua dissertação de mestrado que os espaços terrestres, relacionados ao seu objeto (a loucura após os movimentos antimanicomial), formam um conjunto que considera, também, as práticas e os discursos que nele estão contidos.

Deleuze (2005), por sua vez, aponta para o que chama de a “forma do visível” e a “forma do enunciável”, ou ainda, “forma do conteúdo” e “forma da expressão”, ao explicar, cita a questão da prisão, em que ambas as formas estão inter-relacionadas tanto que “[...] o direito penal não para de remeter à prisão, de fornecer presos, enquanto a prisão não para de reproduzir a delinquência, de fazer dela um 'objeto'” (DELEUZE, 2005, p. 42). Para este filósofo, quando Foucault se refere ao panoptismo, considera que há uma relação da forma do visível e a forma do enunciável, a relação concreta e abstrata do panóptico é que, ao mesmo tempo, é a “matéria visível” que permeia “as funções enunciáveis” (DELEUZE, 2005, 43).

1.2 O DISCURSO DA BRASILIDADE

Tendo em vista as reflexões e considerações anteriores, os espaços terrestres são, ao mesmo tempo, o meio em que os saberes e os poderes se exercem atingindo os sujeitos, mas também, uma materialidade discursiva que “fala” e é “lida” pelos sujeitos através dos seus elementos específicos de linguagem⁴³. Portanto, é na intersecção do discursivo e do não discursivo que este estudo compreende localizado o “espaço”. Importa considerar que o questionamento presente nesta parte da pesquisa se orienta em relacionar os espaços da mostra da Casa Cor 2015 com o discurso da brasilidade, já que os “povos buscam suas próprias identidades e cultuam tradições sempre em referência ao modo como permanecem ou se movem em territórios”, nesses territórios “instituições são construídas em referência aos centros urbanos – econômicos, residenciais e de lazer – de forma distinta, segundo diferentes rituais, valores ou ameaças” (PRADO, 2013, p. 09). Buscamos compreender a seguinte questão: como os espaços terrestres, alvo do design de interiores, estão

⁴³ É importante ressaltar que, sendo meio, o espaço terrestre se insere na genealogia foucaultiana e, sendo prática discursiva, o espaço terrestre também se insere na arqueologia foucaultiana.

inseridos no *layout*⁴⁴ das práticas discursivas acerca da brasilidade⁴⁵? Discursos e poder se relacionam, de acordo com Foucault, da seguinte maneira:

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 1999, p. 96).

Nesse jogo complexo do poder, os espaços possuem sua atuação. A questão é, como foi possível irromper, pelos espaços da Casa Cor São Paulo 2015, o discurso da brasilidade no design de interiores? Ou ainda, citando Foucault (2007, p. 30): "[...] como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?". Compreendemos, então, que o evento mostra da Casa Cor São Paulo 2015, cujo tema é a brasilidade, é um acontecimento discursivo para o design de interiores. Considerando, acontecimento discursivo como na explicação de Revel (2005, p.13) em que afirma que Foucault "define o discurso como uma série de acontecimentos, colocando-se o problema da relação entre os 'acontecimentos discursivos' e os acontecimentos de uma outra natureza (econômicos, sociais, políticos, institucionais).

Todavia, é essencial refletir, em busca de escavar o que se coloca no plano da visibilidade, qual, ou quais, acontecimento(s) discursivo(s) permitiu, ou permitiram, a (co)existência dos enunciados⁴⁶ que se encontram circunscritos a tais práticas discursivas. Pela Arqueologia do Saber (2007), acontecimentos discursivos são enunciados, visto que a análise discursiva trata

[...] de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus

⁴⁴ Sobre o uso do termo *layout* cita-se: "a planta baixa mostra o layout dos ambientes e a construção original. É como uma fatia horizontal do prédio [...] representando paredes, móveis, portas e janelas" (BROOKER; STONE, 2014, p. 58) e, mais a frente, os autores afirmam: "layout e apresentação. Conjuntos de desenhos [...] usados para contar uma história para um possível cliente ou um usuário do espaço" (BROOKER; STONE, 2014, p. 58).

⁴⁵ Objetivo específico deste trabalho, que auxilia o trajeto que a dissertação pretende traçar.

⁴⁶ Considerando que "[...] o enunciado [...] é a unidade elementar do discurso" (GREGOLIN, 2004, p. 24). E, ainda, "entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história, que envolve a própria materialidade do enunciado" (GREGOLIN, 2004, p. 26-27).

limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar " (FOUCAULT, 2007, p. 31).

Vale destacar que o tema brasilidade desmembrou-se pelos diferentes meios de divulgação do evento, em expressões como “O Brasil visto por dentro” (Figura 01); e, “yes, nós temos inspiração⁴⁷” (Figura 02). Ambos os enunciados inscritos no discurso da brasilidade da Casa Cor 2015 compõem sua materialidade pela linguagem verbal e imagética, que, de acordo com Tasso (2014), vem a se desgarrar dos exercícios de leituras cujas bases referenciais são anteriores aos saberes do século XIX. Alicerçada pela teoria foucaultiana em que o discurso é uma prática “[...] em cujo funcionamento forma sistematicamente os objetos de que fala” (TASSO, 2014, p. 117), a prática discursiva imagética confirma a sua legitimidade. Mesmo porque, "entre o discurso e a imagem – seja onírica, pictórica, alucinada, poética, política ou tudo isso –, há o trabalho da linguagem", que, por sua vez, "se confunde com o próprio discurso, ela se posiciona em face dele na construção imagética, como telas à vista ou como quadros de referências ocultas, e ela ocupa também o espaço mediador, a passagem do singular à sua pertença" (PRADO, 2013, p. 14).

Logo, ao observar as imagens correspondentes às Figuras 01 e 02, alguns elementos se destacam. A começar pelas folhagens em predominância, a coloração esverdeada em diversos tons, um chinelo e um instrumento musical, as fitas do Senhor do Bonfim, as canoas, e nos dizeres, o termo estrangeiro yes. Estes enunciados aparentam aproximar-se de outros antigos enunciados que Manguel (2001, p. 230) apresentou em seu estudo sobre Aleijadinho, em que a dualidade na ideia de uma identidade⁴⁸ brasileira consistia em ser um “país multicolor”, mas sua evolução deveria ser pautada nos padrões raciais europeus. Dessa forma, ao

⁴⁷ Na ocasião da banca de defesa o avaliador Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares apontou que há “uma retomada do verso enunciado da música ‘Yes, nós temos banana’ de Braguinha-Alberto Ribeiro, cujo teor foi de fazer uma crítica bem humorada aos americanos, que chamavam os países latino-americanos de ‘República das Bananas’. Que por sua vez, é retomada no carnaval de 1984 pela escola Mangueira com ‘Yes, nós temos Braguinha’. Para o professor Soares a Casa Cor retoma esse “enunciado fundador” resignificado na forma do ‘Yes, nós temos inspiração’”. (SOARES, 2019).

⁴⁸ Considerando que “[...] a identidade e a etnicidade são sempre construções históricas, e não heranças recebidas como parte de algum tipo de essência cultural ou biológica” (LESSER, 2015, p. 21).

observar as imagens das Figuras 01 e 02 há que se considerar presente nos enunciados verbais e imagéticos essa dualidade.

Figura 01 - Slogan da Mostra da Casa Cor São Paulo na *internet*.



Fonte: Casa Abril⁴⁹.

Figura 02 - Página do Anuário da Casa Cor São Paulo 2015



Fonte: Casa Cor⁵⁰.

⁴⁹ REDAÇÃO, Da. Ingressos para a Casa Cor São Paulo com preço promocional: compre agora. **Casa Cor**. 11 mai. 2015. Disponível em: <<https://casa.abril.com.br/profissionais/ingressos-para-a-casa-cor-sao-paulo-com-preco-promocional-compre-agora/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

⁵⁰ CASA COR. **Anuário**. São Paulo: Ed. Abril, n. 1, 2015.

A brasilidade, portanto, e de acordo com Coracini (2005, p. 202), é aquilo “que somos e o que vemos [que] está carregado, portanto, do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido”. Em sua pesquisa sobre “A celebração do outro na constituição da identidade” (2005), a autora afirma que a questão da identidade brasileira constitui-se “pela imbricação de discursos outros [...] - dentre os quais o discurso do estrangeiro” (CORACINI 2005, p. 218), nesse discurso há o enunciado de que o que “o que vem de fora é sempre melhor e, de outro, um nacionalismo exacerbado que se traduz por elogios e qualidades atribuídas a todo produto nacional” (CORACINI 2005, p. 218).

É nessa região de conflitos e tensões – entre a extrema valorização do outro, da cultura e da língua do outro e a extrema valorização da própria cultura e, conseqüentemente, entre a desvalorização da própria cultura e a desvalorização do outro –, onde se dá o deslizamento de sentidos, que se configura a subjetividade e a identidade do sujeito e da nação e, portanto, do brasileiro e do Brasil” (CORACINI, 2001, p. 218)

Essas referências descritas das imagens retomam o Brasil porque existem, de acordo com Coracini (2005) na memória discursiva, “alguns desses discursos, repetidos e ao mesmo tempo transformados em narrativas, vão constituindo a memória discursiva de um povo e construindo uma nação” (CORACINI, 2005, p. 203). Na qual a mídia com sua força pode ser considerada

responsável pelo sentimento de identidade que nos une para formar uma nação, um grupo social e, ao mesmo tempo, nos dá a medida da nossa singularidade, concedendo-nos a ilusão da unidade e da totalidade – efeito do congelamento, ainda que momentâneo, do discurso veiculado pela mídia (CORACINI, 2005, p. 203).

Por este mesmo caminho, Gregolin (2003), ao tratar do relógio que marcava a passagem dos 500 anos de descobrimento do Brasil, aponta que as mídias “desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade”, no entanto a autora completa “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN 2003, p. 97). Logo, ao tratar da noção de unidade de um povo a autora afirma:

a percepção de uma 'identidade', que aglutina os indivíduos em aspirações e sonhos comuns, constrói-se por meio desses símbolos que circulam no espaço social. Sob a forma de imagens reificantes, cujo enraizamento coletivo resulta da sua relevância histórica, tanto social como técnica, cada sociedade constrói seus 'símbolos coletivos' (LINK, 1986, p. 153) que alimentam o imaginário social. (GREGOLIN, 2003, p. 98).

No entanto, é preciso para o exercício de compreensão destes enunciados, considerar não apenas os enunciados imagéticos anteriores, mas toda a série de enunciados que formam o discurso da brasilidade da Casa Cor São Paulo 2015. E que, inclusive, requer a descrição das condições pelas quais esses enunciados (TASSO, 2014) da brasilidade na Casa Cor pode se constituir. É por este caminho que será necessário vislumbrar o arquivo, percurso também desenvolvido por CARVALHO (2013) que explica como compreendeu este elemento foucaultiano:

O arquivo não é, assim, matéria inerte, onde se preservam os conhecimentos, epistemes, culturas, saberes, mas é o próprio mecanismo da enunciabilidade em que as formulações atualizam dada memória. Trata-se do conjunto de regras que determinam o aparecimento ou apagamento de enunciados, o discurso efetivamente produzido em dado período e que continua a produzir sentidos no processo histórico (CARVALHO, 2013, p. 78).

O arquivo é, então, o conjunto de enunciados em que se observa regularidades, assim como essa positividade de enunciados ditos acerca da brasilidade, embora seja “evidente que não se [possa] descrever exaustivamente o arquivo de uma sociedade, de uma cultura ou de uma civilização; nem mesmo, sem dúvida, o arquivo de toda uma época” nem mesmo se possa “descrever nosso próprio arquivo, já que é no interior de suas regras que falamos” (FOUCAULT, 2007, p. 148). Sob tal conjuntura, consideramos ser necessário distanciarmo-nos no tempo e buscá-lo fora da contemporaneidade, “[...] a partir dos discursos que começam a deixar justamente de ser os nossos; seu limiar de existência é instaurado pelo corte que nos separa do que não podemos mais dizer” (FOUCAULT, 2007, p. 148).

É por esta orientação que Carvalho (2013) aponta, em sua tese, o “tropicalismo” como acontecimento no arquivo da brasilidade, e não o mandato de Gilberto Gil no ministério. Para o pesquisador, esse distanciamento é pontual para a compreensão dos acontecimentos e sua relação com o arquivo. Ao tratar do arquivo

da brasilidade, Carvalho (2013, p. 80) sugere que seu aspecto central são “os diversos discursos sobre a experiência de uma identidade brasileira possível” e, acrescenta:

[...] discurso poético, midiático, acadêmico, literário, etc [...] toda uma memória iconográfica das pinturas e artes plásticas, a história do cinema, da canção popular, a constituição do samba, toda uma antologia de corpos discursivos no futebol. [...] todo enunciado que tematiza e atualiza alguma memória sobre a experiência de ser brasileiro aos nossos olhos e a partir do olhar estrangeiro. O discurso do colonizador sobre o colonizado e o inverso (CARVALHO, 2013, p. 80-81).

Por este *layout*, citam-se as memórias da brasilidade dos discursos intrínsecos aos saberes da construção civil, seja nos designs de mobiliário, produto, interiores, arquitetura, paisagismo, engenharia civil. Há que se recordar o arquivo como o “sistema de seu funcionamento” e “[...] é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria”, é o sistema que “faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente” (FOUCAULT, 2007, p. 147-148). Para tanto, importa remover as camadas do discurso da brasilidade, como em uma restauração que, na remoção das tintas de uma parede, pode-se redescobrir outras tantas camadas de pinturas.

Sob tal perspectiva, é necessário observar no arquivo essa regularidade de acontecimentos discursivos que entrelaçam brasilidade e a Casa Cor São Paulo 2015. Daí, a possibilidade de se buscar o distanciamento no tempo e encontrar, como exemplo já exposto anteriormente, a relação da arte de Aleijadinho e as construções das Igrejas Católicas de Minas Gerais⁵¹ com seu estilo arquitetônico influenciado pelo barroco português. A relação entre a arte/arquitetura de Aleijadinho e a sua história pessoal se envolve com a questão da identidade brasileira, visto que “filho de um europeu e uma escrava [...] distinguindo-se na arte de seu pai, na arte dos senhores portugueses brancos” diante de uma questão política e religiosa cujo resultado desejado era, “[...] promover o mito do branqueamento, 'civilizar' o povo multicolor do

⁵¹ Vale a pena salientar que Maia (2014, p. 87) afirma que “[...] a arquitetura templar tornar-se-ia a maior e primeira representante da identidade nacional” e, na continuidade, pontua: “Mário de Andrade monumentaliza, ao mesmo tempo, a arquitetura religiosa, o estilo barroco e a religiosidade do povo brasileiro, somando em sua coleção de brasilidade, aspectos da materialidade e imaterialidade, num movimento simultâneo de “monumentalização da fé”, como lembrou Márcia Chuva (2009, p.73).” (MAIA, 2014, p. 87)

Brasil por meio de um processo de 'branqueamento espiritual'". Dessa forma, poderia o Aleijadinho “solapar esse mito por meio de sua exposição, assumindo a religião e a história dos 'brancos' [...] e depois esculpindo-as em seus próprios termos” (MANGUEL, 2001, p. 244-245).

Considerando estes entrelaçamentos entre a religião, a política e a questão dos espaços, seja no âmbito da arte, design ou arquitetura, visto que há uma proximidade forte entre esses saberes, encontramos neste arquivo da brasilidade outro “enunciado-acontecimento” (FOUCAULT, 2007, p. 147): o romantismo brasileiro que “teria como característica marcante a associação do particular da terra ao particular do ser, e, no limite das duas coisas, apareceria o índio” (MAIA, 2014, p. 51), compreendido como símbolo da autenticidade da nação. Nesse mesmo período, é importante ressaltar a inscrição da arquitetura como “espaço intelectual e simbólico de representação da nação” (MAIA, 2014, p. 49) e, também, o momento da consolidação do Estado Nacional por D. Pedro II, pois “era necessário, mais que nunca naquele momento, forjar representações e categorias nacionais que garantissem a unidade política e a identidade simbólica da nação” (MAIA, 2014, p. 71). Nestas tramas, o discurso da brasilidade adquire uma singularidade, isto é, passa a considerar

[...] a necessidade de se descobrir o “verdadeiro Brasil”, sua cultura autêntica, pois o momento político era propício. Para tanto, e imbuídos do espírito romântico, afirmavam ser preciso o estudo sistemático de suas ‘ruínas’, tanto de ‘povos’ como de ‘pedras’, localizando sua inserção no sentido de orientar a marcha da civilização em terras brasileiras. O movimento desses letrados era o de desvelar a nação para os próprios brasileiros, mergulhando na realidade local (MAIA, 2014, p. 71).

Nessa conjectura, o romantismo brasileiro e o “movimento desses letrados”, que consideram os “povos” e as “ruínas” para o “descobrimento” do “verdadeiro Brasil”, faz emergir no discurso da brasilidade a questão indígena e a questão dos escravos africanos e os seus descendentes. Na relação entre as Belas Artes e arquitetura, é importante ressaltar a obra de Manuel de Araújo Porto-Alegre, como afirma Maia (2014), integrante da AIBA⁵², “nenhuma obra publicada anteriormente

⁵² “Segundo Peixoto, a dimensão artística dos monumentos arquitetônicos seria desenvolvida com a criação, em 1826, da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA); em parceria, o IHGB e a AIBA, formarão os dois ramos principais de estudos para o amadurecimento dos conceitos de patrimônio artístico e histórico. Manuel de Araújo Porto-Alegre será o artista de maior destaque da AIBA. Suas interpretações

havia tão claramente exaltado os elementos peculiares da nossa pintura e arquitetura religiosas tradicionais, ressaltando-as como monumentos representativos de nossa nacionalidade” (MAIA, 2014, p. 80).

Na continuidade, esses enunciados que discorrem sobre a brasilidade pelos saberes da arte e da construção civil, não menos amarrados uns aos outros, nos campos da política e da religião, tal como os revestimentos que revestem nossos interiores, constituem o modernismo, que desponta como outro enunciado-acontecimento. Ainda de acordo com Maia (2014), o termo modernidade designa “[...] uma época radicalmente nova, que só tomou forma depois de ter perdido seu caráter puramente cronológico, passando a ser dirigido para o futuro” (MAIA, 2014, p. 81). Dado importante, visto que, na arquitetura, bem como nos interiores⁵³, pelos adeptos ao modernismo, há uma perceptível aversão “aos estilos históricos do passado, representados pela repulsa ao ornamento, considerado supérfluo⁵⁴” (MACHADO, 2014, p. 31-32).

Outro dado importante é que há uma divergência entre a política e a religião nesse momento. A religião como “forma de manutenção da coesão social, cedeu lugar para outro conjunto conceitual, definido como nação” (MAIA, 2014 p. 81), ideia confluyente com o momento histórico do país em que há a Proclamação da República em 1889. Santos (1988, p.41) afirma que “a nação, em busca de uma identidade [...] define seus mitos para ter como se apresentar”, para tanto, “a harmonia racial, a cordialidade, as riquezas naturais inconcebíveis e inexploradas, o novo modelo de *ordem e progresso*” são levantados como características relevantes. Há que se considerar, nesse momento, uma intensificação para a ideia de nação em detrimento da questão religiosa. Assim, com o início do movimento moderno no Brasil, em finais da década de dez, a questão da valorização da nacionalidade pelos modernistas é parte de “uma construção política adequada ao momento histórico das primeiras

sobre arte e arquitetura no Brasil e suas análises teóricas sobre os monumentos arquitetônicos religiosos, constituíram-se nos passos iniciais para a construção do conceito de patrimônio artístico nacional” (MAIA, 2014, p. 39)

⁵³ É relevante compreender que “A Escola Bauhaus, fundada no ano de 1919, pelo arquiteto alemão Walter Gropius em Dessau, na Alemanha, e uma das primeiras escolas de “design” do mundo [...] tendo sido de grande importância para a emergência do movimento moderno, com efeitos tanto para o design quanto para arquitetura” (CARVALHO, 2014, 34).

⁵⁴ “[...] posição claramente externada em um curto ensaio do arquiteto Adolf Loos, intitulado “Ornamento e Crime”, publicado em 1908. Além disso, concepções arquitetônicas modernas baseiam-se na funcionalidade e objetivam a criação de peças e de espaços abstratos e geométricos. (CARVALHO, 2014, p. 32)”.

décadas do século passado” (CARVALHO, 2013, p. 189). Nos períodos que se seguem ao movimento modernista brasileiro, há na sociedade um estado de alerta pela crise econômica da década de trinta, um maior “nativismo”⁵⁵. Como pontua Lesser (2015), o “branqueamento”⁵⁶ curvou-se ao “abrasileiramento”⁵⁷ e as políticas voltaram-se para a desvalorização dos imigrantes⁵⁸, o que culminou com a “campanha da ‘brasilidade’, que tomava como alvo os imigrantes em questões de integração nacional” (LESSER, 2015, p. 192). Pelo governo de Getúlio Vargas, seu objetivo era o de “homogeneização, [pelo qual se] buscava dissolver elementos distintivos e culturas minoritárias”, colocando como alvo “imigrantes japoneses e alemães, além de judeus, árabes e outros” (LESSER, 2015, p. 223). Neste clima em que a política defende a “ordem e o progresso” pautando-se em uma agenda de “abrasileiramento”, o modernismo, com suas bases no racionalismo, demanda a utopia das cidades modernas que apresentava o desejo de transformar a realidade, ignorando ou excluindo o que já era existente, organizadas em relação à razão, a racionalidade, e o distanciamento da história (BAUMAN, 1999). Assim:

Da República Velha aos tempos atuais abriu-se uma espécie de hiato no mundo urbano brasileiro. Ele ficou se reformulando: não era mais o que fora, mas nunca chegou a ser o que se queria que fosse. É significativo que, bem no início desse período, se tenha tentado construir um núcleo artificial que funcionaria como uma espécie de cidade padrão, modelo das novas expectativas para a ocupação do território, mudança da economia, gestão administrativa e política (SANTOS, 1988, p. 41).

⁵⁵ Ribeiro (2015, p. 240) adverte que “há, é certo, também no plano erudito, uma reação brasileira. Ela não é, porém, nenhum nativismo. Suas criações são conquistas do gênero humano que podiam ter surgido em qualquer parte”.

⁵⁶ Lesser (2015, p. 41) explica o branqueamento da seguinte maneira: “o branqueamento, como eles diziam, significava que a população poderia ser fisicamente transformada, passando de negra para branca por meio da combinação de casamentos mistos e políticas de imigração. O ‘sangue’ branco ‘forte’ passaria a sobrepujar o dos não brancos ‘fracos’, e a lei impediria a entrada de raças ‘fracas’”.

⁵⁷ Em relação às políticas de imigração é possível observar que “as mudanças que observamos na nacionalidade dos imigrantes, contudo, não devem sugerir que o conceito de branqueamento tenha se tornado menos importante. Ao contrário, o significado de ser branco sofreu uma nítida transformação no decorrer do século XX” (LESSER, 2015, p. 46), em conformidade com a ideia de “abrasileiramento” visto que “[...] a política de imigração da década de 1940 não era tão diferente daquela do século anterior, quando a política de branqueamento também era um componente de importância fundamental” (LESSER, 2015, p. 239)

⁵⁸ Ribeiro (2015, p. 367-368) aponta que o evento que marca o Modernismo no Brasil, a Semana de Arte Moderna, foi na realidade, em seu ponto de vista “[...] uma reação a este avassalamento, foi também por seu estilo a forma mais expressiva desse eurocentrismo”, isto é, essa invasão de imigrantes “[...] correspondeu uma europeização da mentalidade e dos hábitos” que mesmo sendo negada veementemente em favor de um “nativismo” é a própria afirmação desta europeização pela sua influência, o modernismo.

Nesse movimento, há no país ações tanto da iniciativa privada quanto da pública que refletem esse “pensar” a cidade como representação da evolução que se deseja à nação. Os empreendimentos de ordem privada voltam-se ao que Santos (1988, p. 43) aponta como culturalismo que, no Brasil, atuou de forma a “disseminar 'jardins' pelo Rio, São Paulo, por Belo Horizonte [...] Bairros novos, desenvolvimentos urbanos virgens, oferecidos ao consumo das classes emergentes” e, tempos depois, foi aplicado também na periferia. Já, na iniciativa pública, viabilizou-se pelo país o que Santos (1988, p. 43) afirma ser o “modernismo progressista”, movimento que defendia o desenvolvimento de cidades novas⁵⁹, do zero. Para Ribeiro (2015, p. 184), esse movimento tinha como função “[...] servir de pólo central ordenador da vida brasileira”. Sob tal ponto, concordamos com Santos (1988, p. 43) quando ele explica que esse “programa nacional” culminou em Brasília, cidade que Machado (2014, p. 67) informa ser a capital do Brasil idealizada pelo “urbanista Lúcio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer⁶⁰” durante o governo de Juscelino Kubitschek⁶¹. A capital brasileira ficou conhecida como uma “[...] síntese, símbolo e paradigma de uma fórmula de poder autoritário e ufanista, tão cara aos brasileiros, enfim consolidada no espaço” (SANTOS, 1988, p. 43).

É, também, durante o movimento modernista que os saberes do design se configuram no Brasil. Azevedo (2010) confirma as palavras de Santos (1988, p. 43) quando declara que os movimentos de urbanismo racionalista ou culturalista foram discursos importados da Europa e, que o discurso modernista brasileiro é uma “reação” fundamentalmente “europeizada”, ou seja, os saberes e o discurso do design brasileiro desponta como uma “assimilação de conceitos estéticos nacionais internacionais” (AZEVEDO, 2010, p. 51). Por fim, o modernismo brasileiro como um acontecimento discursivo em exercício pelos saberes da arquitetura e do design, se destaca a partir de sujeitos como Oscar Niemeyer, na arquitetura, fazendo-a “transpirar pela primeira vez a nível internacional” (AZEVEDO, 2010, p. 53). No design de interiores, ou ainda, no desenvolvimento de mobiliários, com o estúdio Palma, de Pietro Bardi e Lina Bo Bardi; com Joaquim Tenreiro; e com o próprio Oscar Niemeyer

⁵⁹ Ribeiro (2015, p. 184) cita Brasília, Belo Horizonte e Goiânia.

⁶⁰ Arquiteto expoente do que Azevedo (2010, p. 53) apresenta como “bossa nova da arquitetura” ou ainda “design moderno brasileiro”.

⁶¹ KUBITSCHKEK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Bloch Editores, 1975. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1039/573889.pdf>> Acesso em: 05 set. 2018.

e a sua cadeira módulo (AZEVEDO, 2010); já no paisagismo, têm-se Burle Marx que é considerado o criador do “paisagismo moderno⁶²” (TANURE, 2007, p. 63). Todos esses profissionais além de se inserirem no discurso da brasilidade modernista, lhe dão grande visibilidade colocando em exercício a relação do saber com o poder.

Enfim, longe de tentar traçar um caminho linear pelos fatos históricos da constituição da brasilidade, o que seria algo muito amplo e extenso, a busca pelos acontecimentos no arquivo da brasilidade, orientada pelo método arqueogenealógico, planejou distinguir “o que”⁶³ tornou possível o discurso da brasilidade pelo design de interiores, restituindo ao acontecimento as suas condições de emergência. Tendo em vista todo esse escalonamento⁶⁴ de acontecimentos de diferentes domínios, é possível compreender que o movimento modernista brasileiro atua como um enunciado-acontecimento, que projetou a questão da brasilidade nos saberes e práticas do design de interiores, arquitetura e paisagismo. Dadas relações de saber e poder, o modernismo no Brasil articulou a política da brasilidade com as práticas da área da construção civil se consolidando como condição de emergência⁶⁵ da Casa Cor São Paulo 2015.

Para além das condições de emergência, a análise arqueogenealógica sugere observar, ainda, as condições de (co)existência da Casa Cor São Paulo 2015, pois que, a direção da descrição enunciativa é “vertical” e busca as condições e as relações entre o domínio dos objetos que fazem “de uma série de signos [...] uma existência” (FOUCAULT, 2007, p. 123). É preciso reconhecer as condições de (co)existência do discurso da brasilidade na Casa Cor São Paulo, no ano de 2015, porque é preciso “[...] interrogar a linguagem, não na direção a que ela remete, mas

⁶² De acordo com Tanure (2007, p. 63) paisagismo moderno refere-se pela ruptura formal, aplicação das formas curvas, porém não buscando a naturalidade, mas, marcando a artificialidade da construção, repudia aos adornos, inclusão de formas geométricas não organizadas, e por final sem moldagem da vegetação.

⁶³ “Dispositivos operacionais propostos por Tasso (2003; 2005) [...] condições de emergência (o quê), condições de (co)existência (como) e condições de possibilidade (por quê)” (VALIM, 2017, p. 159).

⁶⁴ “Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento dos tipos de acontecimentos diferentes que não tem mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos. O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendram, uns a partir dos outros (FOUCAULT, 1979, p. 5)”.

⁶⁵ Foucault descreve a noção de condição de emergência como “o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.” (FOUCAULT, 2007, p. 103)

na dimensão que a produz” (FOUCAULT, 2007, p.126). Trata-se de revelar quais as condições de (co)existência desse enunciado, levando em conta que, “mais do que as coisas nos represent[e]m, elas nos constroem, nos fazem ser” (MERLO, 2016, p. 133). É por este caminho que Merlo (2016) propõe, em seu texto sobre “Design e Brasilidade”, que a população contemporânea do Brasil é composta por “consumidores de sensações”. Ele relaciona a brasilidade e a economia, considerando essa associação nada inovadora, já que o programa da brasilidade de Getúlio Vargas tem sua condição de (co)existência na crise econômica daquela época. Contudo, consideramos a observação de Merlo (2016) relevante para o presente estudo porque a Casa Cor é um evento de cunho midiático e de iniciativa privada, já que o seu objetivo é justamente o de “[...] movimentar o mercado de fornecedores e prestadores de serviço de arquitetura, decoração, design, construção civil”, além de, despertar “anualmente o desejo de milhares de potenciais e qualificados consumidores interessados no "bem morar" e no "bem viver”” (ABRIL, 2015, p. 5).

Em vista disso, cabe destacar a contribuição da ONU em relação às práticas econômicas para o desenvolvimento e paz mundial adotadas no ano de dois mil, com ações diversas que deveriam ser desenvolvidas até o ano de dois mil e quinze, cujo destaque são as soluções para o embate entre os “desafios e as dificuldades presentes na formulação e implementação de uma agenda comum em favor do desenvolvimento humano equitativo e inclusivo”, implicados na “promoção do desenvolvimento do país” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, BRASIL, 2016, p. 07).

É importante ressaltar também que as ações da ONU atuam em conjunto com as organizações privadas e públicas. Concomitante a essas ações da ONU no Brasil, têm-se, no período da Mostra, o governo de Dilma Rousseff, primeira mulher eleita para a mais alta posição hierárquica do governo brasileiro. Sua regência foi de dois mil e onze até dois mil e dezesseis, primeiro mandato completo e metade do segundo mandato, afastada do cargo por uma ação de impeachment (PRESIDÊNCIA, 2016). O seu mandato e o de seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, somam treze anos de permanência do Partido dos Trabalhadores governando o país (PT, 2015). O mandato de Dilma Rousseff sofreu com a baixa popularidade e problemas econômicos, cenário que possibilitou manifestações populares contra seu governo (ROUSSEFF, 2016).

De acordo com Faria (2016), ao analisar textos verbo-visuais das manifestações populares do período 2013-2014 contra o governo Dilma Rouseff, é possível vislumbrar o discurso da brasilidade e perceber certo “perfil de brasilidade característico do povo brasileiro” (FARIA, 2016, p. 116), por compartilhar “certos traços e apresenta[r] uma aparente homogeneidade” (FARIA, 2016, p. 115), esses traços apontados pela autora são o predominante uso das cores verde e amarelo e a presença constante da bandeira brasileira pelos manifestantes nas ruas. Esses traços, além de serem indicação da presença do discurso da brasilidade, também, são marcas da presença da mídia. Brinati e Mostaro (2018) afirmam que “ao reorganizar as representações de uma sociedade, a mídia torna-se agente influenciador importante na percepção que o indivíduo tem sobre determinado tema e contexto histórico” (BRINATI; MOSTARO, 2018, p. 275). A partir da mídia, a brasilidade conectou-se, também, com os grandes eventos esportivos ocorridos no país, essa relação é importante porque, como defende os autores Brinati e Mostaro:

Historicamente, o mercado, as instâncias governamentais e a própria mídia se aproveitam das competições em escala global para estimular o pensamento de união e superioridade da nação através do esporte, exacerbando, assim, o sentimento de identificação com o país (BRINATI; MOSTARO, 2018, p. 274).

Vale destacar, ainda, que no ano de dois mil e quatorze aconteceu a Copa do Mundo no Brasil. A mídia nacional (privada e pública) se valeu de expressões que inflavam a ideia de nação. Slogans como “O que é ser brasileiro”⁶⁶, “Mostra tua força Brasil”⁶⁷, “Ouse Ser Brasileiro”⁶⁸ e “Somos um só”⁶⁹ são exemplos dessas práticas, e, como afirma Merlo (2016, p. 137) sobre a relação festa, esporte e sentimento de união, “a brasilidade está presente na emoção, no sonho realizado de se sentir festejado e conhecido, sair da invisibilidade social e ganhar a condição planetária”, sentimento

⁶⁶ NOTÍCIAS, Uol. Governo federal lança propaganda para defender a Copa no Brasil. 2014. Disponível em: <<https://videos.bol.uol.com.br/video/governo-federal-lanca-propaganda-para-defender-a-copa-no-brasil-04028C9A3470C0815326>>. Acesso em: 09 set. 2018.

⁶⁷ REDAÇÃO. Melhor campanha publicitária: Itaú com "Mostra tua força, Brasil. Máquina do Esporte. Uol. 2015 Disponível em: <https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/melhor-campanha-publicitaria-itaui-com-mostra-tua-forca-brasil_27633.html>. Acesso em: 09 set.2018.

⁶⁸ MERIGO, Carlos. Nike estreia campanha "Ouse ser Brasileiro" para a Copa do Mundo em 2014. B9. 2 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/42824/nike-estrela-campanha-ouse-ser-brasileiro-para-copa-mundo-2014/>>. Acesso em: 09 set. 2018.

⁶⁹ BOLA, Copa do Mundo FIFA de 2014: 'Somos um só'; assista aqui ao filme "bola". Globo.com, 06 dez. 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novidades/esportes/noticia/2013/12/copa-do-mundo-fifa-de-2014-somos-um-so-assista-aqui-ao-filme-bola.html>>. Acesso em: 09 set. 2018.

que ganha proporção durante os anos de 2014-2017 já que foram sete os eventos esportivos que ocorreram no país durante esse período (BRINATI; MOSTARO, 2018). Esse quadro que reúne reprovação ao governo, eventos esportivos com divulgação global, disseminação pela mídia de propagandas com apelo à união da nação e as manifestações populares, estimularam e reacenderam a ideia de brasilidade.

Isso posto, valemo-nos do que afirma Márcia Merlo (2016, p. 133): “partindo do pressuposto antropológico de que tudo o que é humano é uma construção social e cultural dinâmica”, e consideramos, assim, o design como “uma atividade humana por excelência”, isto é, as atividades que compreendem o design de interiores são práticas sociais e, neste sentido, as tramas discursivas que tratam da brasilidade proporcionam ao design de interiores condições de (co)existência para a realização do evento midiático Casa Cor São Paulo 2015, que, por sua vez, trata exatamente da identidade nacional, haja vista “[...] a percepção de uma 'identidade', que aglutina os indivíduos em aspirações e sonhos comuns” (GREGOLIN, 2003, p.98).

É, justamente, uma questão econômica a relação entre brasilidade, mídia e eventos esportivos, por sua vez, essas questões econômicas movimentam ainda mais a mídia que se constitui, neste cenário, como condições de possibilidade da mostra Casa Cor São Paulo 2015. E são essas condições de possibilidade que asseguram a singularidade do enunciado visto que é “demasiado repetível para ser inteiramente solidário com as coordenadas espaço-temporais de seu nascimento”, contudo, “demasiado ligado ao que o envolve e o suporta para ser tão livre quanto uma pura forma” (FOUCAULT, 2007, 118).

A singularidade do enunciado também está na sua “permanência temporal que não tem a inércia de um simples traço, e que não dorme sobre seu próprio passado” (FOUCAULT, 2007, p. 118). Quer dizer, a inscrição do design, da arquitetura e do paisagismo no movimento modernista no Brasil como condição de emergência e o discurso da brasilidade como condição de (co)existência possibilitam que a Casa Cor São Paulo assumisse o contemporâneo discurso da brasilidade tornando-se um acontecimento enunciativo para a área da construção civil. Acontecimento singular, porque a brasilidade⁷⁰ assume novos dizeres envolvidos com a prática midiática movida pela economia contemporânea neoliberal instalada na sociedade brasileira.

⁷⁰ Cabe ressaltar que no âmbito arqueológico das teorias foucaultianas, a brasilidade é compreendida como enunciado e como condição de existência da mostra da Casa Cor 2015, premissas que não excluem o fato, de que esta pesquisa considerar a possibilidade de que a brasilidade inscrever-se

Ao discorrermos sobre o acontecimento e as suas condições, a presente pesquisa compreendeu os dispositivos operacionais, apresentados e desenvolvidas por Tasso (2016), a partir das ferramentas do “método arqueogenealógico foucaultiano” (VALIM, 2017, p. 159) aplicadas à análise imagética. A pesquisadora define as “condições de emergência” pelo questionamento “o que fez emergir esse discurso?”; as condições de (co)existência pelo questionamento “como se deu a existência deste discurso?” e, as condições de possibilidade pelo questionamento “por que este discurso foi possível?” (VALIM, 2017, p. 159). A partir da compreensão dos dispositivos operacionais e, para esquematizar o resultado dessa etapa da pesquisa, desenvolvemos um quadro representativo com base em Tasso (2016):

Quadro 01 - Dispositivos operacionais.

Proposta de leitura: Discurso da Brasilidade na Casa Cor São Paulo 2015		
Condições do Enunciado	Dispositivos Operacionais	Discurso da Brasilidade Casa Cor São Paulo 2015
Condições Emergência	O quê?	
Condições de Existência	Como?	
Condições de Possibilidade	Por quê?	
Foucault (2007)	Tasso (2016)	

Fonte: A autora, com base em Foucault (2007) e Tasso (2016).

também como elemento regente (no âmbito da genealogia) em práticas discursivas no campo do design de interiores.

Por fim, o quadro reafirma como estão organizadas as condições que determinaram a singularidade do enunciado-acontecimento “brasilidade na Casa Cor São Paulo 2015”. Vê-se a relevância do modernismo para inscrição da brasilidade nos saberes e práticas do design de interiores, arquitetura e paisagismo; o exercício da própria brasilidade na contemporaneidade em torno de uma sociedade de consumidores de sensações que, por sua vez, conectam mídia e economia possibilitando um evento tão importante aos saberes da construção civil discorrer sobre identidade nacional, valorizando os sentimentos de união pela nação. Logo, há que se questionar como essas práticas (políticas, econômicas e midiáticas), pelas vias discursivas e não discursivas, delineiam a brasilidade e se inserem no evento Casa Cor-brasilidade. O desenvolvimento desta dissertação nas próximas etapas orienta-se por esse caminho, busca observar como o saber e o poder se entrelaçam, a partir de um dispositivo que orienta esse mecanismo, na conexão dos domínios do design, da mídia e da política, exercendo-se sobre o discurso da brasilidade desse evento midiático da construção civil, a Casa Cor.

CAPÍTULO 2 - A GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL PROJETANDO OS OUTROS ESPAÇOS DA BRASILIDADE

[...] O soberano do território se tornou arquiteto do espaço disciplinado, mas também, e quase ao mesmo tempo, regulador de um meio [...] (FOUCAULT, 2008, p. 39)

Para compreensão de como os espaços são mecanismos dos jogos de poder e como se movimentam para esta trama até no que tange à brasilidade, cabe observar, a partir de estudos foucaultianos, o seu funcionamento disciplinar da esfera da sexualidade até o espaço biopolítico da governamentalidade e da brasilidade. Nesse sentido, cabe destacar que no livro “A História da Sexualidade, volume I” Foucault (1999) discorre sobre o crescimento exacerbado de dizeres sobre a sexualidade. Discurso que, inclusive, se faz presente pelo e no espaço terrestre, pois que “[...] habitam os espaços definidos (sexualidade do lar, da escola, da prisão)” (FOUCAULT, 1999, p. 47). Sendo assim, os espaços de interiores, sejam institucionais (públicos ou privados), ou residenciais, passam a adquirir a função de “tecnologia de controle” (FOUCAULT, 1999, p. 119) para disciplinar os indivíduos. Acresce que, em concordância com a citação inicial deste tópico, esses mesmos espaços terrestres acabam por se tornar ferramentas de regulação da população. É por este caminho que o presente tópico se guia, visando entender como se engendram os espaços de interiores domésticos nos jogos de poder, seja o poder disciplinar, o de segurança ou, ainda, da governamentalidade. Em um segundo momento, todavia, o foco será compreender como a brasilidade neoliberal orienta os outros espaços de interiores domésticos.

2.1 OS ESPAÇOS DE INTERIORES DOMÉSTICOS: DA DISCIPLINA, DA SEGURANÇA E DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL

Por esta direção, compreende-se que, em um primeiro momento, estes espaços de interiores foram projetados para as classes burguesa e proletária com objetivos diferentes. Foucault (1999) defende que os burgueses usaram seu “corpo” como instrumento de hegemonia e fizeram da organização dos espaços de interiores uma tecnologia de vigilância para que essa burguesia (século XVIII) alcançasse um corpo de “organismo são e sexualidade sadia” (FOUCAULT, 1999, p. 119). Enquanto para o proletariado, a adequação dos espaços de interiores surge da necessidade de

segurança da população, isto é, para evitar alguns riscos, sejam biológicos ou em relação à criminalidade, ou à violência, pois

O corpo e o sexo do proletariado só são problematizados, mais tarde no século XIX, quando já está disposta uma tecnologia de controle, de tipo disciplinar (escola, prisão, hospital) e de tipo biopolítico (higiene pública, sistemas de segurança, medicalização geral da população), que garantem a implantação da sexualidade no proletariado, sem os riscos que isso poderia apresentar para a burguesia (FAHRI NETO, 2010, p. 93).

Desta maneira, é possível visualizar algumas alterações dos espaços, no caso específico dos espaços de interiores domésticos, durante a recente história da sociedade⁷¹. Ao observarmos, por exemplo, o termo “domésticos” dados os espaços de convívio familiar privado, existe a trama doméstica com o poder disciplinar. Como bem aponta Machado (2014, p.124), há entre o termo doméstico e a ideia de família uma conexão, considerando que a palavra “doméstico” “é relativizada com a sua associação à casa ou à família”, além do mais, “[...] a palavra domesticar significa domar, docilizar ou educar para o convívio em sociedade”. Esse alinhamento do termo doméstico com a instituição familiar retoma questões importantes, visto que “[...] a noção de família nuclear, fixa, ordeira, constituída por pai, mãe e filhos, também foi uma construção cultural da sociedade moderna” (MACHADO, 2014, p. 124).

Entretanto, para Foucault (1999, p. 102), a família também é o “cristal” do dispositivo da sexualidade que, por sua vez, evolui do dispositivo de aliança. No livro “Tudo sobre a casa”, de Zabalbeascoa (2013), há uma afirmação sobre os dormitórios que é análoga aos entendimentos de “A História da Sexualidade I” (1999). Naquela obra, a autora defende que foi pela “intimidade” e “privacidade” que se deu a existência dos dormitórios “modernos”. As mudanças advindas de uma “classe média nova e primitiva”, de acordo com a pesquisadora, e sua “relativa prosperidade [...] reflete-se na redistribuição da casa” (ZABALBEASCOA, 2013, p. 09)⁷², isto é, espaços denominados como domésticos onde se organizam os indivíduos em grupos familiares. Para a jornalista e historiadora:

Até o final do século XVIII não havia surgido a ideia de intimidade e, portanto, não se considerava imoral nem incômodo compartilhar

⁷¹ Nesta pesquisa consideramos a sociedade europeia e a brasileira.

⁷² Zabalbeascoa, 2013, p. 09, do capítulo “Dormitório” e-book “Tudo sobre a casa”.

o quarto com um desconhecido. Quando isso começou a incomodar, produziu-se uma mudança sem volta (ZABALBEASCOA, 2013, p. 23)

Em harmonia com as teorizações foucaultianas, tal conduta circunscreve-se sob o regime do dispositivo da sexualidade. Essa conduta interviu na maioria das residências⁷³ sobre o mobiliário “cama”, que é elemento constituinte dos dormitórios dos espaços domésticos. De acordo com Zabalbeascoa (2013), o quarto tornou-se um ambiente restrito, a cama que anteriormente era o centro do cômodo, exibida com destaque, passou a ser até escondida. Começaram a aparecer camas dobráveis, móveis-camas ou bicamas, para que se pudesse utilizar do espaço (livre do mobiliário) durante o dia, em razão de ter se transformado em uma péssima prática deixar outra pessoa usufruir deste móvel. É importante ressaltar que a sala e a sala de jantar eram, junto com o dormitório, o maior e mais central cômodo de um espaço doméstico. É por este motivo, que a autora considera de grande relevância o momento em que ocorre a separação do dormitório deste grande espaço central. Em relação aos efeitos da mudança ocorrida nos/pelos dormitórios, Zabalbeascoa (2013) afirma:

O lugar do descanso definiu as moradias não só em termos arquitetônicos, mas também sociologicamente a história da cama será decisiva para compreender a evolução das atitudes sociais, sexuais e higiênicas dos seres humanos (ZABALBEASCOA, 2013, p. 01).

Se instrumento ou efeito de poder, de fato, o que se pode constatar é que os dormitórios e seus elementos constituintes, neste caso, a cama, podem ser considerados, em um primeiro momento, como tecnologia de um poder disciplinar.

Outra peça do espaço domiciliar que merece destaque é o banheiro. Cômodo que demorou muito a adentrar no espaço interno doméstico e que, quando, enfim, estava inserido à casa não obteve local fixo por tempo considerável⁷⁴. De acordo com os registros, “até o século XVI, a tina de banho era compartilhada da mesma maneira que um dormitório ou um caldeirão de comida” (ZABALBEASCOA, 2013, p. 09)⁷⁵. Não obstante, com a aproximação do século XVI “a nudez, tão popular e natural durante e

⁷³ Vale ressaltar que Zabalbeascoa (2013) aponta, durante seu texto, as diferenças entre as práticas da população e as dos palácios, neste caso ainda tratava o móvel elemento de exibição.

⁷⁴ De acordo com Zabalbeascoa (2013), a demora é devido à falta de conhecimento tecnológico e hidráulico.

⁷⁵ Zabalbeascoa (2013), p. 09, do capítulo “Banheiro” e-book “Tudo sobre a casa”.

época medieval” foi difamada⁷⁶, ocorrendo o “desaparecimento dos banhos públicos” junto da “negligência da higiene íntima”. Para a autora e jornalista foi “uma das épocas mais escuras e sujas da história” (ZABALBEASCOA, 2013, p. 11). Com efeito é, pela questão higiênica e relativas à saúde que o retorno ao banho acontece em torno do séc. XVIII. Mas, cabe frisar que isso ocorre dentro dos espaços domésticos, ou seja, o ato é privado e, normalmente, estabelecido em pequenos locais, por sua vez, inseridos dentro dos dormitórios (discrissão). Ponto que, também, pode se aproximar das teorias foucaultianas sobre o dispositivo da sexualidade, pois, ao tratar da sexualidade da classe burguesa (século XVIII) o filósofo afirma “[...] se atribuiu um corpo para ser cuidado, protegido, cultivado, preservado de todos os perigos e de todos os contatos, isolado dos outros para que mantivesse seu valor diferencial” (FOUCAULT, 1999, p. 116), questão disciplinar.

O valor diferencial do corpo para a classe burguesa, portanto, também está na sua relação com o espaço terrestre, isto é, a relação corpo e espaço altera a visão sobre a posição social/econômica deste corpo que habita. Dessa forma, ao refletir sobre os jogos de poder que intervêm esse corpo nesse espaço de habitar/morar da brasilidade, há que se considerar que o poder disciplinar pode engendrar o enquadramento dos espaços de interiores domésticos para as características que definem a brasilidade. Sobretudo, na busca pela aproximação da organização das residências brasileiras com as residências europeias e norte-americanas, e a não utilização das soluções indígenas e afrodescendentes para estes espaços. Fato que pode ser visualizado desde o período colonial, como afirma Ribeiro (2015, p. 111):

As casas dos novos núcleos se reduzem enormemente de dimensão em relação às malocas indígenas porque, em lugar de acolherem famílias extensas, abrigando centenas de pessoas, agora abrigam famílias menores ou a escravaria. Melhora, porém, a técnica de edificação com o emprego da taipa e do adobe cru na construção das casas mais humildes, e de tijolos, pedras, cal e telhas para as senhoriais. Simultaneamente, as residências das gentes mais rica se engalanam com um mobiliário mais elaborado, deslocando as redes de dormir para dar lugar as catres; as cestas trançadas, substituídas por canastras de couro ou arcas de madeira; a que, mais tarde, se somariam mesas, bancos, armários e oratórios.

⁷⁶ Isto acontece, de fato, pela ideia de promiscuidade, em países como a França, antes de Francisco I fechar os banhos públicos, homens e mulheres já se banhavam em dias separados, por fim as epidemias de sífilis foram mais um motivo que inflamaram a ideia de não se assear. (ZABALBEASCOA, 2013).

Neste caso, o autor trata dos neobrasileiros e de como ocorreu o desenvolvimento da sociedade em meados do século XVIII. Nesse trecho, vê-se a diferenciação do espaço terrestre onde mora o corpo dos diferentes núcleos sociais e econômicos da sociedade da época, contrastes que ainda estão presentes nos discursos sobre as características da brasilidade na contemporaneidade. Porém, essas mesmas características se apresentam discursivamente de forma singular, visto que, na atualidade, as casas de taipa e de adobe cru, aparecem na mídia em uso para espaços de interiores permeados de outros enunciados, em alguns expõe a valorização do luxo pela simplicidade. Como exemplo, cita-se a reportagem do site do jornal *Gazeta do Povo*, em que a taipa aparece no título do artigo: "Primeiro sistema construtivo do Brasil, parede de taipa vira revestimento com pegada moderna"⁷⁷, de cujo texto destacamos:

Se a onda retrô já era prova de que um ambiente pode ser valorizado pelo que foi usado no passado, o uso da taipa em mostras de decoração só reforça essa idéia [...] E é pela sua simplicidade que tem sido o protagonista do Lounge Brasilidades da Casa Cor Paraná 2018, assinado pela arquiteta Vânia Toledo Martins (SARAIVA, 2018).

Nesse mesmo trajeto reflexivo, em que os espaços de interiores domésticos movimentam-se pela diferenciação dos corpos dos grupos sociais, é possível observar em alguns trechos da obra "Segurança, Território e População" (2008) que o filósofo aponta que o governo da casa ou da família significa essencialmente "ter como objetivo, como meta, os indivíduos que compõem a família, sua riqueza, sua prosperidade" (FOUCAULT, 2008, p. 129). Nessa articulação pode-se compreender como se manifestaram os espaços de interiores domésticos disciplinares e seus elementos constituintes. Por exemplo, a cozinha "moderna", um espaço desenvolvido apenas para a atividade de cozinhar e, portanto, "poderia diminuir de tamanho", já que "menor, ela exigiria menos movimentos para a execução das mesmas tarefas". Os profissionais da área consideravam a cozinha como "a marca registrada dos cuidados científicos com o lar – isso em um momento no qual a arquitetura moderna propunha

⁷⁷ SARAIVA, Aléxia. Haus. Decoração. **Gazeta do Povo**. 30 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/casa-cor/primeiro-sistema-construtivo-brasil-taipa-revestimento/>>. Acesso em: 17 dez. 2018

uma nova casa, uma máquina, um novo modo de se morar” (RUBINO, 2010, 352-353).

Com objetivo de estabelecer ainda mais uma relação do espaço terrestre de interiores doméstico com os poderes disciplinar e a biopolítica, podemos citar como exemplo, pelo artigo de Rubino (2010), a Casa de Vidro desenvolvida por Lina Bo Bardi⁷⁸. Desta forma, importa destacar que a arquiteta não projetou nenhum sofá para este lar do modernismo, segue em citação:

[...] poltronas são parte dos espaços masculinos da casa, em oposição aos sofás, exatamente porque as primeiras permitiam apenas uma pessoa sentada, o homem da casa, compenetrado ou se recuperando do trabalho no ambiente exterior, em oposição ao sofá, cujas qualidades eram mostradas com uma mulher ali sentada com sua prole. 358

A autora acrescenta que, neste caso, talvez, Lina Bo Bardi não tenha colocado um sofá na casa porque a arquiteta estava “revertendo a teatralidade do espaço doméstico” (RUBINO, 2010, p. 358), isto é, a cozinha da casa disciplinar era objetiva para cumprir a sua missão, bem como a poltrona e o sofá da casa disciplinar ordenava aos indivíduos integrantes da família qual era seu lugar nas práticas sociais.

Em vista disso, há que se acrescentar que os espaços domésticos podem ser considerados como espaços de normação (FOUCAULT, 2008, p. 75). Observa-se que, em coerência com as ideias foucaultianas, a normação “[...] consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado”, assim são consideradas, “as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz” (FOUCAULT, 2008, p. 75). Dormitórios e suas camas, por exemplo, individualizam o sujeito pela ideia de intimidade e privacidade, e vai separando, ordenando os indivíduos em seus espaços domésticos, familiares. Acrescenta-se também, a hierarquização do espaço doméstico em concordância com a instituição familiar, as poltronas para os homens-líderes das famílias e os sofás para mulheres donas da casa.

Paralelamente, os espaços de interiores domésticos podem ser considerados como espaços de normalização, pois que, de acordo com Foucault (2008), isso

⁷⁸ *Acchilina di Enrico Bo* nasceu em 1914 em Roma e se formou em Arquitetura em 1939, filiou residência no Brasil junto ao seu marido em 1950 de acordo com Rubino (2010).

acontece quando o que se torna relevante é a “identificação das diferentes curvas de normalidade” (FOUCAULT, 2008, p. 82) para que “essas diferentes distribuições de normalidade” possam funcionar “umas em relação às outras” (FOUCAULT, 2008, p. 83). Trata-se da prevenção às doenças pela higienização dos lares, o cuidado com os dormitórios e banheiros nos espaços domésticos de toda uma população possível, entre outros exemplos. Dessa feita, o que importa aos espaços não é mais a “segurança do príncipe e do seu território, mas segurança da população e, por conseguinte, dos que a governam” (FOUCAULT, 2008, p. 85).

Na moradia brasileira, de acordo com Rubino (2010), é possível detectar uma situação de normação e de normalização, e que ao mesmo tempo singulariza os espaços terrestres de interiores domésticos brasileiros perante o estrangeiro. Na “Casa de Vidro” de Lina Bo Bardi havia as dependências das “empregadas”, dado que resultou em críticas como a de Giò Ponte “havia ali um segredo, uma vinculação da italiana Lina aos problemas insuperáveis do Brasil, à aceitação do trabalho servil” (RUBINO, 2010, p. 351). Essa utilização das dependências para empregadas nas casas brasileiras é resquício do escravismo e da valoração do senhorio colono, pode ser compreendida de acordo com a normação e com a normalidade. A normalidade pela preocupação na separação dos corpos no espaço com a finalidade relacionada à saúde e higienização de um grupo.

Essa característica da casa brasileira possuir espaço para empregadas também pode ser atribuída à questão da biopolítica. Visto que, população se relaciona com uma forma de poder discrepante da soberania e da disciplina, um poder que Foucault (2008) denomina como a biopolítica. A biopolítica “tende a tratar a “população” como um conjunto de seres vivos e coexistentes, que apresentam características biológicas e patológicas específicas” (FOUCAULT, 2008, p.494 - grifo do autor), o que significa dentre outras coisas que a população “não é essa espécie de dado primitivo, de matéria sobre a qual vai se exercer a ação” (FOUCAULT, 2008, p. 93) é, sim, “um dado que depende de toda uma série de variáveis”. Porém, a população também é constante e regular, pois que, observando as estatísticas há “constância dos fenômenos que se poderia esperar que fossem variáveis”. O filósofo enumera, para exemplificar, tabelas de mortalidade, de acidentes, de natalidade, as proporções de causas de mortes, diferenciais entre homens, mulheres, adultos e crianças, e situações urbanas e rurais. Para apontar que “esses fenômenos que

deveriam ser irregulares, basta observá-los, olhá-los e contabilizá-los para perceber que na verdade são regulares” (FOUCAULT, 2008, p. 97).

Dada a variabilidade e a regularidade da população é possível reconhecer que esse conjunto de seres humanos é “acessível a agentes e a técnicas de transformação” (FOUCAULT, 2008, p. 95). Isso ocorre porque essa população tem como razão para suas ações o desejo. Foucault (2008, p. 95) considera o desejo “aquilo por que todos os indivíduos vão agir”. A “produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo: é o que marca ao mesmo tempo na naturalidade da população e a artificialidade possível dos meios criados para geri-la”. A gestão ou o governo da população, ou ainda, a governamentalidade, define-se como um Estado de governo “[...] que tem essencialmente por objeto a população e que se refere [a] e utiliza a instrumentação do saber econômico, corresponderia a uma sociedade controlada pelos dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 145-146).

Nesse sentido, o dormitório também Figura como tecnologia de um dispositivo de segurança, tendo em vista , pela questão da higienização dos espaços domésticos, pode-se citar “a introdução da roupa de cama de algodão (que podia ser fervida para matar os percevejos)” e, ainda, o modismo das camas de tubos metálicos que sendo “mais limpas, elas repeliam os percevejos”, afirma Zabalbeascoa (2013, p. 21)⁷⁹. Quanto aos banheiros, foi apenas no século XX que se considerou o ato de tomar banho, uma ação legitimada pelos saberes da ciência, como uma questão de higiene. Anaxu Zabalbeascoa (2013) assevera que os banheiros dos espaços domésticos, como se conhece na atualidade, aconteceram por aquele século, e foi popularizado posteriormente. Já, os banheiros públicos, sem sucesso entre a população, viraram serviços disponibilizados apenas para os bairros mais pobres. Em ambas as situações, os banheiros, público ou privado, conjeturam com as questões de segurança, ou seja:

[...] para que o proletariado fosse dotado de um corpo e de uma sexualidade, para que sua saúde, seu sexo e sua reprodução constituíssem problema, foram necessários conflitos (especialmente com respeito ao espaço urbano: coabitação, proximidade, contaminação, epidemias, como a cólera de 1832 ou, ainda, a prostituição e as doenças venéreas) (FOUCAULT, 1999, p. 119).

⁷⁹ Zabalbeascoa, 2013, p. 21, do capítulo “Dormitório” e-book “Tudo sobre a casa”.

Nesse sentido, Lina Bo Bardi e a Casa de Vidro refletem a casa brasileira permeada pelo “interesse do desejo”, visto que a arquiteta adere à característica das dependências para empregadas, considerada “uma vinculação [...] aos problemas insuperáveis do Brasil” (RUBINO, 2010, p. 351).

Em suma, entendemos que há os espaços de interiores domésticos disciplinares e os espaços domésticos da segurança e os da biopolítica (FAHRI NETO, 2010, p. 160), portanto, existem, assim, espaços domésticos da governamentalidade. É importante pontuar que os espaços, em relação aos poderes, foram exibidos pela pesquisa de maneira separada, todavia, têm-se consciência que, esta maneira de compreensão auxilia a pesquisa pela forma didática, ainda que, como aponta o filósofo:

Não há a era do legal, a era do disciplinar, a era da segurança. Vocês não têm mecanismos de segurança que tomam o lugar dos mecanismos disciplinares, os quais teriam tomado o lugar dos mecanismos jurídico-legais. Na verdade, vocês têm urna série de edifícios complexos nos quais o que vai mudar, claro, são as próprias técnicas que vão se aperfeiçoar ou, em todo caso, se complicar, mas o que vai mudar, principalmente, é a dominante ou, mais exatamente, o sistema de correlação entre os mecanismos jurídico-legais, os mecanismos disciplinares e os mecanismos de segurança (FOUCAULT, 1999, p. 11)

Em síntese, para visualizar estes espaços de interiores domésticos disciplinares citou-se como exemplo a ideia da movimentação dos dormitórios e dos banheiros pela burguesia, cuja função era se contrapor aos espaços anteriores que, antes, compartilhados, agora, passam a ser considerados libertinosos. No Brasil, estes espaços privados não libertinosos são introduzidos nas práticas do design e da arquitetura pelos profissionais da arquitetura e do design “moderno”. Alguns, desses profissionais, já foram, inclusive, citados no capítulo anterior. Aqueles, e tantos outros, como Sérgio Rodrigues⁸⁰, inspirados pelas escolas europeias, seguiram as ideias da Bauhaus⁸¹, cujo discurso era “a forma segue a função”. A Bauhaus compreendia a casa como “racional, confortável, de pura utilidade”, ou melhor, “uma boa máquina para se morar, com simplicidade de linhas e compatível com as exigências

⁸⁰ Visto que “a Enciclopédia Delta Larousse o define como “o criador do móvel brasileiro”” (ZAPPA, 2015, p. 04).

⁸¹ “Criada por Walter Gropius, em abril de 1919, a escola Bauhaus de design, artes plásticas e arquitetura, subsidiada em grande parte pela República de Weimar, que funcionou até 1933” (ZAPPA, 2015, p. 08).

mecanizadas” (ZAPPA, 2015, p. 09). Quando se percebeu que a higienização e organização dos lares era eficiente para a segurança da população, esses espaços de interiores domésticos disciplinares, modulados pelo discurso modernista, foram aplicados a toda população a partir do pacto de segurança⁸². Neste caminho, é possível citar como pacto de segurança a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948⁸³, no Brasil, representada pela Constituição Cidadã de 1988⁸⁴. A constituição afirma que o direito à moradia não está em vigor entre os “direitos sociais”, mas, que é “direito dos trabalhadores urbanos ou rurais” que seu salário mínimo lhe dê condições para ter acesso, por exemplo, à moradia. Neste mesmo documento, há, também, o artigo 23, que confirma ser da competência do Estado “promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico” (GUIMARÃES, 1988, artigo 23, parágrafo IX), vindo a ser inserido como direito social posteriormente⁸⁵. Os espaços de interiores domésticos da segurança, e do pacto de segurança são, como exemplificado anteriormente, aqueles que levam em consideração questões da saúde e higiene, por isso, é de direito social que todos indivíduos tenham moradia adequada, assim como praticidade na limpeza e higienização. Em vista disso, verifica-se que a relação da população com o Estado é conectada pelo pacto de segurança, também, pelo direito à moradia. Dado que se aproxima da reflexão de Fahri Neto (2010, p. 117-118), cuja ideia é a de que “o Estado toma para si a responsabilidade de organizar uma série de mecanismos capazes de reduzir as concorrências danosas e ocasionais e controlar seus efeitos”.

É possível retomar a discussão acerca da brasilidade na contemporaneidade ao se tratar do pacto de segurança na relação dos espaços de interiores com a questão ambiental. O discurso do uso das técnicas indígenas e afro-descendentes de

⁸² “O pacto de segurança, pacto que é a condição de aceitabilidade das suas relações do Estado com a população, cuja segurança é sua função garantir” (FAHRI NETO, 2010, p.118).

⁸³ HUMANOS, DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

⁸⁴ GUIMARÃES, Ulysses. A Constituição cidadã. Discurso pronunciado pelo Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Deputado Ulysses Guimarães, na Sessão, v. 27, 1988. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 18 set. 2018.

⁸⁵ Cabe informar que foi somente em 1992, pelo Decreto de número 591, que o governo brasileiro afirmou cumprir o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da ONU de 1966, em que se define que o direito à moradia deverá levar em conta uma moradia adequada. BRASIL; PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CASA CIVIL, SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Decreto nº 591, de 6 de julho de 1992. Atos internacionais. Pacto internacional sobre direitos econômicos, sociais e culturais. Promulgação. **Diário Oficial da União**, 1992. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0591.htm>. Acesso em: 19 set. 2018.

construção e de decoração do espaço de interiores já mencionados, o pau a pique, que era considerado útil para as casas mais simples dos trabalhadores, é revisitado num discurso inscrito na questão da consciência ambiental. Nesta direção, há matérias como a do Jornal Tribuna de Minas, de Gracielle Nocelli, que diz “Bioconstrução: o pau a pique de volta em projetos para novas moradias. Para reduzir impactos ambientais, profissionais usam pedra, barro, bambu e madeira”⁸⁶.

Enfim, os espaços terrestres de interiores domésticos da disciplina agora popularizados, e já atuando pelo pacto de segurança, atingem outra esfera, a da governamentalidade liberal e neoliberal, observando que a governamentalidade, no caso da racionalidade econômica liberal, admite que o Estado atue por intervenções sobre aquilo que não seria, até então, considerado característica da população: o mercado. Em contraponto, o neoliberalismo inverte essa sentença e considera que o mercado deve vigiar o Estado, outro ponto importante ressaltado por Fahri Neto (2010) é o de que no liberalismo há o livre comércio e no neoliberalismo há a necessidade da concorrência. “Não se trata de deixar acontecer a espontaneidade das trocas, mas de produzir as condições em que uma verdadeira concorrência possa se efetivar” (FAHRI NETO, 2010, p. 173), e é essa concorrência que vai proporcionar que haja investimento no próprio desenvolvimento do mercado. Ademais, para destacar um pouco mais as diferenças entre ambas as racionalidades econômicas, é relevante ressaltar pelos estudos de Fahri Neto (2010) que, o neoliberalismo não trata mais da sociedade do consumo, mas, trata da sociedade do empreendedorismo, tendo em vista que é possível considerar o “desejo do interesse” nesse sentido, porém

e é aqui que essa naturalidade do desejo marca a população e se torna penetrável pela técnica governamental - esse desejo, por motivos sobre os quais será necessário tomar e que constituem um dos elementos teóricos importantes de todo o sistema, esse desejo é tal que, se o deixarmos agir e contanto que o deixemos agir, em certo limite e graças a certo número de relacionamentos e conexões, acabará produzindo o interesse geral da população (FAHRI NETO, 2010, p. 95).

Isto é, “desejo do interesse”, defende Fahri Neto (2010, p. 155), é “investido como determinante de uma natureza humana” que, ao lado das características

⁸⁶ NOCELLI, Gracielle. Bioconstrução: o pau a pique de volta em projetos para novas moradias. Meu imóvel. Especiais. Tribuna de Minas. 09 ago. 2018. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/especiais/meuimovel/09-08-2018/bioconstrucao-o-pau-a-pique-de-volta-em-projetos-para-novas-moradias.html>>. Acesso em: 18 dez. 2018

biológicas, “[...] a noção de população encerra, desde o século XVIII, também uma característica que a remete ao econômico”. Neste sentido, Zabalbeascoa (2013) afirma, ao observar a historicidade dos dormitórios dos espaços domésticos que, após a industrialização final do século XIX e início do século XX, a população tinha acesso a diversificados utensílios e elementos decorativos para seus cômodos. Esses produtos eram produzidos em massa, o que possibilitou um crescimento grande de aparatos sofisticados para o consumo. Além disso, os dormitórios passaram a ter mais funções, como receber visitantes ou atuar para a prática da leitura. No modernismo, os usos do dormitório aumentaram. A jornalista cita o aparecimento da penteadeira-escrivaninha, o conforto térmico e a iluminação adequada, que proporcionaram a utilização diversificada deste espaço. Na contemporaneidade, o dormitório pode ser usado inclusive para trabalhar; diversos elementos auxiliam o uso das novas ferramentas de trabalho e estudos como notebooks e laptops. Sem desconsiderar a questão do dimensionamento da casa, que está cada vez mais reduzida, faz sentido que os espaços de interiores domésticos em geral sejam impulsionados para um uso multifuncional dos cômodos.

Ao se tratar dos banheiros, a autora afirma haver uma expansão de utensílios e elementos de interiores para melhoria do espaço. Utensílios produzidos por materiais mais práticos com possibilidade de escolha de cores, ou seja, na contemporaneidade o cômodo é versátil, além disso, possui diversas funções relacionadas ao esporte, à saúde e à higiene, acrescenta-se que em alguns casos torna-se parte da lavanderia.

Para finalizar, retomamos a discussão sobre o cômodo “cozinha”. Esta que sofreu grandes alterações com o avanço da ciência e da industrialização e que, de acordo com Zabalbeascoa (2013), foi alterada drasticamente com o advento do fogão elétrico, da geladeira e dos eletroeletrônicos. Estes componentes proporcionaram a possibilidade de reduzir o tamanho do cômodo; com isso, transformou-se em uma casa de máquinas, ou num cômodo pequeno funcional linear pouco apreciado. Porém, no século XXI, esse espaço volta a se relacionar com o restante da casa, o espaço foi aberto para a sala, de forma a evitar que a mulher fique isolada da família, o que significa que a redução de sua dimensão acabou resultando na necessidade de sua expansão. Não obstante, essa integração atendeu à praticidade e a ideia de múltipla funcionalidade dos cômodos, tanto que, integrada, a cozinha torna-se o centro da vida doméstica, pois o usuário acabou tendo acesso tanto ao fogão e à geladeira quanto

ao computador e à televisão (ZABALBEASCOA, 2013). Dados que conjecturam reconhecer os espaços de interiores domésticos do “bem morar” como neoliberais, visto que “governar a população é fazer com que todo o fenômeno social seja também uma atividade econômica” (FAHRI NETO, 2010, p. 178). É nesse sentido que se destaca a questão, também, da brasilidade, já que, como fenômeno social, essa “construção histórica”⁸⁷ pode ser uma atividade econômica. Assim, o espaço de interiores da brasilidade torna-se aquele que possui objetos característicos dessa “brasilidade”, mas que também define a forma como vive os brasileiros nestes espaços. Como se pode observar na seguinte matéria do site Casa Cláudia intitulada “40 detalhes que tornam a casa brasileira única”, e que afirma “entre nossos entrevistados, houve até mesmo uma unanimidade: o amor pela cozinha. ‘Ela é o centro da casa brasileira’, diz o fotógrafo e arquiteto Tuca Reinés”⁸⁸.

Conclui-se com estes estudos que os espaços de interiores domésticos assumem características em concordância com os jogos de poder disciplinar, de segurança ou incrustado na racionalidade econômica do liberalismo ou do neoliberalismo. Os espaços figuram como efeito e tecnologia do poder, alterando-se de acordo com o regime de verdade de sua época. Mas, também, são práticas discursivas da brasilidade neoliberal. “O regime de verdade está ligado às articulações circulares entre poder e saber” (FAHRI NETO, 2010, p. 157), razão de o objetivo do próximo tópico buscar compreender quais os mecanismos dos jogos de poder e saber foram mobilizados para amarrar os outros espaços dos interiores domésticos à ideia da brasilidade neoliberal.

2.2 A HETEROTOPIA DOS ESPAÇOS DE INTERIORES DOMÉSTICOS PELO DISPOSITIVO DA BRASILIDADE

No estudo da sessão anterior, estabeleceu-se como os espaços de interiores domésticos foram mobilizados pelos poderes de diferentes regimes de verdade, da disciplina, da segurança e os da racionalidade econômica. Na continuidade, o que se pretende observar é a relação destes outros espaços com a brasilidade. Com esse

⁸⁷ Como afirma Lesser (2015, p. 21).

⁸⁸ WENZEL, Marianne. 40 detalhes que tornam a casa brasileira única. Arquitetura. Casa Cláudia. 17 jul. 2018. Disponível em: <<https://casaclaudia.abril.com.br/arquitetura/40-detalhes-que-tornam-a-casa-brasileira-unica/>>. Acesso em: 18 dez 2018.

propósito, retoma-se a questão da heterotopologia, questão que Foucault discute na Conferência “Outros Espaços” de 1967. Essa teorização foucaultiana insere-se, neste trabalho, como consequência à seguinte problematização: de que maneira os espaços heterotópicos da Casa Cor São Paulo 2015 constituem-se como espaços de discursos da brasilidade geridos pela governamentalidade neoliberal?

Com este propósito, consideramos necessário, inicialmente, refletir sobre o modo como os espaços de interiores domésticos em exercício pelos poderes disciplinares, da segurança e do neoliberalismo, contestam e contradizem as práticas sociais, adequando-se ao que Foucault (2001) denominou heterotopia. Silvana Rubino (2010, p. 357), com base em Mary McLeod, esclarece que

O espaço heterotópico, distinto do utópico, assim como da paisagem cotidiana, nos fornece uma percepção nítida da ordem social: prisões, hospitais, igreja, bordel, etc. Ao contrário das utopias, as heterotopias são lugares identificáveis, que permitem uma relação com o tempo diversa daquela dos espaços cotidianos. Contudo, argumenta McLeod, a heterotopia exclui espaços infantis e femininos, lugares nos quais as mulheres encontraram não apenas opressão como também conforto e mesmo autonomia. A exclusão da casa, por ser um “lugar de repouso”, diz a autora, pode ser uma definição de difícil aceitação para qualquer mãe que ali trabalha. A autora nos empresta uma chave sugestiva para nos indagarmos, afinal, para que mulher os interiores modernos foram projetados: para a mulher que trabalha, para a “rainha do lar”?

Duas indagações interessantes as pesquisadoras levantam. A primeira sugere que, alternando o ponto de vista e, observando a heterotopia pela perspectiva do sujeito feminino, o espaço de interiores doméstico não é um espaço cujo posicionamento seja de repouso. Ao ponderar acerca desta indagação, sugere-se visitar os escritos do próprio Foucault (2001, p. 414), nos quais é possível encontrar alguns pontos de relevância para esta discussão, sobretudo, quando o filósofo afirma que o espaço é heterogêneo e que “vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irreduzíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos” (FOUCAULT, 2001, p. 414). Foucault (2001) explica de que maneira um (a) pesquisador(a) das heterotopias poderia descrever esses “posicionamentos”. Segundo ele: “buscando qual é o conjunto de relações pelo qual se pode definir esse posicionamento” (FOUCAULT, 2001, p. 414). O autor defende, ainda, quais são os posicionamentos que lhe chamam atenção. Para ele, são os posicionamentos que se relacionam aos outros: “de um tal modo que eles suspendem,

neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (FOUCAULT, 2001, p. 414). São estes posicionamentos, para Foucault, que devem ser discutidos e problematizados.

Esses dados significam que os espaços são posicionamentos que podem ser descritos a partir dos conjuntos de relações que os determinam. Ora, por este princípio podemos depreender que o espaço da casa, do quarto e do leito aceita ser problematizado por, como exemplo, um posicionamento feminista. Assim, têm-se a possibilidade de inversão dos conjuntos de relações. Relações que, por sua vez, determinam este e diversos outros espaços. Nesta conjectura, é provável que o espaço em voga se torne um contrapositionamento. Por esta via, acreditamos que a característica da heterogeneidade do espaço proporciona a compreensão de que o conjunto de relações que determina um posicionamento está inserido em um tempo, em uma história, por isso, em um regime de verdade.

A relação entre os espaços disciplinares e as heterotopias ocorre quando os espaços do poder disciplinar se alicerçam no discurso do saber modernista que figura, de acordo com Bauman (1999), como utopia dos espaços modernos. Esses espaços de interiores domésticos exercitam-se como tecnologias de controle disciplinares que orientam a forma de morar e viver, esquadrinhando os sujeitos em seus espaços familiares, devidamente assegurados pela privacidade, onde tudo funciona sem a intervenção e a confusão da história, longe de seus sentidos estéticos duvidosos: utopia do espaço de interiores domésticos modernista. É esta característica do espaço disciplinar do modernismo que se aproxima de um dos princípios da heterotopologia: Foucault (2001, p. 420), ao tratar da função das heterotopia, define heterotopia de ilusão como aquelas que “têm um papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada”. Em vista disso, os espaços disciplinares do modernismo possuem correspondências com a teorização sobre as heterotopias de ilusão, pois que denunciam a ilusão do plano diretor, do projeto de interiores modernista, para qualquer espaço onde as práticas sociais acontecem. Bauman (1999) explica que esses espaços máquinas só serviriam para sujeitos máquinas, quer dizer, o espaço modernista de acordo com o sociólogo “revelou-se desprovido de tudo o que é verdadeiramente humano” (BAUMAN, 1999, p. 52), porque a população, a família, os sujeitos são ambivalentes. Além do mais, Costa (2016) em sua dissertação, relembra que Michel Foucault, na conferência de 1967, “afirma que

as heterotopias são lugares em constante criação, mudança e são até mesmo dissolvíveis” (COSTA, 2016, p. 98), ponto que fortalece a presente reflexão.

Acredita-se, diante de tudo que foi explanado, que o regime de verdade ao articular o poder disciplinar com os saberes da racionalidade modernista pelas tecnologias de controle do espaço arquitetônico e, de interiores, colocou em discurso, na materialidade do espaço terrestre, a utopia do espaço modernista. Essa utopia do espaço modernista resulta no contrapositionamento do espaço da casa. Sendo assim, o espaço de interiores domésticos emoldurado pelos saberes do modernismo e, exercitando-se pelos poderes disciplinares, avança pelo tempo e se mantém, ainda, como um espaço esquadrihado, torna-se aplicável para a população no geral e não apenas para uma classe social. Esse espaço, que também se insere na ordem da segurança, se mantém como heterotopia de ilusão, porque é projetado ainda pelas rédeas do modernismo. É, como afirma Costa (2016, p. 90), "a casa como a concebemos hoje, rígida, tripartida, produzida em linha fordista, segregadora" essa casa rígida contemporânea, ainda disciplinar, está aplicada a uma população que vive em uma governamentalidade neoliberal. Portanto, têm-se a heterotopia de ilusão, porque esses espaços contemporâneos projetados pela disciplina⁸⁹ para uma população neoliberal denunciam como ilusórios todos os outros posicionamentos marcados pelo poder disciplinar.

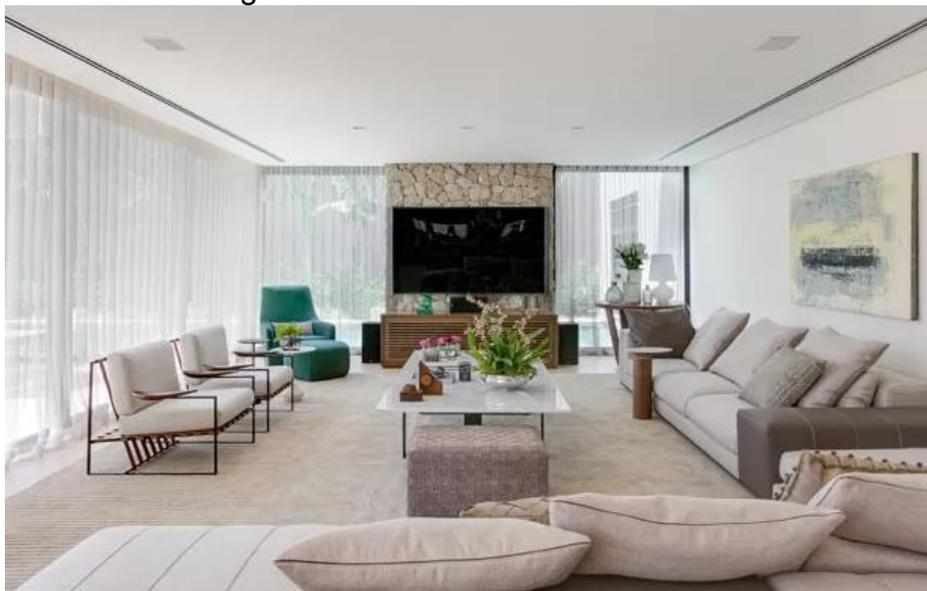
Os espaços de interiores domésticos da contemporaneidade poderiam, aliás, serem compreendidos como “casas-museus”, consoante com Costa (2016, p. 81), uma casa-museu seria um espaço “símbolo de um sistema político e econômico decaído e que não permite, por mais estimulada que seja, ser preenchida por outros significados”. Exceto porque são estimuladas, por exemplo, pela mídia, tida como “suporte para o exercício da governamentalidade” (TASSO, 2013, p. 119). A mídia investe no “desejo” e produz o interesse da população para pontos relevantes ao neoliberalismo, como já se destacou⁹⁰. Portanto, cabe a reflexão sobre a relação mídia e heterotopia. Os espaços de interiores domésticos midiáticos possuem como característica a beleza e a perfeição, as imagens mostram espaços sempre arrumados, bem iluminados, com móveis adequados e organizados de acordo com as

⁸⁹ Consideramos que a fundamentação dos espaços de interiores brasileira, ainda é marcadamente modernista, em concordância com Costa (2016), entretanto, ao relacionar sobre a questão disciplinar defende-se que a disciplina mais como “tecnologia” da racionalidade econômica que poder predominante, em virtude da contemporaneidade estar em outro regime de verdade.

⁹⁰ Ver página 56 sobre capitalismo e neoliberalismo.

necessidades do espaço físico, essa perfeição evocada para um espaço familiar e de aconchego aparenta contradição. A partir das palavras de Foucault (2001, p. 420-421), defende-se que os espaços de interiores domésticos exibidos pela mídia são heterotopias de compensação porque criam "um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, maldisposto e confuso". Ao tratar das heterotopias de compensação, o filósofo aponta questões relevantes como quando, ao exemplificar pelas colônias inglesas e jesuítas, aponta sua característica de espaço terrestre perfeito, "meticulosamente perfeito", "nas quais a perfeição humana era efetivamente realizada" (FOUCAULT, 2001, p. 421). Essa relação de perfeição do espaço heterotópico pode ser, visivelmente semelhante com os espaços de interiores domésticos exibidos e discursivizados pela mídia.

Figura 03 - Imagem da matéria "Uma casa perfeita para o convívio com a família e os amigos".



Fonte: Casa Vogue⁹¹

Como exemplo, sugere-se esta matéria no site da Casa Vogue (LIMA, 2017) cujo título é "Uma casa perfeita para o convívio com a família e os amigos", na qual as profissionais arquitetas desenvolveram a ambientação dos espaços para um "casal jovem com dois filhos pequenos". Para este projeto de interiores doméstico as

⁹¹ LIMA, F. Uma casa perfeita para o convívio com a família e os amigos. Interiores. Casa Vogue. 20 dez 2017. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Interiores/casas/noticia/2017/12/uma-casa-perfeita-para-o-convivio-com-familia-e-os-amigos.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

profissionais puderam ambientar o espaço da sala que é o “ambiente de encontro da família”. Pela Figura 03, o que se vê do espaço é possível constatar como há uma heterotopia de compensação em discurso, a perfeição é milimétrica, há equilíbrio de cores, simetria de mobiliário e uma organização impecável, para família jovem com dois filhos pequenos, heterotopia de compensação.

No entanto, a matéria destaca que, apesar de cosmopolita a ambientação, este espaço não perde “a essência brasileira”, o que remete novamente a interação entre esses espaços neoliberais e da brasilidade. Considerando, que os espaços de interiores domésticos estão em movimento pela governamentalidade neoliberal, no que tange à essa característica de economicidade das populações, “que a torna suscetível a uma forma específica de governo: o "governo econômico" (FAHRI NETO, 2010 p. 156. É, também, pela brasilidade, que é possível observar que a economicidade das populações se alia à sua questão sexo/sangue e segurança.

Nessa perspectiva, os espaços neoliberais da brasilidade carregam consigo:

[...] o grande símbolo que aponta para uma fundação da casa como um minimundo em terras brasileiras é a casa-grande escravista, construção comum nas primeiras grandes culturas agrícolas brasileiras - cana-de-açúcar, café, algodão - e que de fato pretendia ser um espaço destacado do resto do mundo. A casa-grande, contudo, é uma criação européia (COSTA, 2016, p.61)

Na contemporaneidade, essas “heranças” da casa-grande ainda são fortes, basta considerar os projetos que setorizam “os três grandes grupos de atividades domésticas: social, íntimo e de serviços” (COSTA, 2016, p. 62). Essa importação de projetos para espaços domésticos está presente, também, no modernismo brasileiro, como já discutido⁹² e, na contemporaneidade acredita-se, vê-las presente no maior e mais tradicional evento nacional de arquitetura e interiores conhecido, do qual se trata esta pesquisa, a Casa Cor São Paulo. Ao discorrer acerca da brasilidade, desmembra seu slogan “o Brasil visto por dentro” e, expressa em suas campanhas a frase “Yes, nós temos inspiração”. Além do mais, é fácil encontrar, em uma pesquisa⁹³ rápida pela internet, diversos *sites* da área da decoração, design de interiores e arquitetura, matérias e postagens indicando como os ambientes brasileiros são projetados de

⁹² Ver segundo capítulo “O Design de Interiores no Layout das práticas discursivas acerca da brasilidade”, no segundo tópico “O discurso da brasilidade”.

⁹³ A frase de pesquisa foi “ambientes residenciais 2019” e a seleção foi entre os quatro primeiros resultados.

acordo com os modelos estrangeiros. Por esta direção segue, como exemplo, uma matéria da Casa Vogue⁹⁴, revista *online*, cujo título é “Tendências de decoração que estarão na sua casa em 2019”. A matéria afirma que a paleta de cores modernista está declarada como tendência de cores para 2019 pela *Maison e Objet*, uma feira parisiense que exhibe e apresenta as novidades da área. Já, no *site* da feira de móveis Sindmóveis de Bento Gonçalves, a cor escolhida para ser referência de 2018/2019 é a *Millennial Pink*. Para concluir os exemplos, no *site* da arquiteta e designer de interiores Shine Braga, as novidades para o próximo ano é o tema “retrô”. Nele, a profissional defende que “o resgate das ideias e padrões das décadas de 50, 60 e 70 estão definitivamente em alta”⁹⁵. Sob tal perspectiva, consideramos os espaços de interiores domésticos contemporâneos brasileiros como heterotopias de ilusão, haja vista que eles são, ainda, planejados de acordo com o ideal europeu.

Ao pensar sobre a brasilidade nos espaços de interiores domésticos, convencionais ou na mostra da Casa Cor São Paulo 2015, é possível também considerar outra característica da heterotopia relacionada ao tempo, heterotopia com heterocronia de acumulação e a heterotopia com heterocronia crônica. A de acumulação são os espaços como os museus e as bibliotecas, que objetivam guardar ou resguardar, ou ainda, revisitar o passado que se dilui em meio a modernidade. A segunda heterotopia relacionada ao tempo são exemplificadas pelo filósofo pelas feiras e cidades turísticas. Esse outro espaço, diz Foucault (2001, p. 419), se relaciona “[...] ao tempo no que ele tem de mais fútil, de mais passageiro, de mais precário e isso sob a forma da festa”. Para exemplificar, Foucault cita as cidades de veraneio da Polinésia como heterotopias que apresentam tanto a acumulação quanto a cronicidade, pois que, apesar de ser uma estadia passageira carrega o acúmulo do tempo:

[...] as choupanas de Djerba são em um certo sentido parentes das bibliotecas e os museus, pois, reencontrando a vida polinesiana, se abole o tempo, mas é também o tempo que se encontra, é toda a história da humanidade que remonta à sua origem em uma espécie de grande saber imediato” (FOUCAULT, 2001, p. 419).

⁹⁴ MARADEI, Gioavanna. 10 Tendências de decoração que estarão na sua casa em 2019. Casa Vogue. 11 de set. 2018. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Design/noticia/2018/09/10-tendencias-de-decoracao-que-estara-na-sua-casa-em-2019.html>>. Acesso em: 22 set. 2018

⁹⁵ BRAGA, Shine. 5 Tendências de decoração para 2018/2019. 06 mar. 2018. Disponível em: <<http://shinebraga.com/5-tendencias-de-decoracao-para-2018/>>. Acesso em: 22 nov. 2018

Neste caso, considera-se heterotopia de acúmulo e heterotopia crônica os espaços da brasilidade. Espaços heterotópicos de acúmulo seriam todos aqueles que se dizem espaço da brasilidade, que vem revisitar esse sentido sobre a brasilidade e suas características, espaços que buscam retomar elementos identitários do Brasil estavam esquecidos com essa necessidade de controlar o tempo e de congelar os posicionamentos. Mesmo que o exemplo de Foucault (2001) seja relacionado aos museus e às bibliotecas, é possível considerar essa busca pela presença da brasilidade nos espaços de interiores domésticos como uma característica de acumulação do tempo, isto é:

[...] o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria, pois bem, tudo isso pertence à nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias à cultura ocidental do século XIX (FOUCAULT, 2001, p.419).

Já, a Mostra da Casa Cor São Paulo 2015 apresenta ambas características pois em um curto período de tempo, vários profissionais se amontoam em um espaço vazio, enchendo-o com a proposta de dar visibilidade à brasilidade (que se remete à todo o passado/presente do país) e, por este caminho, definem como deve ser os espaços de interiores domésticos da sociedade brasileira contemporânea. Ali naquele espaço vitrine, de exposição, o contrapositionamento se mostra pela singular característica da tentativa de restaurar o perdido em um evento cuja a sua essência seja ser a rapidez de sua exposição, “[...] ao tempo no que ele tem de mais fútil, de mais passageiro, de mais precário e isso sob a forma da festa.” (FOUCAULT, 2001, p. 419). Assim, consideramos que a governamentalidade neoliberal possui conexão com os espaços de interiores domésticos pela ilusão e, a brasilidade, que também produz espaços de interiores domésticos de ilusão, mobiliza a heterotopia de acúmulo e a heterotopia com heterocronia crônica.

Diante da relação espaço, heterotopias e brasilidade, estabelece-se a existência da regularidade da influência externa nos desenvolvimentos dos espaços nacionais, dada a questão da identidade nacional e no que Lesser (2015) alega sobre as transformações que o discurso da brasilidade sofre ao longo dos tempos, que a “identidade nacional” em sua relação com a imigração, que era o de branquear o

Brasil para desenvolvê-lo. Esse seria o ideal da elite⁹⁶, mas a “incorporação progressiva da multietnicidade”, também está presente na brasilidade, isso acontece porque a própria ideia de brasilidade alterava-se dependendo das necessidades e receios da época⁹⁷. Considerando essa relação da brasilidade com a imigração, aliada à ideia da constituição de uma raça, a brasileira, Fahri Neto (2010) esclarece:

A guerra que, no discurso historicista, acontecia entre duas raças, exteriores uma à outra, é de certa forma interiorizada e se dá "a partir de uma raça dada como sendo a verdadeira e a única, a que detém o poder e a norma, contra aqueles que constituem um perigo para o seu patrimônio biológico". A raça, no discurso historicista, não apresentava um viés biológico, mas étnico. O que caracteriza uma raça não era um estigma de tipo biológico, mas uma tradição, um costume, um passado compartilhado (FAHRI NETO, 2010, p. 65).

Ao tratar do racismo na modernidade, Castro (2014, p. 108) aponta que a teoria foucaultiana alega que “não é nem ‘uma velha tradição’ nem uma ‘nova ideologia’, mas uma ‘tecnologia do poder’”, e é essa tecnologia que possibilita a existência do “direito soberano, os mecanismos modernos do biopoder e o discurso da guerra de raças” (CASTRO, 2014, p. 108), todos em engrenagem. Logo, a brasilidade se constitui como forma de exercício de uma biopolítica. Isso posto, importa, ainda, rememorar que “os dispositivos disciplinares e os de segurança, em definitivo, existiram sempre, não são exclusivos da Modernidade” (CASTRO, 2014, p. 110). Da mesma forma, a questão da brasilidade, nos idos da década de 30 e 40, épocas do Programa da Brasilidade de Vargas, está mais relacionada com a ideia da superioridade de uma raça em relação à outra, do que no embate entre raças externas. Na contemporaneidade, a brasilidade pode ser tratada em termos de racionalidade econômica que, conforme Fahri Neto (2010, p. 156), considera a população “governável somente enquanto dispõe de uma materialidade sobre a qual uma biopolítica pode tomar forma”. Essa materialidade pode ser assim mobilizada pelos dispositivos que “são uma rede de relações entre elementos heterogêneos”, quais sejam: instituições, construções, regulamentos, discursos, leis, enunciados

⁹⁶ Reforçando que Lesser (2015, p. 28) afirma: “Intelectuais, políticos, assim como lideranças culturais e econômicas, viam (e ainda veem) os imigrantes como agentes do aperfeiçoamento de uma nação imperfeita, conspurcada pela história do colonialismo português e pela escravidão africana.”

⁹⁷ “[...] a identidade nacional brasileira era, em geral, simultaneamente rígida (a branquidão era consistentemente valorizada) e flexível (o significado de branquidão era maleável).” (LESSER, 2015, p. 38)

científicos, disposições administrativas (CASTRO, 2014, p. 92). A finalidade estratégica desses dispositivos é, segundo Castro (2014, p. 92-93) ,“a produção de indivíduos politicamente dóceis e economicamente rentáveis, e cujo funcionamento e objetivos podem modificar-se para adaptar-se a novas exigências”. Agamben (2009) defende que o dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Todas estas afirmações e considerações são premissas que nos proporcionam compreender a brasilidade, na contemporaneidade, como um dispositivo, visto que:

[...] para que as relações de poder do “pós-panóptico” (BAUMAN, 2001, p. 11) funcionem, ganhem unidade na descontinuidade das práticas de enunciabilidade e visibilidade da modernidade, faz-se necessário um dispositivo (ROCHA, 2017, p. 59).

Contudo, é possível defender que a brasilidade alcança instituições diversas, como a governamental, a midiática e a educacional, em níveis públicos ou privados. E que os projetos dos espaços terrestres, sejam eles de interiores domésticos, comerciais, institucionais ou ainda na arquitetura ou no urbanismo, estão se orientando pela questão da brasilidade. A exemplo, têm-se a Mostra da Casa Cor São Paulo 2015. É possível visualizar, inclusive, o envolvimento dos saberes legitimados como científicos, tendo em vista o já mostrado no início desta dissertação. Enfim, relações, tramas diversas, cujo objetivo está relacionado ao governo da população.

Nesta linha de raciocínio, a brasilidade age como dispositivo pelo interesse econômico que se encontrou em um cenário de profunda crise econômica. É nesta condição que, no esporte, o Brasil recebe dois de seus maiores eventos (em se tratando de abrangência midiática e da valorização comercial): a Copa de 2014 e as Olimpíadas em 2015. De tal sorte que, indispensavelmente, é preciso caracterizar a relevância do esporte como prática social, seja pela incitação e/ou pela efervescência na constituição de uma ideia sobre identidade nacional. Sendo assim, é por isso que concordamos com Bitencourt (2009)⁹⁸, quando este afirma que o futebol, ainda mais que outros esportes, tem uma forte relação com a questão da brasilidade, “é na seleção brasileira de futebol que nosso pensamento sobre nós mesmos é levado ao

⁹⁸ BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Esboço sobre algumas implicações do futebol da copa do mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n. 3, 2009.

extremo” e, ainda mais, “é esse o espaço no qual nossa identidade vai ser debatida, inventada e construída” (BITENCOURT, 2009, p. 181).

Na contemporaneidade, os acontecimentos de ordem política (as manifestações contra o governo), os acontecimentos esportivos (Copa e Olimpíadas) e os midiáticos ⁹⁹(todos aqueles que se valeram da brasilidade) são requisitos para o dispositivo da Brasilidade movimentar-se favorável a um poder voltado para a governamentalidade do neoliberalismo que restitui o pacto de segurança¹⁰⁰. Sobretudo porque o mecanismo de segurança compreende garantir a “vida da população como um todo e não a garantia da vida de cada indivíduo isoladamente” (FAHRI NETO, 2010, p. 141). A garantia, por exemplo, de uma melhoria econômica para todos brasileiros, tanto é, que foi crescente a valorização dos produtos e serviços nacionais e regionais durante a realização destes eventos esportivos. Pode-se encontrar esta última afirmativa nas palavras de Merlo (2016, p. 133): “[...] esse design é brasileiro, porque é feito por brasileiros e neste lugar”.

Para exemplificação deste discurso da mídia sobre a valorização do que é nacional e/ou regional apresenta-se como pequena amostra uma matéria publicada no próprio Anuário da Casa Cor São Paulo 2015, intitulada “Made in Brazil”, cuja imagem segue na sequência. Nas páginas após a Figura 04, a matéria apresenta frases de diversos profissionais das áreas do design, artesanato, arquitetura, como a de Renato Ombroise, que afirma que os “projetos que valorizam o artesanato têm importância social e econômica, pois fixam as pessoas em seus locais e geram empregos”¹⁰¹. Já, o designer de interiores, Marcelo Rosenbaum, relaciona o “local” com o “global”, e sobre seu projeto: “A gente transforma”, declara “o AGT traz um olhar novo para o design e tem como objetivo o crescimento local a partir da forma como se relaciona com a comunidade e o mundo”¹⁰². A mídia, nessa conjectura, torna-se um importante mecanismo de suporte ao dispositivo da brasilidade, uma vez que, “qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1999a, p. 09).

⁹⁹ Acresce que, na cena midiática, desde período, é possível encontrar esses discursos sobre a brasilidade, sem esquecer que “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2003, p. 97).

¹⁰⁰ Vale aqui ressaltar as palavras de Bauman (1999, p. 62) sobre a questão do Estado: “com sua base material destruída, sua soberania e independência anuladas, sua classe política apagada, a nação-estado torna-se um mero serviço de segurança para as mega-empresas”.

¹⁰¹ CASA COR. **Anuário**. São Paulo: Ed. Abril, n. 1, 2015, p. 58.

¹⁰² CASA COR. **Anuário**. São Paulo: Ed. Abril, n. 1, 2015, p. 60.

Figura 04 - Matéria publicada no Anuário da Casa Cor São Paulo 2015.



MADE IN BRAZIL

Foto: Evelyn Müller

Projetos que valorizam nosso artesanato garantem vida longa a esses saberes, transmitidos a cada geração. Para isso, propõem um novo caminho estético e dinamizam a produção.

Por Nádya Simonelli

Fonte: Casa Cor.¹⁰³

¹⁰³ CASA COR. **Anuário**. São Paulo: Ed. Abril, n. 1, 2015.

Neste sentido, há que se considerar que a governamentalidade é agenciada¹⁰⁴ pelo neoliberalismo, mas, há também, nos discursos sobre a identidade nacional pelas práticas discursivas dos espaços de interiores, o agenciamento da brasilidade. Para defender o posicionamento da brasilidade como dispositivo diante da governamentalidade neoliberal, é necessário citar Sousa e Junior (2014, p. 130):

[...] a fase atual da consolidação capitalista [é] como uma gigantesca acumulação e proliferação dos dispositivos, pois não há um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo [...] pois na raiz de cada dispositivo está um desejo humano de felicidade.

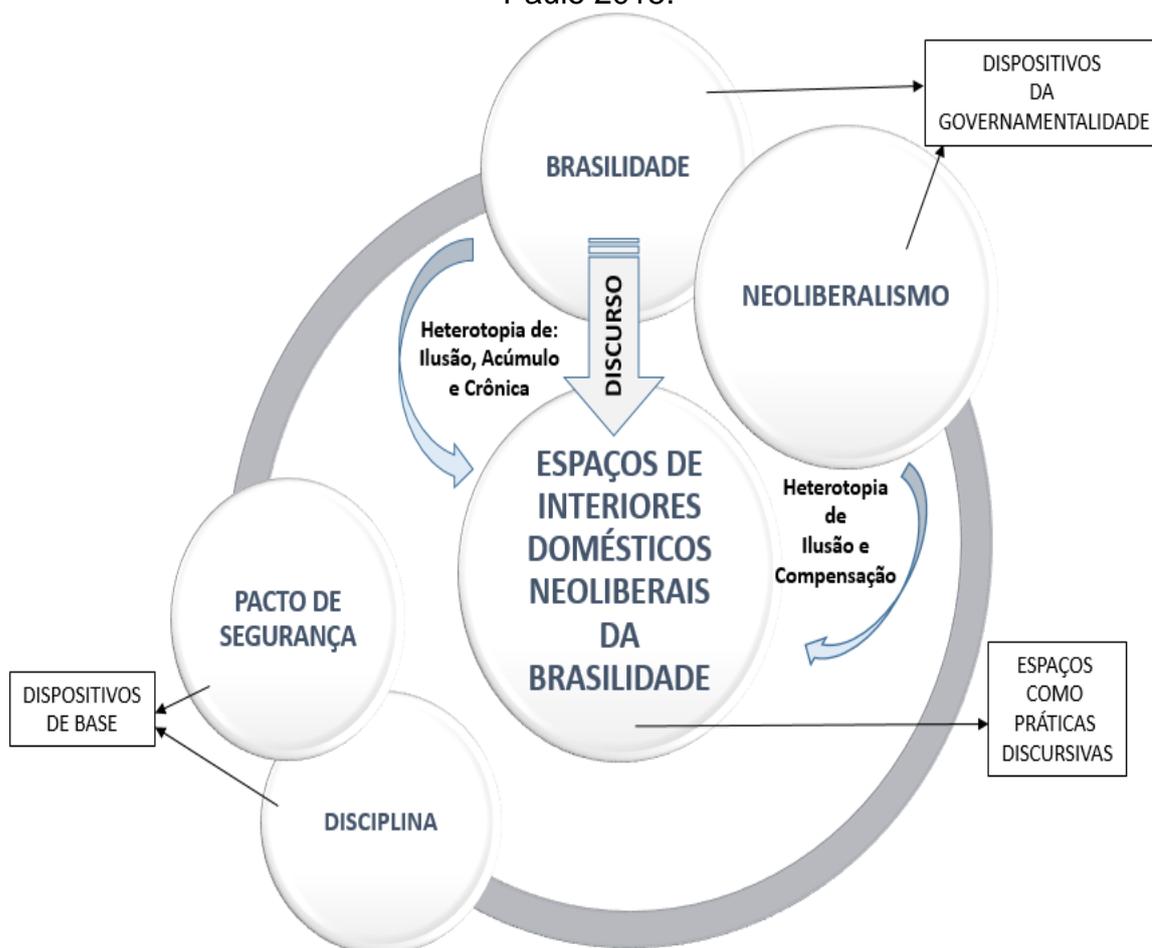
Se a todo instante da vida existe a regência de um dispositivo, pode-se considerar que existem escalonamentos de dispositivos que estão atuando por interações, se conectando e promovendo o movimento na grande rede. Há, nos dizeres foucaultianos, o escalonamento¹⁰⁵ de acontecimentos e, ainda, seus níveis. É nesse sentido que se sugere a possibilidade de um escalonamento de dispositivos. A governamentalidade com o dispositivo do neoliberalismo rege os espaços de interiores, no entanto, a brasilidade aparece nessa interação com o neoliberalismo e, a partir de suas características específicas, agencia estes espaços de interiores que já são neoliberais. É importante ressaltar que esses espaços de interiores domésticos regidos pelo neoliberalismo e pela brasilidade tiveram como bases outros dispositivos como o disciplinar e o pacto de segurança (FARHI NETO, 2010). Sobre a disciplina, Sousa e Junior (2014, p. 131) afirmam que “as disciplinas descritas por Foucault são a história daquilo que vamos deixando de ser; e a nossa atualidade desenha-se em disposições de controle aberto e contínuo”. No entanto, sobre a questão da segurança a autora explica que “a busca pelo bem-estar faz parte das estratégias de controle da população, formuladas dentro do biopoder, que, em sua atuação, se encarrega da vida” (SOUSA; JUNIOR, 2014, p. 145), e mais à frente finaliza “na atualidade, a segurança entra numa rede em que é colocada como condição para e como resultado de uma vida saudável, prazerosa, feliz e longa” (SOUZA, 2014, p. 147).

¹⁰⁴ Termo que Deleuze usa ao falar do dispositivo de Foucault (DELEUZE, 2005, p. 49).

¹⁰⁵ Ver rodapé da página 40.

Em busca da compreensão de como se organizam as relações entre os elementos: discurso, prática discursiva, dispositivos e heterotopias de acordo com este estudo dos espaços da Casa Cor São Paulo 2015, sugerimos o seguinte quadro:

Quadro 02 - Esquematização organizacional da relação entre os elementos discurso, prática discursiva, dispositivos e heterotopia para o objeto de estudo Casa Cor São Paulo 2015.



Fonte: A autora.

Desta maneira, os dispositivos de base, a segurança e a disciplina, possibilitaram que os dispositivos da governamentalidade, a brasilidade e o neoliberalismo, a partir do discurso e da heterotopia atuassem nos espaços de interiores domésticos tornando-os, por sua vez, espaços terrestres neoliberais da brasilidade.

Por fim, verificou-se, neste capítulo, que a produção de discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída”, fazendo-se necessário “conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e

temível materialidade” (FOUCAULT, 1999a, p. 08-09). Nessas engrenagens da governamentalidade, o neoliberalismo, já fixado nos esqueletos estruturais da disciplina, alinha-se à segurança interagindo, também, com o dispositivo de brasilidade que, através do seu discurso e da prática discursiva dos espaços heterotópicos de interiores mobiliza ao mesmo tempo o interesse do desejo e o racismo de Estado. A brasilidade como dispositivo acaba, dessa forma, por diversas maneiras, exercendo-se nos espaços heterotópicos de interiores domésticos tanto de ilusão, quanto de acumulação e heterocronia crônica. A maneira como esses dispositivos se escalonam ou se estratificam em torno dos espaços de interiores domésticos demonstra que houve uma mudança do diagrama¹⁰⁶. É assim como Deleuze explica o agenciamento das prisões, “a prisão pode ter existência apenas marginal na sociedade de soberania [...], ela só existe como dispositivo quando um novo diagrama, o diagrama disciplinar, a faz ultrapassar 'o limiar tecnológico” (DELEUZE, 2005, p.49). Talvez, o diagrama da governamentalidade, somando-se ao neoliberalismo e à segurança, faz a brasilidade ultrapassar o seu ‘limiar tecnológico’ tornando-se dispositivo.¹⁰⁷

Enfim, acresce informar que no próximo capítulo adentramos no terceiro eixo das teorias foucaultianas, o sujeito e as práticas de si, cujo objetivo será de estabelecer relações entre a heterotopia e a práticas discursivas inscritas nos ambientes da Casa Cor 2015 acerca da brasilidade aos processos de subjetivação.

¹⁰⁶ “O diagrama não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda a distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva. É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar” (DELEUZE, 2005, p. 44)

¹⁰⁷ Esta questão sobre como foi possível a existência da brasilidade como dispositivo não será desenvolvida na presente dissertação de mestrado tendo em conta as suas limitações tempo/estrutura.

CAPÍTULO 3 - OS OUTROS ESPAÇOS NEOLIBERAIS DETALHANDO OS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS DA BRASILIDADE

"Não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas" (FOUCAULT, 2006, p. 258).

Nos capítulos anteriores, foram mobilizados os modos de verificação e as técnicas de governamentalidade para a compreensão dos espaços em discurso sobre a brasilidade. Para isso, consideramos os saberes da grande área da construção civil (arquitetura, design de interiores, decoração, paisagismo, urbanismo) em sua relação com os poderes das instituições modernas (família, igreja, Estado). Vimos, no primeiro capítulo, a relação espaço físico e discurso, mas, também, a relação não discursiva desse espaço com as engrenagens do poder; ainda, estabelecemos a historicidade da brasilidade em seu arquivo. No segundo capítulo, como o foco da pesquisa estava no eixo do poder, o espaço físico foi abordado pela sua relação com os diferentes poderes (disciplinar, biopolítica e a governamentalidade), razão de estabelecermos a relação do dispositivo da brasilidade com a heterotopia dos espaços domésticos.

Visto que o trajeto teórico desta pesquisa se orienta pelos três eixos da teoria foucaultiana, saber, poder, sujeito, como classifica Castro (2014, p. 75), a pauta deste capítulo tem, agora, como foco, as "práticas de si". Dado que, as práticas de si não são "[...] alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura, sua sociedade e seu grupo social" (FOUCAULT, 2004, p. 276). O que nos interessa, sob tal perspectiva, é estabelecer as relações que os discursos da brasilidade, em soma com os espaços heterotópicos, possuem com os processos de subjetivação dos sujeitos da contemporaneidade neoliberal.

3.1 Processo de Objetivação e processos de Subjetivação: espaço e brasilidade.

Nas palavras de Revel (2011), quando se fala em processos de objetivação/subjetivação de sujeitos estamos, de um modo geral, tratando como o homem é tornado em sujeito no interior de práticas discursivas. Segundo a estudiosa, são os processos de objetivação que tornam o homem sujeito (motivo para que ela entenda que todos os processos sejam de objetivação). Assim, enquadram-se como processos de objetivação toda a prática discursiva cujo funcionamento atinja o homem moderno, alterando suas condições na ordem do Estado, das coisas e, especialmente,

dos discursos. Entretanto, ela explica que, por subjetivação, devemos entender os processos pelos quais se dá a relação do sujeito consigo, “[...] que passa pela retomada do exercício contínuo de um procedimento de escrita de si e para si, ou seja, um procedimento de subjetivação” (REVEL, 2011, p. 145).

Por essa orientação, dedicamos esta primeira seção do capítulo ao estudo sobre os processos de subjetivação, buscando traçar inicialmente, “a relação consigo”. De acordo com Deleuze (2005, p. 111), a relação consigo na contemporaneidade é distante dos modos de subjetivação gregos. É nessa direção, que vamos tomar os modos de subjetivação, pois que eles renascem “em outros lugares e em outras formas” pelas relações entre saber e poder (DELEUZE, 2005, p. 111). Deleuze (2005) nos possibilita considerar que os processos de subjetivação possam renascer e se exercer nos espaços de interiores domésticos. Reportamo-nos, ainda, aos preceitos trazidos por Foucault (1999b) em *A História da sexualidade I*, quando o teórico trata do dispositivo da sexualidade. A começar por um dos pontos interessantes do funcionamento desse dispositivo é que ele não atuou como um repressor do sexo, o dispositivo o colocou em discurso. O que, de certa maneira, valorizou ainda mais o desejo, e a vontade de saber o sexo. Fahri Neto (2010, p. 85), tece a seguinte consideração sobre a vontade:

[...] não é uma faculdade humana; ela é, num certo modo de dizer as coisas, exterior ao ser humano; apesar disso, da sua exterioridade, ela é o que determina a subjetividade do homem. O homem nasce sujeito à vontade, e é por meio dela, reconhecendo em si mesmo essa vontade, que a princípio lhe é exterior, que ele se subjetiva.

Desse modo, compreende-se que um desejo que lhe é externo pode lhe determinar. A vontade de saber ou desejo do interesse encontra-se no que Fahri Neto (2010) denomina de determinante econômica do ser humano. Sendo esta, a condição do ser humano de curvar-se à subjetivação. Deleuze (2005) busca explicar a subjetivação, nas teorias foucaultianas, a partir do que nomeia de dobra. Contemporâneo e grande estudioso das obras de Foucault, este filósofo lista quatro formas da força dobrada, são elas: a dobra material, “para os cristãos, será a carne e seus desejos”; a dobra da relação de forças que “é vergada para tornar-se relação consigo”; a dobra do saber relativa a “verdade, por constituir uma ligação do que é verdadeiro com o nosso ser” e, por fim, a dobra do lado de fora, na qual “o sujeito espera, de diversos modos, a imortalidade, ou a eternidade, a salvação” (DELEUZE,

2005, p. 111-112). Nesses termos, não se deve desprezar que as dobras possuem “vida longa” e que “continuamos a brincar de gregos, de cristãos”, porque “a própria dobra, a reduplicação, é uma memória” (DELEUZE, 2005, p. 114). De acordo com Revel (2005)¹⁰⁸, Michel Foucault, “num primeiro momento”, descreve três formatos de objetivação/subjetivação, são eles:

[...] a objetivação do sujeito falante na gramática ou na linguística, ou ainda aquela do sujeito produtivo na economia e na análise das riquezas; as “práticas divisoras”, que dividem o sujeito no interior dele mesmo (ou em relação aos outros sujeitos) para classificá-la e fazer dele um objeto - como a divisão entre o louco e o são de espírito, o doente e o homem saudável, o homem de bem e o criminoso etc.; enfim, a maneira pela qual o poder investe o sujeito ao se servir não somente dos modos de subjetivação já citados, mas também ao inventar outros: é todo o jogo das técnicas de governamentalidade (REVEL, 2005, p. 82-83).

O primeiro formato citado é o processo de objetivação ou, a dobra do saber em Deleuze (2005). São os processos de objetivação que “transformam os seres humanos em sujeitos” (REVEL, 2005, p. 82). Sob tal ordem, Veiga-Neto (2014, p. 44) afirma que “o sujeito não é um produtor [de saberes], mas é produzido no interior de saberes.” Neste sentido, os espaços de interiores domésticos, desenvolvidos pelos saberes da arquitetura e do design de interiores, encontram-se inseridos em jogos de verdade¹⁰⁹ e fazem parte deste processo que objetiva o sujeito. Para compreendermos como esse processo de objetivação se exerce pelo espaço físico de interiores domésticos, podemos retomar o que vimos no primeiro capítulo sobre o panóptico¹¹⁰, a saber, o desenvolvimento do projeto arquitetônico do panóptico serve para individualizar o sujeito, de forma que, “[...] se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores” (FOUCAULT, 2004b, p. 166).

É, de certa forma, fácil perceber esse processo de objetivação atuando nas prisões, escolas e hospitais, porém em um espaço residencial e em seus sujeitos, os moradores dessa “casa”, pode causar certa estranheza. Voltamos à teoria para

¹⁰⁸ Visto que “subjetivação e objetivação funcionam paralelamente, isto é, ao mesmo tempo em que as práticas de subjetivação possibilitam ao homem tornar-se sujeito, esse mesmo processo o objetiva, tanto para conhecer e cuidar de si mesmo quanto para expor-se ao conhecimento e ao cuidado de outrem. Eis a aliança que Foucault promove entre o sujeito cognoscente e o sujeito ético” (BENITES, 2006, p. 126).

¹⁰⁹ Para Revel (2005, p. 87), os jogos de verdade são “regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso”.

¹¹⁰ Assunto abordado no primeiro Capítulo, tópico “Do espaço ao discurso”, página 18.

resgatar que, como aponta o Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, o efeito do esquadramento, da individualização, que o panóptico gera é tão espontâneo que o sujeito “inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 2004b, p. 168). Acresce que, pela observação, o mecanismo de poder se beneficia de diferentes formas, como por exemplo, na melhoria da “penetração nos comportamentos dos homens” que, por sua vez, proporciona o “aumento de saber [que] vem se implantar em todas as frentes de poder” (FOUCAULT, 2004b, p. 169).

É por este caminho, que vislumbramos os espaços de interiores domésticos como elemento de exercício do processo de objetivação, ao sujeito usuário do espaço no seu dia-a-dia, porque é um tipo de panóptico de esquadramento do sujeito, de normação, que o objetiva de acordo com as necessidades do próprio poder pela sua vida cotidiana. E, assim como, nas prisões e nas clínicas o espaço contribuía para a aquisição de novos saberes para, respectivamente, o sistema prisional e a medicina. Os espaços de interiores domésticos contribuem para os saberes da arquitetura e do design de interiores absorverem informações sobre esses sujeitos em seus cotidianos. Conhecimento adquirido pelo panóptico doméstico que, por sua vez, aumenta o saber sobre os sujeitos num mecanismo incessante.

Compreendemos, então, os espaços de interiores domésticos como elementos que proporcionam o exercício dos processos de objetivação do sujeito e citamos Fahri Neto (2010, p.119) para pontuar que o dispositivo da sexualidade atua por “um modo de objetivação do homem em relação com um mecanismo de assujeitamento” e que essa atuação consiste em “uma maneira pela qual os indivíduos são submetidos socialmente”. Mas, também o dispositivo da sexualidade ao tratar da regulação das populações pelo biopoder, atua “como um modo de subjetivação, da qual faz parte o modo de autocompreensão desses mesmos indivíduos (FAHRI NETO, 2010, p. 84). Assim como o dispositivo da sexualidade atua pelo mecanismo de assujeitamento e pelo modo de subjetivação do biopoder, também, desta maneira, podem atuar os espaços de interiores domésticos, pois que, como visto nos capítulos anteriores, a casa se transformou para se adequar à necessidade do dispositivo da sexualidade.

Isto é, esse espaço residencial de normação submete os indivíduos ao poder disciplinar e, ao mesmo tempo, pela biopolítica subjetiva “às ações de cuidado, de proteção, de defesa” (FARHI-NETO, 2010, p.117). Possibilidade que norteia a discussão para o segundo formato dos processos de subjetivação citado por Revel

(2005), o das “práticas divisoras”, ou ainda, da dobra material em Deleuze (2005, p. 111).

Quando Foucault trata do dispositivo de segurança, explica o discurso da diferença fundamental das raças e cita as questões das invasões e da dominação de uma “raça” pela outra, percebe que a luta de raças se transforma em luta de classes. É por estes caminhos que se torna possível observar as questões relativas às ideias de brasilidade¹¹¹, o discurso de se delimitar o que é ser brasileiro em distinção aos imigrantes, mas que ao mesmo tempo viabiliza a exclusão das classes sociais. Essa mudança resulta em um “apagamento” da guerra em si para inflamar o gerenciamento da vida. Por este seguimento é necessário compreender que, como afirma o filósofo:

A burguesia não se interessa pelos loucos, mas pelo poder que incide sobre os loucos; a burguesia não se interessa pela sexualidade da criança, mas pelo sistema de poder que controla a sexualidade da criança. A burguesia não dá a menor importância aos delinquentes, à punição ou a reinserção deles, que não tem economicamente muito interesse. Em compensação, do conjunto dos mecanismos pelos quais o delinquente é controlado, seguido, punido, reformado, resulta, para a burguesia, um interesse que funciona no interior do sistema econômico-político geral.

Dessa forma, as práticas divisórias do sujeito têm sua justificativa pelo sistema econômico-político e seu exercício no discurso pelas vias dos procedimentos de exclusão, no princípio da separação/rejeição, ao qual o filósofo toma como exemplo a oposição razão/loucura, “[...] o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” (FOUCAULT, 1999a, p. 10). Neste sentido, uma relação de oposição que o discurso da brasilidade ordena é o do sujeito brasileiro e o sujeito não-brasileiro para o sujeito que é usuário destes espaços ditos da brasilidade. Ainda pelas palavras de Fahri Neto “[...] o Estado deve garantir a integridade social, circunscrevendo, num outro espaço, propriamente associal, o delinquente, o louco, o degenerado, enfim, o anormal” (FAHRI NETO, 2010, p. 65). Neste excerto o autor aponta a relação entre as práticas divisoras e os espaços, um espaço que é o associal. Vê-se que o espaço faz parte de um procedimento de exclusão - a separação - ou, como disse Revel (2005), faz parte do conjunto das práticas divisórias que subjetivam o sujeito o que nos faz refletir se haverá um espaço então para o brasileiro e o não-brasileiro.

¹¹¹ Assunto abordado no primeiro capítulo, no tópico “O discurso da brasilidade”.

Se nas teorias foucaultianas os sujeitos listados são essencialmente os da contraconduta (os delinquentes, loucos e doentes), seria possível considerar os sujeitos da normação, em seus espaços residenciais? Caso remontemos a quando o filósofo discorre acerca do dispositivo da sexualidade, podemos encontrar esses espaços de exclusão nos espaços de interiores domésticos. Citam-se, por exemplo, as referências de uma separação familiar criança/adulto, em que Foucault (1999b, p. 46) afirma “a polaridade estabelecida entre o quarto dos pais e o das crianças (que passou a ser canônica no decorrer do século, quando começaram a ser construídas habitações populares)”, sem esquecer a referência à “segregação relativa entre meninos e meninas” (FOUCAULT, 1999b, p. 46). E, por estas afirmações, acrescentemos, ainda a posição da mulher, mãe e dona de casa definida pelos espaços domésticos da cozinha, separada do marido, pai e esteio da família, que está no seu escritório. Esses seriam os exemplos de práticas divisórias que subjetivam os indivíduos com auxílio de mecanismos dos saberes do design de interiores, que estão mobilizados pelo dispositivo da brasilidade, e seu discurso, nos espaços de interiores domésticos demarcando o sujeito usuário e visitante do determinado espaço da brasilidade. Esse sujeito que mora, usa ou visita o espaço de interiores da brasilidade vê-se então na relação divisória sobre ser sujeito dessa brasilidade ou não.

O terceiro formato dos processos de subjetivação citados por Revel (2005, p. 78) são as técnicas diversas da governamentalidade. Trata-se, então, da “maneira pela qual acaba-se por exigir que os sujeitos produzam um discurso sobre si mesmos - sobre sua existência, sobre seu trabalho, sobre seus afetos, sobre sua sexualidade”, cujo objetivo é “fazer da própria vida, tornada objeto de múltiplos saberes”, isto é, a dobra da relação de forças (DELEUZE, 2005, p.111). Tendo em vista que a Mostra da Casa Cor é um evento midiático que traz como tema o discurso da brasilidade e que cunha como seu slogan o enunciado “O Brasil visto por dentro” nota-se aí, de certa forma, uma maneira de propor o discurso sobre si mesmo. O discurso sobre si, falar sobre a sua própria vida, por sua vez, tem como mecanismo a confissão, portanto o sujeito que se insere em um espaço dito da brasilidade e que o considera inserido em sua realidade, se confessa sujeito da brasilidade. Em *História da Sexualidade I*, Foucault (1999b, p. 46) trata da importância da confissão, ressaltando que “o homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”. Para ele,

[...] a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desencadeia numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; em fim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 1999b, p. 60).

Se a confissão é um ritual pelo qual é necessário que o sujeito redirecione o olhar para si mesmo e que seu resultado altere o próprio sujeito, tem-se aí um processo de experiência, que se compreende como “[...] um conjunto de práticas por meio das quais os indivíduos são levados a olhar para si mesmos e a reconheceram-se como sujeitos”, de acordo com Witches (2014, p. 29-30).

A experiência, explica Castro (2014, p. 34), é “o que pode produzir-se a partir da relação entre um sujeito e um objeto”, portanto um espaço de interiores doméstico, que é desenvolvido por um sujeito a partir de um objeto, pode ser considerado uma experiência. Por exemplo, o sujeito da modernidade, cujo objeto é a modernidade, desenvolve, ou ainda, produz um espaço de interiores doméstico da modernidade. É por este caminho que, possivelmente, podemos compreender como uma experiência a constituição de um espaço, pois depende do indivíduo olhar para si mesmo se reconhecendo como o sujeito de determinado objeto discursivo. Os processos de subjetivação, contudo, ao desenvolver as experiências dos espaços, parecem promover a constituição de subjetividades já, que, o dispositivo arquitetônico exercita os jogos do saber e do poder pela enunciação¹¹², considerando sua linguagem espacial.

Para Castro (2014), Foucault entende que levantar uma “história do cuidado e das 'técnicas' de si seria, então, uma maneira de fazer a história da subjetividade”, na contemporaneidade, essas subjetividades ocorrem “através da formação e das transformações em nossa cultura das 'relações consigo mesmo' com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber” (CASTRO, 2014, p. 93). Importa ressaltar que pelas vias da governamentalidade a história da subjetividade tem relação com “o governo

¹¹² De acordo com Miranda e Navarro (2001, p. 57) “[...] parece oportuno compreender a escola como um dispositivo que produz subjetividades, uma vez que a escola é um espaço de enunciação no qual os saberes se instauram juntamente com o poder”.

de si mesmo por si mesmo, na sua articulação com as relações com os outros” (CASTRO, 2014, p.93). E, por este caminho, estas articulações estão em exercício “na pedagogia, nos conselhos de conduta, na direção espiritual, na prescrição de modelos de vida, etc” (CASTRO, 2014, p.93). Isto é, os espaços internos residenciais na contemporaneidade são produtores de subjetividades, visto que, colocam em discurso modos de vidas, prescritos, dentre outros, por saberes como os da mídia. É, também, a partir dos mecanismos midiáticos que os espaços de interiores domésticos ganham visibilidade, mas como resultado vemos que as linhas separadoras entre o que entendíamos como espaço público e espaço privado estão cada vez mais tênues.

Aponda Machado (2014, p. 22), que é difícil distinguir entre o espaço público e o privado no século XXI, “esse fenômeno em grande parte [é] preconizado pelos meios midiáticos que promovem, de forma intensa, a necessidade de exibição dos sujeitos”. A mídia pode ser, neste sentido, apontada como um mecanismo dos processos de subjetivação da contemporaneidade pois exerce-se por “uma penetração extremamente fina do poder nas malhas da vida” (REVEL, 2005, p. 30). Retomando Machado (2014, p. 26)

[...] pode-se dizer, então, estarem ocorrendo movimentos de desconstrução e de rompimento de padrões estéticos, sociais e culturais preconizados, principalmente, pelos meios midiáticos e pela sociedade de consumo, iniciados no final do século XX, que postulam novas necessidades, bem como mudanças nos hábitos cotidianos dos sujeitos.

Esses movimentos de desconstrução e de rompimento pela mídia atingem, por sua vez, um sujeito que já foi objetivado pelos espaços de interiores domésticos da disciplina. Esse sujeito que recebe os estímulos da mídia, é também, o sujeito da confissão, já que “as paredes [da casa] que costumavam proteger a privacidade estão rachando e os sujeitos conectados através dos artefatos tecnológicos em rede [...] estão exibindo, de outras formas, sua vida privada para as esferas públicas” (MACHADO, 2014, p.27). Essa relação entre os espaços de interiores domésticos, a mídia e os processos de subjetivação da governamentalidade neoliberal pode ser vislumbrada em exercício pelos slogans “bem morar¹¹³” e “bem viver¹¹⁴” ou, ainda, “a

¹¹³ Já citado, nesta dissertação em dois momentos: primeiro capítulo, tópico “1.2 O discurso da brasilidade”, e, também, segundo capítulo, final do tópico “2.1 Os espaços de interiores domésticos: da disciplina, da segurança e da governamentalidade neoliberal”.

¹¹⁴ Já citado, primeiro capítulo, tópico “1.2 O discurso da brasilidade”.

marca do bom gosto”: todos exemplos são discursos, de diferentes campanhas, da Mostra Casa Cor (Figura 05).

Figura 05 - Slogan da Casa Cor São Paulo.



CASACOR ©
A MARCA DO BOM GOSTO

Fonte: Site Casa Cor¹¹⁵

A expressão “a marca do bom gosto”, pode ser considerada um discurso da mídia em relação aos espaços de interiores domésticos que se exercem como um processo de subjetivação, se orientado pelo desejo do interesse dos sujeitos e da população, no que diz respeito ao dispositivo de racionalidade econômica abordado por Fahri-Neto (2010). Os sujeitos adeptos a estes discursos e que se inserem nestes espaços midiáticos de exposição do morar, podem ser compreendidos como sujeitos em processos de confissão do seu modo como “bem morar” ou, ainda, bem viver. Isto é, são sujeitos da confissão do “bom gosto” no que tange à moradia, e são aqueles que buscam a aplicação dessas características da brasilidade em seus espaços de interiores domésticos. Sujeitos que planejam os seus espaços na inscrição daquilo que rege o dispositivo e o discurso da brasilidade.

Após todas as considerações sobre os processos de subjetivação levantadas neste tópico, e com o propósito de visualizar, esquematicamente, como foi compreendido os três formatos de subjetivação que Revel (2005) propõe pela sua leitura das obras de Michel Foucault. Desenvolvemos uma representação resumida destes processos de subjetivação (Quadro 03) pontuando como consideramos as práticas de si e as relações de força para cada tipo de processo de subjetivação.

¹¹⁵ REDAÇÃO, Da. Principais fornecedores da Casa Cor São Paulo 2009. Casa Cor. 19 jan. 2017. Disponível em: <<https://casa.abril.com.br/profissionais/principais-fornecedores-da-casa-cor-sao-paulo-2009/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Quadro 03 - Esquematização da relação entre subjetivação e espaços de interiores domésticos.

Processos de Subjetivação nos espaços de interiores domésticos			
Foucault (Revel, 2005)	Objetivação	Práticas Divisórias	Técnicas da Governamentalidade
Deleuze (2005)	Dobra do Saber	Dobra Material	Dobra da relação de forças
Práticas de Si (CASTRO, 2014)	Sujeito produzido por saberes	Sujeito da normação	Sujeito da normalidade
Relação de Forças (DELEUZE, 2005)	Espaços residenciais panópticos de normação	Espaços residenciais da biopolítica	Espaços residenciais de experiência
Sujeitos nos espaços de interiores domésticos	Sujeito usuário seja morador, utilizador ou visitante dos espaços de interiores domésticos.	Sujeito usuário seja morador, utilizador ou visitante dos espaços de interiores domésticos.	Sujeito que planeja e desenvolve esse espaço da brasilidade.

Fonte: A autora.

A síntese (Quadro 03) demonstra que o espaço residencial de interiores, considerado pertencente aos dois eixos, o discursivo e o não discursivo¹¹⁶, se adequa às necessidades das relações de forças e comporta-se como um mecanismo dos processos de subjetivação constituintes de subjetividades. Outro ponto importante abordado neste tópico foi o da relação da mídia com os espaços de interiores domésticos, que esclareceu, inclusive, o funcionamento dessa engrenagem do espaço/mídia para o exercício do processo de subjetivação na contemporaneidade. Mediante todo o exposto e, assim compreendido o envolvimento do espaço em relação à mídia para a constituição de subjetividades, torna-se viável, no próximo tópico, estabelecer as relações entre as heterotopias dos espaços residenciais e os

¹¹⁶ Ver primeiro capítulo, tópico “Do espaço ao discurso”.

processos de subjetivação da contemporaneidade que constituem os sujeitos neoliberais da brasilidade.

3.2 O SUJEITO NEOLIBERAL DA BRASILIDADE E AS HETEROTOPIAS

No capítulo anterior, mais precisamente no seu segundo tópico, concluímos que os espaços de interiores domésticos são heterotopias de ilusão¹¹⁷, uma vez que são planejados sob a prática do modernismo brasileiro para sujeitos usuários desses espaços cotidianos da brasilidade na contemporaneidade neoliberal. Verificamos que a mostra da Casa Cor São Paulo 2015, por sua vez, atua como heterotopia de compensação, uma vez que são planejados pela mídia e exprimem uma perfeição que contradiz a realidade. Posteriormente, no primeiro tópico desse capítulo, buscamos o conhecimento sobre os processos de objetivação/subjetivação em conexão com os espaços de interiores domésticos que constituem as subjetividades, separados por Revel (2005) em processo de objetivação, práticas divisórias, e técnicas da governamentalidade. Definimos, ainda, que os espaços de interiores domésticos da brasilidade possuem uma característica singular que é a sua relação com o tempo e, assim, se aproximam das heterotopias de acúmulo nas quais o sujeito usuário do espaço se encontra em meio ao passado ali resguardado. E, também, se aproximam da heterotopia de heterocronia crônica os espaços que, em um breve momento, tentam resgatar a história, a cultura e os costumes de um grupo social, como a mostra da Casa Cor em meio a um clima de festa, fútil e passageiro. Seus sujeitos, nesse espaço, podem reviver e celebrar aquilo que estava esquecido no nível da memória.

Por agora, cabe-nos traçar as linhas e nós que entrelaçam os espaços heterotópicos da brasilidade neoliberal e os processos de objetivação/subjetivação dos sujeitos usuários desses espaços. Paralelamente, há que se acrescentar a condição de que a brasilidade é, nesta pesquisa, compreendida além de discurso, como um dispositivo¹¹⁸. Além disso, salienta-se ainda que, a mídia atrelada à racionalidade econômica atua como mecanismo que orienta o exercício dos processos de subjetivação contemporâneos. Para tanto é importante destacar que

¹¹⁷ Retomar segundo capítulo, tópico “A heterotopia dos espaços de interiores pelo dispositivo da brasilidade”.

¹¹⁸ Retomar segundo capítulo, final do tópico “A heterotopia dos espaços de interiores pelo dispositivo da brasilidade”.

neste tópico consideramos apenas o sujeito usuário do espaço de interiores doméstico, aquele que planeja, mora, atua ou, ainda, visita este espaço de interiores doméstico da brasilidade. Neste momento não trataremos dos sujeitos específicos da Casa Cor, estes sujeitos serão analisados após a compreensão de como a relação heterotopia, espaços, brasilidade e sujeito acontece em um âmbito geral para depois ser visto na especificidade do nosso objeto.

A partir desse objetivo destacamos que, conforme Miranda e Navarro (2011, p. 58), “as práticas discursivas veiculadas pela mídia, [...] produzem saberes ao mesmo tempo em que exercem poder e conduzem comportamentos”. Mesmo porque, “a mídia não apenas veicula” os discursos, mais que isso, “ela, sobretudo, constrói discursos e produz significados e sujeitos” (FISCHER, 2012, p. 113). À medida que se considera a mídia parte de um mecanismo constituinte de subjetividades que “nos convidam, no capturam e nos ensinam modos de existir hoje”, também se considera que há “em nossos tempos uma progressiva transformação do espaço e do debate públicos” (FISCHER, 2012, p.132). Essas transformações denotam mais valoração nas “experiências singulares, particulares, nas emoções, no exemplo e no sucesso individual, no elogio narcísico do corpo e da narrativa do ‘eu’, no controle dos gestos mínimos, na vigilância de uma sexualidade sempre incitada” (FISCHER, 2012, p.132). E ao se tratar da mídia como mecanismo do dispositivo da brasilidade, observa-se, então, que todos esses atributos da transformação estão voltados para os sujeitos usuários desses espaços de interiores domésticos da brasilidade¹¹⁹ neoliberal. A brasilidade permeia as práticas discursivas midiáticas com seu discurso e, por sua vez, produz nos espaços terrestres a “vigilância de uma brasilidade incitada”.

Logo, ao colocar em foco a questão do morar e, em se tratando de mídias televisivas, há que se citar, a exemplo, programas como “Lar doce lar¹²⁰”, um quadro do programa Caldeirão do Huck, na Rede Globo, e o “Decora¹²¹,” programa da GNT, também do grupo Rede Globo. Ambos os programas funcionam de modo a reformar uma casa ou um cômodo para pessoas que não teriam condições financeiras de fazê-lo. Para participar desses programas, é necessário que as pessoas enviem

¹¹⁹ Sobre o liberalismo e o neoliberalismo, página 49, segundo capítulo, primeiro tópico “Os espaços de interiores domésticos: da disciplina, da segurança e da governamentalidade neoliberal.

¹²⁰ INSCRIÇÕES2018. Lar Doce Lar 2018 Inscrições: Caldeirão do Huck. Inscrições 2018. Entretenimento. Disponível em: <<http://xn--inscries2018-pdb0r.com/lar-doce-lar-2018/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

¹²¹ DECORA. Sobre o programa. GNT. Globo. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/decora>>. Acesso em: 16 out. 2018.

solicitações por correio ou pela internet pedindo ajuda e explicando suas necessidades. Os programas possuem como estrutura de exibição uma entrevista no local com os participantes, a reforma e a entrega do ambiente ou casa reformada. Neste tipo de programa, sob o mesmo ponto de vista de Fischer (2012), vê-se a confissão, a culpabilidade, a moralização das práticas, o exemplo de vida, a autoavaliação e a autotransformação atuando nos sujeitos moradores do espaço, mas também dos sujeitos espectadores do programa, uma vez que existe a identificação pela exploração daquilo que faz sentido. Uma vez que, como aponta a própria autora:

[...] pessoas simples apresentam testemunhos, de tal forma que se configuram como “lições de vida”; em outras ocasiões, personalidades públicas ou sujeitos anônimos confessam verdades sobre si mesmos, produzidas a partir de todo um aparato da mídia, mas que se manifestam como uma verdade especial, própria daqueles sujeitos que enunciam (FISCHER, 2012, p. 118).

Figura 06 - Entregas das reformas do quadro Lar Doce Lar - Caldeirão do Huck

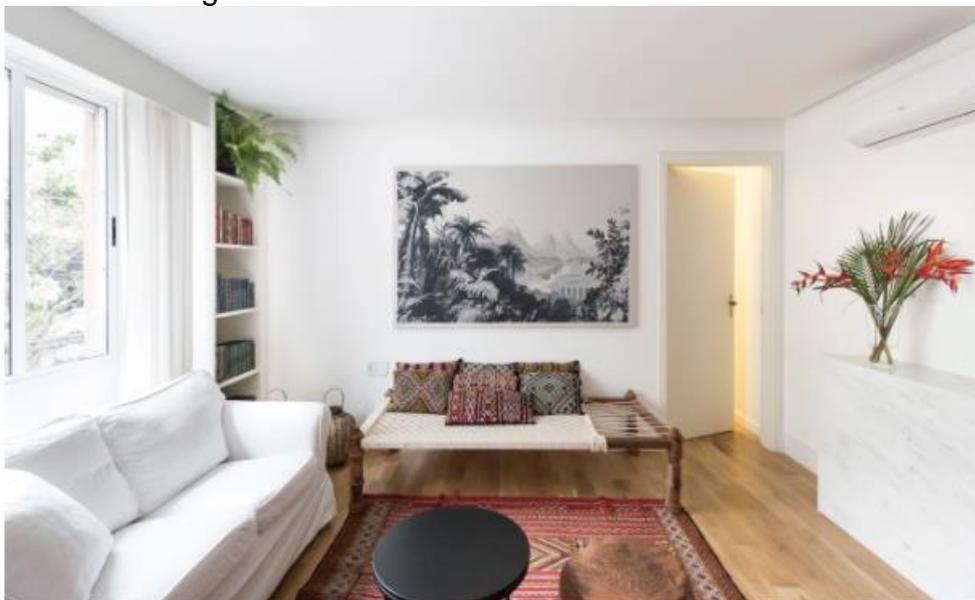


Fonte: Petrolândia Notícias¹²²

Da mídia televisionada à mídia impressa e, agora, também *online*, encontramos as mesmas estruturas de subjetivação. Revistas como “Casa Cláudia” e “Casa Vogue” apresentam as casas de sujeitos anônimos e famosos e, durante a explanação, é possível verificar a atuação da confissão e dos demais elementos que Fischer (2012) levanta como “práticas de si”. A exemplo, têm-se a “visita guiada” da Casa Cláudia, neste tipo de artigo o profissional, seja designer de interiores, arquiteto ou decorador, apresenta o espaço desenvolvido para seus clientes.

¹²² NOTÍCIAS, Petrolândia. Luciano Huck entrega casa do 'Lar Doce Lar' em Olho D'Água do Casado, AL. Petrolândia Notícias. Petrolândia. Pernambuco. 7 mai de 2016. Disponível em: <<https://www.petrolandianoticias.com.br/2016/05/luciano-huck-entrega-casa-do-lar-doce.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Figura 07 - Casa Cláudia e a Visita Guiada



(Marcelo Donadussi/Camila Cavalheiro Arquiteta)

Referências catalãs, nórdicas e muitas pitadas de brasilidade estão por cada canto deste apartamento de 97 m² em Porto Alegre. O projeto assinado por **Camila Cavalheiro** buscou na personalidade dos moradores a identidade do décor. O casal, com um filho pequeno, viveu por uma década em Barcelona e voltou para a capital gaúcha no ano passado, após ter viajado pela Europa, norte da África e meio oriente, de onde trouxe inúmeros móveis e objetos.

Fonte: Site Casa Cláudia¹²³

O especialista, sujeito do saber, está presente em todo texto do artigo, porque, certamente, como já informou Fischer (2012, p. 121) “a invasão dos especialistas (correlato de todas as técnicas de exposição dos indivíduos e grupos) não é privilégio dos documentários”, carregando a legitimidade da palavra e a autoridade do dizer. Do mesmo modo, há uma mistura entre artigo de entretenimento e propaganda publicitária, em que Fischer (2012, p. 129) aponta ser tendência “a linguagem dos anúncios publicitários se [tornar] uma espécie de matriz de um tipo de linguagem, presente nos mais variados gêneros de produtos televisivos”, neste caso,

¹²³ CONTE, Mariana. Apê em Porto Alegre mistura referências catalãs e brasileiras. Visita Guiada. **Casa Cláudia**. 23 fev 2018. Disponível em: <<https://casaclaudia.abril.com.br/visita-guiada/ape-em-porto-alegre-mistura-referencias-catalas-e-brasileiras/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

considerando a mídia em geral. Concomitantemente, na internet em geral, presencia-se uma grande quantidade desses discursos, demonstrando que, assim como na pesquisa de Fischer (2012) a busca pela felicidade está no “gesto tornado já corriqueiro de se dizer tudo que se sente e se pensa, sem qualquer preocupação com as consequências dessa prática” porque dizer tudo “é em si bom e desejável” (FISCHER, 2012, p.123). Assim como pontuou Machado (2014, p. 27 - grifo da autora):

[...] as paredes que costumavam proteger a privacidade estão rachando e os sujeitos conectados através dos artefatos tecnológicos em rede - *webcams, paparazzi, blogs, fotologs, YouTube, Orkut, Facebook* - estão exibindo, de outras formas, sua vida privada para as esferas públicas.

Dessa maneira, é provável que essa exposição, pesquisada por Fischer (2012) nas mídias televisivas como procedimentos das “práticas de si” contemporâneas, se adequem às diversificadas mídias que estão em consonância com os saberes do design de interiores. Possivelmente, a engrenagem que conecta a mídia e os espaços de interiores domésticos atuam no sujeito constituindo subjetividades. Acresce que, ambos os mecanismos inseridos no dispositivo da brasilidade confluem para a constituição de um sujeito neoliberal da brasilidade que mora, usa, visita, ou é espectador desses espaços. A exemplo de discursos como “é inegável que o Brasil está na moda”, exibidos, por exemplo, no *site* da Casa Cláudia¹²⁴ ou, ainda, “finalmente, às vésperas do ano da Copa do Mundo por aqui, não se pode esquecer a brasilidade”, de um artigo que trata sobre como serão as residências do futuro, também da Casa Cláudia¹²⁵.

No que diz respeito à mídia televisiva o quadro “Lar Doce Lar” aparece novamente, agora por uma entrevista com Marcelo Rosenbaum, designer de interiores, responsável pelo quadro no programa do Luciano Huck, suas palavras sobre a brasilidade são: “a gente se inspira nos elementos da brasilidade, que estão

¹²⁴ CARDERARI, Zizi. Tendências 2014: jardim mistura texturas e muita cor. Ambientes. Casa Claudia. 17 dez. 2013. Disponível em: <<https://casaclaudia.abril.com.br/ambientes/tendencias-2014-jardim-mistura-texturas-e-muita-cor/>>. Acesso em: 17 out. 2018

¹²⁵ CARDERARI, Zizi. Tendências 2014: contêineres e outros refúgios modernos. Casas e Apartamentos. Casa Cláudia. 17 dez. 2013. Disponível em: <<https://casaclaudia.abril.com.br/casas-apartamentos/tendencias-2014-containeres-e-otros-refugios-modernos/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

no imaginário do coletivo¹²⁶". Maurício Arruda, o atual arquiteto responsável pelo programa "Decora" da GNT usa a brasilidade como um elemento distintivo dos seus projetos. Assim, afirma o texto que o apresenta: "brasilidade, identidade, atemporalidade e funcionalidade com um toque de humor são marcas registradas do seu trabalho¹²⁷". Quer dizer, a proposta, com fundamentação em Fischer (2012), de compreender a mídia, em especial aquelas relacionadas aos espaços de interiores domésticos da brasilidade, como mecanismos que colocam em exercício os processos de subjetivação, justifica-se a partir destes exemplos, anteriormente citados.

Mediante o exposto, questiona-se como se relacionam com os processos de subjetivação e as heterotopias? Foucault (2001) assevera que as heterotopias de crise atuam nos sujeitos que se encontram "em estado de crise" diante da normação social e, lista como exemplos, as mulheres na época da menstruação ou em resguardo, os jovens na época do serviço militar e etc. Para o filósofo, as heterotopias de desvio, por sua vez, atuam em relação aos sujeitos nos quais o comportamento se "desvia em relação à média ou à norma exigida" (FOUCAULT, 2001, p. 416), normalização. Com efeito, percebe-se que a heterotopologia se orienta em conformidade com a tríade foucaultiana do poder, saber, sujeito e, por esta orientação, cabe-nos buscar a relação dos espaços de interiores domésticos heterotópicos com esses sujeitos dos espaços articulados pela mídia e pela brasilidade.

Para tanto, retomamos que a presente pesquisa compreendeu os espaços de interiores domésticos contemporâneos como heterotopias de ilusão e, por este sentido, a relação destes espaços heterotópicos com os sujeitos que ali vivem é, também, conectado com a questão da função desta heterotopia. A heterotopia de ilusão tem como função "criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real" (FOUCAULT, 2001, p. 420), contanto que a contemporaneidade está inserida em um sistema de governamentalidade e, não mais em um predominante sistema disciplinar, os espaços de ilusão marcam no sujeito aquilo que lhe falta. Isto é, em face à desorganização do seu espaço doméstico e

¹²⁶ ROSEMBAUM, Marcelo. *IN*: ZAP, Revista do Designer Marcelo Rosenbaum, do quadro da TV Lar Doce Lar, aposta na brasilidade. Revista, ZAP Imóveis. Decoração. 25 abr. 2012. Disponível em: <<https://revista.zapimoveis.com.br/designer-marcelo-rosenbaum-do-quadro-da-tv-lar-doce-lar-aposta-na-brasilidade-3737226-sc/>>. Acesso em 17 out. 2015.

¹²⁷ ARRUDA, O arquiteto Maurício. GNT Decora. Globo.com. Disponível em <<http://gnt.globo.com/programas/decora/o-arquiteto-mauricio-arruda-75.htm>>. Acesso em: 17 out. 2018.

impelido pelo discurso dos espaços de interiores domésticos adequados à normalidade, acredita-se que o sujeito adentra aos mecanismos das “práticas de si”. Estes mecanismos das “práticas de si” quando veiculados pela mídia em coerência com os saberes do design de interiores, como se viu orquestrar nos parágrafos anteriores, retratam, eventualmente, espaços de interiores domésticos em perfeição com as premissas da sociedade. O que nos leva a retomar a questão da heterotopia de compensação, retrata a imperfeição dos espaços de vivência que não são os da mídia. A perfeição é tão artificial que há discussões sobre a falta de humanização dos espaços de interiores midiáticos pelos próprios profissionais da área da construção civil.

Se os espaços de interiores domésticos cotidianos são heterotopias de ilusão que colocam o sujeito em relação com as “práticas de si”, sobretudo por aquilo que lhe falta na ordem do discurso de moradia adequada, podemos acreditar que espaços de interiores domésticos da mídia como heterotopias de compensação se colocam na ordem do discurso da adequação, e tratam de imergir o sujeito nos processos de subjetivação. Já, em se tratando dos espaços heterotópicos de interiores domésticos de acúmulo e de heterocronia crônica, pode-se considerar que ao fazer emergir essas características locais e nacionais desarticuladas pela globalização colocam o sujeito em conexão com a brasilidade. Isso ocorre mesmo que por um curto período de tempo mas, são formas de aproximá-lo ao que lhe é identitário, reativar a normalização, vale retomar: “a vigilância de uma brasilidade incitada”.

Ocorre, portanto pelo discurso da brasilidade, de forma semelhante, o exercício dessas heterotopias. Os espaços de interiores domésticos tidos como da brasilidade e exibidos pela mídia, são, eventualmente organizados e milimetricamente perfeitos, até no que tange à diversidade, são também para o sujeito aquilo que lhes falta que é a possibilidade de uma padronização nacional (ilusória), ainda mais, espaços de celebração e rememoração das características da brasilidade (acúmulo e heterocronia crônica). Em pesquisa na internet, pode-se encontrar discursos e espaços como o da Figura 07, em que o designer de interiores Marcelo Rosenbaum exhibe seu apartamento em São Paulo para o *site* da Revista Casa Vogue. Em entrevista, cujo título é “Marcelo Rosenbaum enche seu apartamento de verde e brasilidade”, Amorozo (2018), o entrevistador, aponta que “ao contrário dos jesuítas “fundadores”, Marcelo atua para reposicionar os diversos grupos que compõem nossa população, de maneira que nenhuma etnia ou classe seja vista como superior às

demais” (AMOROZO, 2018), e cita as palavras do profissional “o mundo só vai evoluir quando as pessoas incluírem mais as diversidades e as diferenças, que são enormes e trazem muita dor por trás” (AMOROZO, 2018). Por fim, o texto define o apartamento de Rosenbaum pelos seguintes termos: “o que se vê é a arquitetura neoclássica preenchida por artesanato de diferentes cantos do Brasil, móveis de design internacional” (AMOROZO, 2018).

Figura 08 - Brasilidade na Casa Vogue com Marcelo Rosenbaum



Fonte: Site Casa Vogue¹²⁸

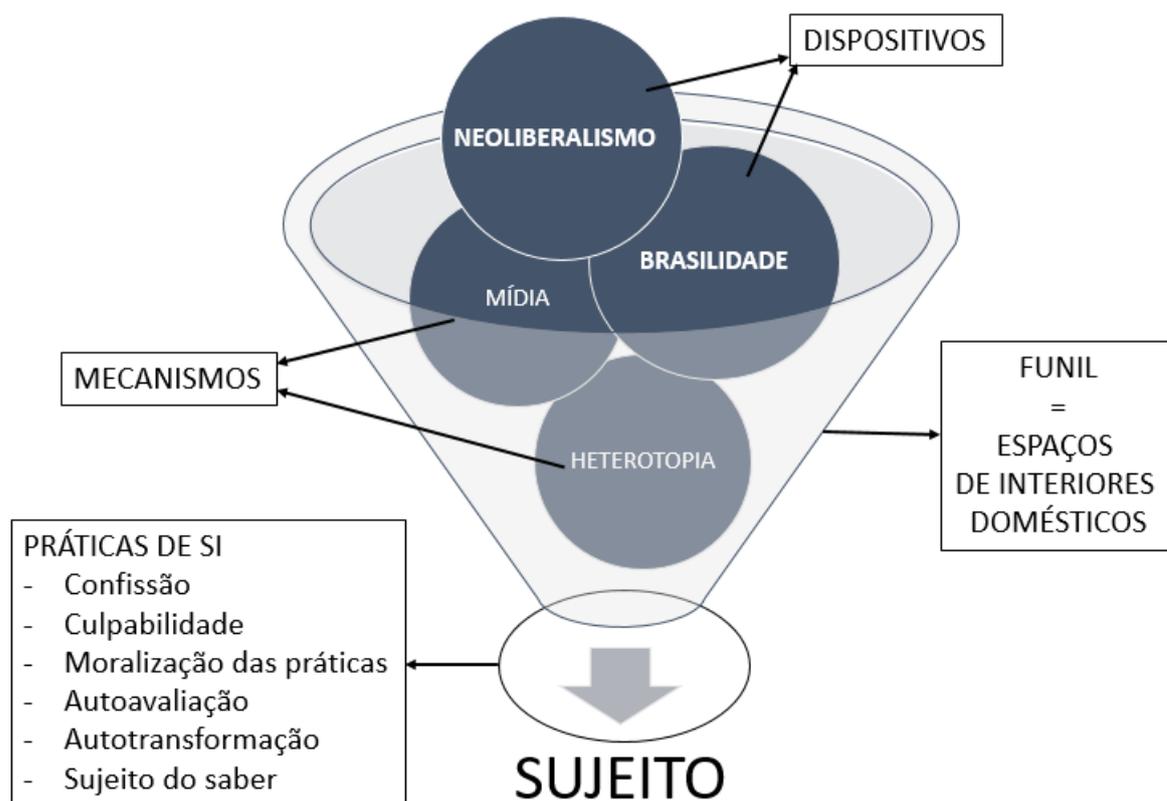
Na imagem acima, o que se vê, são cores equilibradas, claridade, desorganização artificial, uso de elementos decorativos que resgatam as características do que lhe é peculiar à brasilidade, folhagens, quadros com imagens de afrodescendentes, flechas na parede, madeira no chão. De fato, há ali o discurso da brasilidade do branqueamento, visto que, o que predomina no espaço, é a branquitude, apenas salteada com detalhes não europeus. O que se pode apontar

¹²⁸ AMOROZO, Guilherme. Marcelo Rosenbaum enche seu apartamento de verde e brasilidade. Casa Vogue. Interiores. 24 set. 2018. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Interiores/apartamentos/noticia/2018/09/marcelo-rosenbaum-enche-seu-apartamento-de-verde-e-brasilidade.html>>. Acesso em: 18 out. 2018

pela heterotopia é que o espaço da brasilidade de Rosenbaum ativa no sujeito aquilo que lhe falta, aquilo em que ele precisa se adequar, restitui a questão identitária em meio àquilo que lhe é passageiro: a mídia. Por certo, há uma proximidade com as conclusões de Fischer (2012, p. 127), quando a autora descreve as ações que a televisão exerce. Segue o trecho nos seus termos: “ela narra, ela tece essas histórias, seleciona estratégias de linguagem pelas quais edita vidas, aponta caminhos, ensina modos de ser, espetaculariza o humano, a qualquer preço”.

Para visualizar esquematicamente a forma como alinhamos os elementos deste capítulo, desenvolvemos um quadro que representa as relações, neoliberalismo, brasilidade, mídia, heterotopia, espaços e sujeitos.

Quadro 04 - Esquematização da relação entre Espaços e Sujeitos da brasilidade.



Fonte: A autora.

Diante das reflexões sobre os processos de subjetivação, mídia e heterotopia, foi possível visualizar como esses três elementos estão conectados nestes jogos de relações de poder pelos espaços de interiores domésticos da brasilidade neoliberal. Em síntese, compreende-se a possibilidade de que os espaços de interiores

domésticos do cotidiano serem heterotopias de ilusão, enquanto estes mesmos espaços exibidos pelas mídias se constituem como heterotopias de compensação. No que tange à brasilidade especificamente, relacionamos à heterotopia de acúmulo e de heterocronia crônica. Ambos espaços heterotópicos em soma com a mídia perpassada pelos dispositivos, a brasilidade e o neoliberalismo, atuam pelas “práticas de si” na constituição do sujeito neoliberal da brasilidade.

Por fim, a presente pesquisa, pelo trajeto desenvolvido nos capítulos anteriores (a saber, de compreensão da teoria foucaultiana, descrição arqueológica do acontecimento e suas condições, pela identificação do funcionamento dos espaços heterotópicos de interiores pela questão do poder, e o estabelecimento de como essa prática discursiva atinge os sujeitos usuários do espaço) iniciará o capítulo analítico, cujo objeto são as imagens dos espaços da Casa Cor São Paulo 2015, com o intuito de compreender por que os ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor 2015, cuja prática discursiva inscreve-se no dispositivo da brasilidade e nos jogos de governamentalidade, a partir dos processos de subjetivação, regem as condutas do indivíduo neoliberal sob a funcionalidade da modulação do “bem morar” do brasileiro.

CAPÍTULO 4 - A BRASILIDADE RENDERIZADA NAS ESTRUTURAS DA CASA COR SÃO PAULO 2015

Certamente os meios produzem também enunciados, e os enunciados também determinam os meios. Além disso, as duas formações são heterogêneas, apesar de inseridas uma dentro da outra: não há correspondência nem isomorfismo, não há causalidade direta nem simbolização (DELEUZE, 2005, p. 41)

Nos capítulos anteriores dedicamos nossos estudos aos principais eixos da fundamentação foucaultiana, o saber, o poder e o sujeito, sempre em relação com as práticas discursivas e os espaços heterotópicos terrestres. Por este caminho, descrevemos, no primeiro capítulo, as condições de emergência, de existência e de possibilidade do discurso da brasilidade pelos espaços de interiores domésticos. No segundo capítulo, direcionamos o estudo ao eixo relacionado às técnicas de governamentalidade, identificamos como os espaços de interiores domésticos está inserido em uma governamentalidade neoliberal e, como estes mesmos espaços podem ser exercitados pelo dispositivo da brasilidade. O sujeito desta brasilidade neoliberal como resultado da relação dos espaços de interiores domésticos heterotópicos e os processos de subjetivação foram estabelecidos no terceiro capítulo desta dissertação. Acrescente-se que os saberes do movimento moderno brasileiro e a mídia como mecanismo de governamentalidade mostraram-se, durante a pesquisa, relevantes em suas relações com o objeto de estudo. As etapas da dissertação descritas foram os passos percorridos para chegarmos ao entendimento do que nós mesmos nos propusemos dado o objetivo geral da pesquisa, isto é, compreender o modo como os ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor São Paulo 2015, inscritos nas práticas discursivas da brasilidade, funcionam como mecanismos do exercício da governamentalidade neoliberal e quais as condutas resultam desses processos de subjetivação para esses sujeitos da brasilidade.

Nesse sentido e a partir das considerações que foram tecidas até o momento, neste quarto e último capítulo, tratamos da renderização da brasilidade nas estruturas da Casa Cor São Paulo 2015, uma vez que renderizar é humanizar uma planificação, é tornar volumes geométricos em imagens carregadas de memórias. Conseqüentemente, o objetivo agora constitui-se em analisar as séries enunciativas, compostas por quatro espaços de interiores domésticos, que discorrem acerca da brasilidade, cujas imagens foram divulgadas pelas duas revistas impressas do Grupo

Abril/Casa Cor, a fim de verificar quais condutas são resultantes dos processos de subjetivação exercidos pelos e nos espaços de brasilidade. Desenvolveremos a prática analítica das séries enunciativas inscritas no discurso da brasilidade da Casa Cor São Paulo 2015, cujo slogan é “O Brasil visto por dentro¹²⁹”.

A análise empreendida busca depreender as condutas resultantes do processo de subjetivação em exercício nesse evento midiático cuja prática discursiva está inscrita no dispositivo da brasilidade. Em conformidade com o método arqueogenealógico, consideramos a função enunciativa¹³⁰, buscando compreender o funcionamento de cada um de seus elementos constitutivos: referencial, sujeito, campo associado e materialidade. Assim, o movimento de leitura descritivo-interpretativo do enunciado fundamenta-se nas teorias foucaultianas, buscando relacionar os eixos dos modos de veridicção, das técnicas de governamentalidade e das práticas de si. Acresce-se que a Mostra da Casa Cor São Paulo 2015 exibiu setenta e seis¹³¹ espaços ambientados, por isso, para definir o *corpus* de análise utilizamos dois critérios, um deles foi a visibilidade e destaque dados aos espaços de interiores. Com tal procedimento, a série enunciativa definida possui duas imagens que compreendem o conjunto de espaços de interiores domésticos que ganharam maior destaque nas mídias da Mostra da Casa Cor 2015.

Além dos materiais já mencionados, o *corpus* constituiu-se, também, das imagens correspondentes aos espaços de interiores domésticos sobre os quais os próprios profissionais, a partir do título do espaço, se posicionaram como espaços da brasilidade. O resultado da seleção elegeu quatro imagens, destas, dois ambientes foram aqueles expostos nas capas das duas revistas impressas da Casa Cor, a saber: a capa do Anuário da Casa Cor 2015¹³² denominado de “Espaço Brasil de Pau a Pique”, desenvolvido por Roberto Migotto (Figura 09) e, a capa do *Book Collection*¹³³, o espaço “A Casa da Gente”, da profissional Marina Linhares (Figura 10). Para completar a seleção, têm-se os espaços “Living do Colecionador Brasileiro” de Flavia Gerab Tayar (Figura 12) e o ambiente “Viver Brasileiro em Miami” de Myrna Porcaro (Figura 13). A série enunciativa recortada para o desenvolvimento da prática analítica

¹²⁹ Exposto no primeiro Capítulo.

¹³⁰ Foucault n'Arqueologia do Saber trata da função enunciativa como "esse modo singular de existência, característico de toda série de signos, desde que seja enunciada" (FOUCAULT, 2007, p. 99).

¹³¹ Verificar a imagem do “Índice de Profissionais” em anexos, Anexo B.

¹³² ANUÁRIO. **Casa Cor São Paulo 2015**. 1a. Ed. Editora Abril. São Paulo, 2015.

¹³³ BOOK COLLECTION. São Paulo: **Casa Cor**. Editora Abril, 2015.

(Figuras 08-11) é composta em sua materialidade pelas linguagens verbal e imagética.

Os movimentos de leitura dessas materialidades visuais seguem o pensamento foucaultiano que entende o discurso como uma prática e acaba por formar o objeto no qual discorre (como visto na página 27 desta dissertação). Apresentamos, a seguir, o quadro 4 que, apoiado em Gonçalves (2016), sintetiza os elementos da função enunciativa, os quais subsiam a prática analítica da materialidade que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Quadro 05 – Elementos da função enunciativa.

REFERENCIAL	SUJEITO	CAMPO ASSOCIADO	MATERIALIDADE
Delimita as possibilidades enunciativas, e forma as condições e campos de emergência do enunciado.	Representará a viabilidade de um indivíduo ocupar, alternadamente, em uma série enunciativa, diferentes posições e admitir diferentes papéis (de sujeito).	Estabilizará a povoação e reatualização de enunciados (dados) em um (novo) enunciado, esse domínio tratará de correlacionar os campos adjacentes, e de coexistência enunciativa entre os enunciados.	Aspecto inerente ao enunciado, visto que ele necessita constitutivamente de “uma substância, um suporte, um lugar e uma data” (FOUCAULT, 2012a, p.123).

Fonte: Gonçalves (2016).

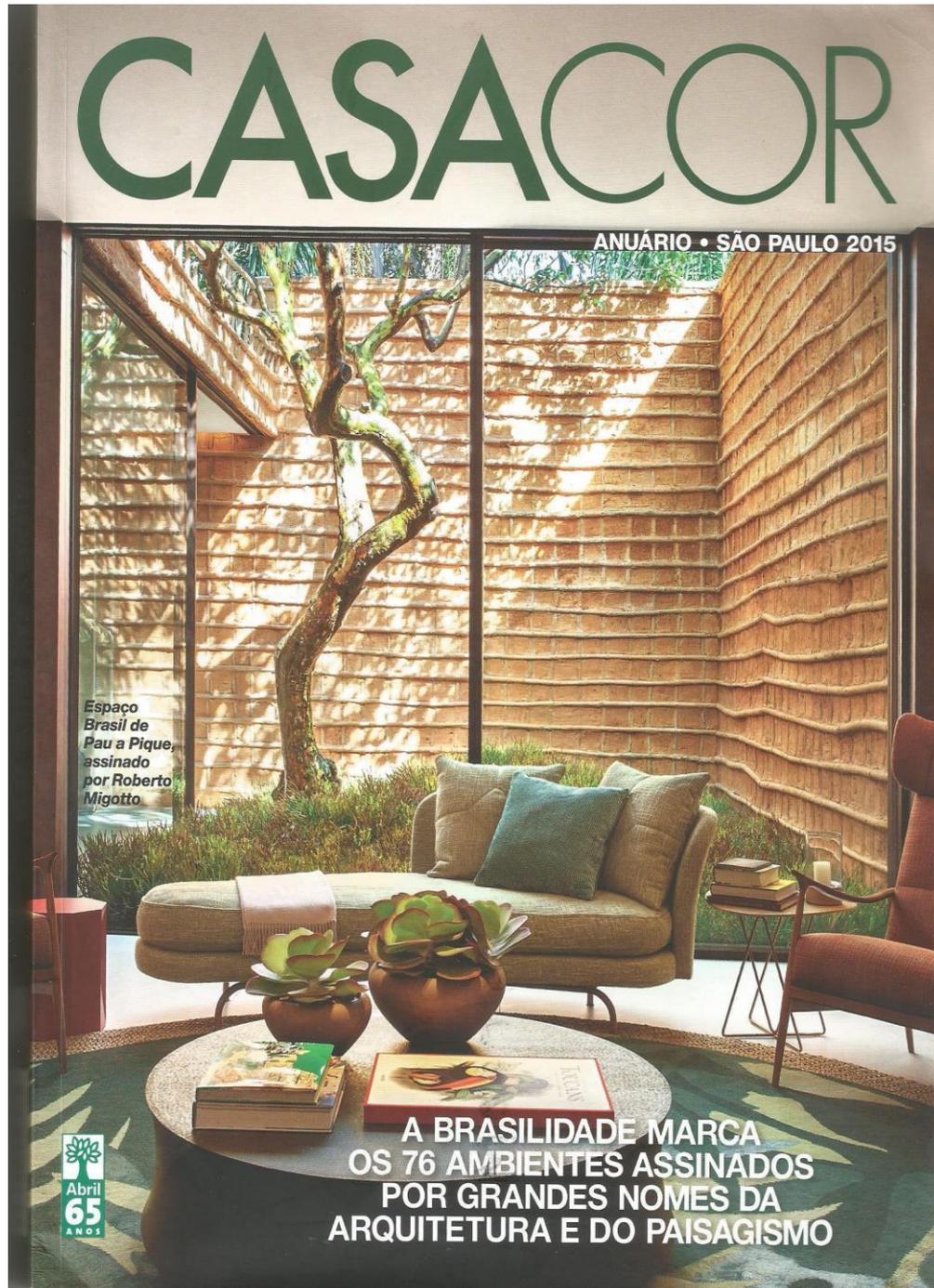
Tomamos o referencial como ponto de partida em relação às condições do enunciado e à função enunciativa. Para Foucault (2007), o referencial trata das condições de emergência do enunciado. Em seus termos,

o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de

delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (FOUCAULT, 2007, p. 103).

Consideramos, então, a imagem da Capa do Anuário CCSP 2015 cujo título é “Espaço Pau a pique”, conforme segue:

Figura 09 - Capa do Anuário CCSP 2015 - “Espaço Pau a Pique”



Fonte: Anuário 2015.

A Figura 09, capa de revista, apresenta o nome da revista/evento “Casa Cor”, seguido do tipo de publicação “Anuário”, com local e data, “São Paulo 2015”. Abaixo do título, a imagem cheia (ocupando grande área da capa) exibe ao seu lado esquerdo uma nota que carrega os dizeres “Espaço Pau a Pique assinado por Roberto Migotto”, qual seja, o nome do espaço e o seu idealizador/desenvolvedor. Mais abaixo, encontra-se a propaganda da Editora Abril, e em caixa alta com destaque, o dizer “A brasilidade marca os 76 ambientes assinados por grandes nomes da arquitetura e paisagismo”.

A linguagem verbal empregada na capa do Anuário já marca todo envolvimento midiático da enunciação, marca também a inserção da regência da brasilidade (explícito nos dizeres em destaque e, na nota relacionada à imagem, presentifica-se a memória do que se conhece como técnica “pau a pique” - inspiração indígena na construção). Faz-se presente a marca, ainda, da política mercadológica neoliberal, ao ocupar um espaço da capa para destacar a participação de setenta e seis grandes profissionais da área da arquitetura e paisagismo¹³⁴, além da exposição na nota do nome do empreendedor do espaço “pau-a-pique” Roberto Migotto. Dessa forma, promove-se e se valoriza tanto o produto quanto o profissional empreendedor arrolado na edição da revista e do evento.

Já, a linguagem imagética resgata o modernismo, dando visibilidade aos mobiliários (simples, não ornamentados, retos) e materiais (vidro, metal, madeira). Resgata também, a inserção dos elementos identitários, influências tanto europeias (elementos modernistas), bem como as influências indigenistas e africanas (uso do pau-a-pique e do barro). Além disso, o espaço muito bem organizado, arrumado e sem a presença humana, sugere o objetivo comercial midiático, imagem de divulgação do espaço. Por todas estas considerações o referencial nos remete a este “bem morar”, que a Casa Cor São Paulo sugere aos seus expectadores. Um “bem morar” que já não é o morar da disciplina e do pacto de segurança, mas de um neoliberalismo, em que apenas morar já não é suficiente. O “bem morar” ultrapassa as condições iniciais e relacionadas com a higiene ou com a confortabilidade, e que agora estabelecem suas relações com a possibilidade de obter uma morada planejada por

¹³⁴ É interessante abordar aqui que os profissionais designers de interiores, decoradores e engenheiros não foram citados nos dizeres de capa, e as diferenciações das profissões encontram-se diluídas no corpo da revista.

profissionais, um espaço doméstico que reflete a posição social, que se torna continuidade do indivíduo público/empresarial, neoliberal.

A próxima característica da singularidade do enunciado é a posição sujeito, que, para Foucault (2007), é uma posição vazia. Em suas palavras:

o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT, 2007, p. 105).

O sujeito que enuncia sobre essa brasilidade é o sujeito institucional Casa Cor, uma empresa com extensão internacional, presente em quase todas as capitais do Brasil e filiais importantes em cidades da América do Norte e América Latina. Possui existência há mais de trinta anos e cresce consideravelmente em quantidade de participantes, patrocinadores e visitantes¹³⁵. Seu slogan atual é “Casa Cor a marca do bom gosto” e, no ano de dois mil e quinze com o tema brasilidade, exibiu o slogan “O Brasil visto por dentro”. Esse sujeito, Casa Cor, possui uma posição central para a área da construção civil: com esses números torna-se a maior empresa midiática do ramo da construção civil no país, como a própria afirma, nas Américas. Fato que está de acordo com o “ritual” que é “a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam”. E ainda, “não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (FOUCAULT, 2016, p.37), logo, o papel da empresa Casa Cor perante ao mercado da construção civil é de destaque e de orientação. Devido a sua força midiática seu papel também é de “subjetivação”.

Nesse sentido, os profissionais que ali expõem seus trabalhos estão objetivados e subjetivados, ao ocuparem esse espaço bem definido que é o profissional expositor da Casa Cor, assim como Roberto Migotto, do Espaço da Figura 09 - Capa do Anuário Casa Cor São Paulo 2015 - “Espaço Pau a Pique, que como profissional da área está alocado na posição de um sujeito subjetivado à brasilidade desta Casa Cor.

Os enunciados da capa destacam que são os profissionais que apresentam a brasilidade em seus espaços, o espaço de brasilidade da capa é assinado por um desses profissionais qualificados, isto é, a revista utiliza exatamente destes termos para evidenciar essa qualificação do dizer, do ritual. Sobre tal procedimento, Foucault (2016, p. 37) esclarece que:

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo conjunto de signos que deve acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2016, p. 37).

O que Roberto Migotto e o seu “Espaço Pau a Pique” enunciam resulta de uma subjetivação, cuja prática discursiva sob a ordem da brasilidade se exerce pelas relações de força que ocorrem na Casa Cor São Paulo 2015.

No âmbito do campo associado, importa que pelas outras áreas do saber, a existência de outros enunciados que estabelecem com o referencial em questão uma sintomatologia; pois, “não há nenhum [enunciado] que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2007, p. 112). Assim, há que se considerar que nesta série enunciativa a brasilidade que se viu no campo político (Programa da Brasilidade), se desloca novamente (novamente porque já houve esse deslocamento no movimento moderno) para o campo da construção civil, mas também mobiliza os campos sociais, culturais, econômicos e artísticos. Campos sociais tendo em vista a exposição da influência afrodescendente no uso das técnicas de pau-a-pique nos espaços, campos econômicos, porque a brasilidade está envolta em uma materialidade midiática de propaganda que nada mais é que um catálogo de profissionais qualificados de acordo com as premissas desta “instituição” da Casa Cor. Do campo cultural, destacam-se os mobiliários, exemplares daquele que foi o movimento moderno e que passa carregar o sentido de ser objetos representantes da brasilidade na contemporaneidade. É possível, desta forma, considerar que a brasilidade rege então diversos campos de saberes (políticos, midiáticos, sociais, culturais, econômicos).

A quinta característica é a sua existência material. Segundo a proposta de composição da função enunciativa, “o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade” (FOUCAULT, 2007, p. 114). A materialidade é intrínseca ao discurso e, segundo Rocha (2017), ela tem relação, também, com as condições de possibilidade do discurso. O aporte material da figura 9, é a capa do Anuário da Casa Cor São Paulo 2015, material impresso, divulgado e vendido durante o evento, neste caso, atinge diretamente o seu público, ou ainda, seu expectador/leitor. A imagem deste ambiente, por ser um enunciado em destaque, torna-se, de certa maneira, um enunciado guia deste discurso da brasilidade no Anuário da Casa Cor (2015).

Levando em conta que estamos diante de uma imagem de destaque para a Casa Cor São Paulo 2015, há que se observar, então, que o ambiente do primeiro plano é uma sala com tipos diferentes de mobílias para sentar (poltrona/divã), mesa lateral e mesa de centro, decorada com livros, vasos e folhagens, tapete, etc. Sua estética é limpa e, apesar de, na singularidade da fotografia, aparentar assimetria, está bem organizada e possui um ponto focal central bem definido pela mesa de centro e o divã. As mobílias são peças bem delicadas, madeira torneada e ferro, não apresenta tanta rusticidade. O vidro que faz o fechamento entre esse primeiro espaço e o segundo também é visível e tem destaque, já que é grande e ocupa todo o centro da imagem e, ainda, uma das laterais. Interessante observar que mesmo sendo um material transparente se faz ver pela imponentia. Cabe apontar que o vidro foi, e ainda é, um material muito usado pelos profissionais inspirados no modernismo, pois que o material teve seu auge no movimento moderno no Brasil e no mundo¹³⁶. Através do vidro podemos ver o segundo plano na imagem, ou melhor, o fundo da imagem que, contraditoriamente é o elemento citado no título do espaço: a técnica construtiva de barro chamada “pau-a-pique”, mas que não é o destaque, e como pode-se ver é espaço focalizado como fundo da imagem.

O barro entrecruzado com a madeira (ou com o bambu) está em duas grandes paredes que contornam o espaço externo dando fechamento ao ambiente, ali também há uma árvore e vegetação rasteira. É neste espaço que se encontra a memória sobre

¹³⁶ A relação existente com a “planta livre” de Le Corbusier: “o interior e o exterior não se polarizavam mais como experiências espaciais, visto que o uso crescente do vidro levou a conexões fluidas entre os dois: o exterior se tornou uma paisagem material do interior” (FARRELLY, L.; BROWN, R. 2014, p. 20).

a rusticidade que existe na diversidade do Brasil rural e indígena¹³⁷. Diante dessas observações, é que identificamos e refletimos sobre esse espaço da brasilidade em que os elementos identitários estão segregados, estão separados em ambientes internos e externos. Respectivamente as relações com o que é europeu está dentro da residência, e o que é considerado afrodescendente e indígena posto ao lado de fora, além disso existe um elemento delimitador transparente, mas rígido, o vidro. A heterotopia nesta imagem se configura quando se faz compensação de uma perfeição segregacionista impraticável na realidade, tendo até como influência modernista, as cidades planejadas. A heterotopia de ilusão declarando que lhe falta, a pacificadora existência em um mesmo espaço de diversos elementos identitários. E ainda, as heterotopias relacionadas ao tempo, de acúmulo e crônica, visto que a imagem carregando o tema da brasilidade aspira na fugacidade da sua existência midiática expor e resgatar as características da brasilidade. Os expectadores neste contexto de leitura inserem-se em processos de objetivação, e de práticas divisórias, isto é, são envolvidos nessa prática discursiva e tornam-se sujeitos da brasilidade, envolvidos pelos dispositivos da brasilidade e da mídia.

Na continuidade, analisamos a imagem da Capa do Book Collection da Casa Cor São Paulo 2015, figura 10, cuja materialidade é física e também é uma revista impressa do grupo da Casa Cor São Paulo. Trata-se, no entanto, de uma circulação ainda mais setorizada. O Book Collection possui capa dura e valor de compra mais acentuado, o que delimita muito a sua circulação na área específica e o acesso ao material. Em linguagem verbal, é apresentado apenas o título “Casa Cor”, seguido do tipo de publicação “*Book Collection*”, abaixo o local e ano, “São Paulo - 2015”. Apesar de não possuir muitas notas e textos de destaque para a atração do olhar, a revista é uma produção midiática que se distingue da anterior para se tornar também produto decorativo.

A relação brasilidade está toda inserida na linguagem imagética que toma todo espaço da capa. O ponto focal nesta capa é uma fotografia de um indígena sobreposta, no que parece ser, um painel de madeira acompanhado pela vista das

¹³⁷ Entretanto, de acordo com Carvalho e Teixeira (2016, p. 02) “a terra crua está presente em todos os países do mundo. No caso do Brasil, a técnica chegou durante colonização, trazida pelos colonizadores portugueses, destacando-se, como as técnicas construtivas mais utilizadas adobe, a taipa de pilão e taipa de mão ou pau-a-pique [9] As habitações dos povos indígenas que habitavam o território anterior à chegada dos portugueses eram compostas por madeira e palha com quase nenhuma divisão” além disso, Lúcio Costa (1936) e Li Bo Bardi (1975) propuseram construções com esta técnica, profissionais inseridos nos movimentos modernistas.

folhagens do que pode ser um jardim, visto pela janela. É interessante como neste caso a fotografia do ambiente para a capa da revista centralizou e valorizou esse busto indígena e não o ambiente como um todo.

Figura 10 - Capa do Book Collection da CCSP 2015 - “A Casa da Gente”



Fonte: Book Collection 2015.

O olhar do espectador é direcionado para este centro e os outros itens da imagem parecem invisibilizados, embora o ambiente apresente espelhos e vidro (o vidro para possibilitar a relação interior/externo de acordo com o modernismo). O espaço retratado é da profissional Marina Linhares e exibe o trabalho do fotógrafo Valdir Cruz¹³⁸. Entretanto, não há nenhuma nota ou qualquer linguagem verbal sobre a fotografia, nome do fotógrafo, do indígena ou qualquer outra informação na capa da revista apesar do efeito de destaque. Situação que faz ecoar as palavras de Sontag (2003, p. 195-196) quando diz das fotografias que exibem mais detalhes dos corpos feridos de asiáticos e de africanos. Sontag afirma:

Essa praxe jornalística é herdeira do costume secular de exibir seres humanos exóticos — ou seja, colonizados: africanos e habitantes de remotos países da Ásia foram mostrados, como animais de zoológico, em exposições etnológicas montadas em Londres, Paris e outras capitais europeias, desde o século XVI até o início do XX.

Figura 11 - Detalhe da Capa do Book Collection da CCSP 2015 - “A Casa da Gente”



Fonte: Book Collection 2015.

¹³⁸ CRUZ, Valdir. O artista. **Valdir Cruz**. Site profissional. New York. EUA. 2018. Disponível em: <<http://www.valdircruz.com/the-artist.html>>. Acesso em: 11 de nov. 2018. Valdir Cruz nos anos de 1995 - 2000 participou de um projeto denominado “Faces of the Rainforest” que documentou a vida de indígenas brasileiros.

Essa capa ilustra este pensamento de Sontag (2003), o costume de espetacularizar aquilo que é exótico. Transformando o que é tido como “diferente” em produto, é a venda do exótico, a venda da brasilidade. O espaço “Casa da gente” (Figura 10) carrega o enunciado da brasilidade na sua relação com a questão da identidade indígena, mas o faz com estranheza da especularização; sua singularidade está no formato midiático, o produto da venda aliado ao produto decorativo, um objeto com duas funções no mercado, o produto que pode ser multifuncional. O sujeito da enunciação, a Casa Cor, confirma a ideia de que o indígena é exótico, parece manter a espetacularização do “ser” exótico, ele exhibe o indígena como um personagem nacional em toda a memória já compartilhada do indígena selvagem, perpetuando o discurso de superioridade do branco que o exhibe, agora, como produto de consumo.

No que tange à função enunciativa, o referencial desta imagem em continuidade com o “espaço pau-a-pique” apresenta uma questão bem pontuada das relações entre a brasilidade considerada pelo ponto de vista modernista, no qual as separações entre os elementos de identidade são claras. Os elementos indígenas continuam de certa forma segregados, inclusive, separados no espaço por vidros. A imagem do espaço “A casa da gente” retoma a ideia do “bem morar”, o morar para esse sujeito da enunciação, a Casa Cor, é uma integração da vida social, profissional, não se desloca do lugar econômico, têm-se assim essa questão neoliberal do espaço de interiores doméstico. Sobre os campos associados, podemos destacar, o social tendo em vista a exposição da identidade indígena (Figura 10) e a predominância da estética clara e ordenada que remete às estéticas europeias. O campo econômico, da brasilidade pela materialidade midiática, a propaganda, mais um dos catálogos de profissionais qualificados pela Casa Cor. No campo artístico, a fotografia retratando a brasilidade. No campo cultural, destacam-se elementos, exemplares daquele que foi o movimento moderno (linhas retas, valorização do preto e branco, uso de materiais como o vidro e a madeira).

Essa imagem do espaço “Casa da Gente” de Marina Linhares, retrata características muito sóbrias, a paleta de cores é equilibrada e não há cores vibrantes, apenas preto, branco, o amadeirado e o verde ao fundo. As formas são as geométricas, círculos e quadrados, as poucas linhas circulares e angulares quebram a monotonia das retas verticais em predominância. A sensação é de ordem e clareza, mesmo o pequeno espaço verde não causa movimentação ou destaque para a

serenidade da imagem escolhida para retratar o espaço. O que nos indica novamente a valorização da ordem, da perfeição, de características que formam a heterotopia do espaço, a compensação por algo que não acontece na realidade, o contrapositionamento. A ilusão de uma pacificidade entre as identidades em convívio e a ideia de fluidez e encontro da brasilidade em um pequeno espaço fugaz. Vê-se novamente a articulação entre os dispositivos da brasilidade e do neoliberalismo alcançando os sujeitos. O indivíduo espectador desta mídia da construção civil, nesta leitura, envolve-se em um processo de objetivação do “ser” brasileiro pelos saberes do design de interiores e da mídia, e, também, nesse processo das práticas divisórias do ser ou não ser um sujeito da brasilidade.

Já na Figura 12, temos uma situação um pouco diferente, não se trata da capa, mas do interior da revista anuário da Casa Cor São Paulo 2015, o enunciado também é mesclado entre linguagem verbal e imagética, o enunciado está em meio aos dos outros profissionais expositores da mostra. O título da página é o nome do espaço em negrito, seguido do nome em destaque (caixa alta) da profissional, “Living do Colecionador Brasileiro”, “Flávia Gerab Tayar”, um texto com a descrição da história da profissional e a explicação sobre a sua inspiração para o espaço. Neste texto, se destaca a frase “Flávia cria um cenário que revive o glamour moveleiro da década de 1950” que está se referindo aos mobiliários de “Joaquim Tenreiro, Sérgio Rodrigues e Oscar Niemeyer”, esses profissionais são nomes de destaque do movimento moderno brasileiro. Logo abaixo da imagem do espaço, há uma legenda descritiva do ambiente. As imagens da página são duas, uma da profissional na qual é fortalecida a valorização do parceiro midiático, visto que o expositor participa para vender o seu trabalho e, por fim uma imagem maior do espaço. O espaço é um *living* (se assemelha à sala de convivência, ou ainda, à sala de estar) de um colecionador brasileiro, os mobiliários da década de 50, duas grandes poltronas, um sofá de veludo verde circular com encosto baixo, metais, tons cinzas e beges, iluminação em sancas de linhas retas que se cruzam, e os decorativos são quadros e vasos com folhagens. O ambiente aparenta pela imagem ser um pouco escuro, apesar de assimétrico, seu resultado é muito organizado. A brasilidade se encontra, também neste espaço assim como os anteriores, pelas memórias do modernismo.

Figura 12 - Espaço divulgado no Anuário CCSP 2015 - “Living do Colecionador Brasileiro”



Fonte: Anuário 2015, p. 141

Isto é, o sujeito da enunciação, a Casa Cor, reconecta-se ao modernismo, valoriza esse movimento, resgata essa memória. A brasilidade dos profissionais famosos modernos, das figuras pioneiras no modernismo, torna-se como uma relação

de identidade nacional no design de interiores, arquitetura, decorativos e mobiliários. Esse saudosismo alia-se à contemporaneidade do neoliberalismo, pois a Casa Cor é um sujeito da mídia, um sujeito que enuncia e que é empresa. Além disso, é possível perceber a valorização do estrangeiro, com o uso do termo *living* do inglês norte-americano, dualidade existente e reforçada na brasilidade. Nessas duas faces da mesma moeda vemos que a ideia de superioridade daquilo que é estrangeiro está em relação com a necessidade de aceitação daquilo que é nacional, até mesmo ao que tange ao modernismo. Nesta imagem, há a valorização dos elementos modernistas do Brasil, a ponto de que isso se torne suficiente para definir o espaço como o de brasilidade. Não há relação de brasilidade fora do modernismo, então os campos associados são os campos sociais da identidade brasileira pelo modernismo, o campo econômico, considerando que a materialidade é midiática, os campos artísticos. Em congruência com as análises anteriores em que os dispositivos da brasilidade e do neoliberalismo, a partir dos mecanismos midiáticos se orquestram pela imagem dos ambientes da prática discursiva acerca da própria brasilidade do sujeito Casa Cor São Paulo 2015.

A heterotopia do acúmulo e da heterocronia estão em destaque, pois que propõe o resgate dado modernismo brasileiro nesta materialidade que é tão fugaz, uma revista, um evento midiático. A heterotopia de ilusão também se mantém em engrenagem assim como a de compensação, visto que, um espaço moderno em um contexto e, desenvolvido para sujeitos expectadores neoliberais torna-se ilusório, bem como denuncia como a realidade é imperfeita, e a brasilidade é menos essa conformidade moderna e mais o embate entre os diversos elementos que a compõe. E, sendo assim, o sujeito expectador/leitor desta imagem, nesta leitura, é convidado a objetivar-se por um enunciado de uma brasilidade que valoriza os elementos modernos e europeus mais do que elementos das culturas afrodescendentes ou dos indígenas nacionais. Pelas práticas divisórias, nesta foto deste espaço de interiores doméstico, ser um sujeito da brasilidade é considerar de muito valor as prerrogativas modernistas.

Por fim, na Figura 13, têm-se a continuidade da anterior no que diz respeito a ser uma página interna da revista anuário da Casa Cor São Paulo. Possui a mesma estrutura, o título é o nome do espaço: “Viver brasileiro em Miami”. Em seguida, o nome da profissional “Myrna Porcaro”, sua foto pessoal. O texto sobre sua história é a inspiração para o desenvolvimento do espaço e o dizer de destaque para esta

análise é "nesta proposta mesclou sua efervescência [efervescência de Miami] com aspectos bem brasileiros. Afinal, quem monta casa no exterior adora se cercar de brasilidade", ou seja, para a profissional e para a Casa Cor São Paulo 2015, o brasileiro, ao viver no exterior necessita das memórias da sua nação de origem. Mas quais são essas memórias?

Figura 13 - Espaço divulgado no Anuário CCSP 2015 - "Viver brasileiro em Miami"



Fonte: Anuário 2015, p. 181

Figura 14 – Texto do espaço divulgado no Anuário CCSP 2015 - “Viver brasileiro em Miami”



Fonte: Anuário 2015, p. 181

Na legenda da fotografia do espaço há outro dizer sobre a brasilidade: "Obras de arte, artesanato e materiais de acabamento brasileiros se destacam no ambiente de Myrna Porcato". Na linguagem imagética, o que se dá a ver é uma sala de estar, com sofá branco em segundo plano, uma mesa de centro transparente no primeiro plano, no fundo da imagem muitos quadros. As cores predominantes são bege, marrom e branco; em destaque as cores dos quadros em tons de azuis e verdes, muitos decorativos e folhagens. O espaço é organizado e claro, as relações com a brasilidade são sutis e tal leitura fica relegada ao conhecimento de arte, artesanato e, principalmente, sobre os materiais de acabamento. Há, no entanto, o uso do azul e do verde em destaque, cores normalmente associadas à natureza brasileira. O que se propõe, novamente, é uma dualidade, o “valor” dividido no que é estrangeiro (Miami) e no que é brasilidade. E vê-se que o “bem morar”, neste caso, também é referencial para o sujeito Casa Cor São Paulo 2015. A valorização do “bem morar” do neoliberalismo faz um contraponto visível em relação ao “acesso à moradia” do pacto de segurança, assim como também não possui as mesmas características do “morar” da disciplina, mais preocupado com a funcionalidade dos espaços para ordenação dos corpos. O “bem morar” é biopolítico, se orienta pela população naquilo que lhe diferencia no campo econômico entrecruzado com a questão identitária. Ocorre, desse modo, a articulação de dois dispositivos, o da brasilidade e o do neocapitalismo.

Neste espaço, a brasilidade é elitizada, é sobre ser vista aos olhos estrangeiros. Essa brasilidade neste espaço e imagem é singular, é tímida e observável aos olhares profissionais, daqueles que possuem acesso à arte, ao design e aos materiais de acabamento brasileiros. Uma valorização bem declarada do estrangeirismo de mãos dadas com a busca da valorização do que é nacional, este último, de forma bem contida e elitizada. O sujeito que enuncia, a Casa Cor, é o da brasilidade da sociedade de elite, neoliberal e contemporânea que se identifica com a dualidade já existente na própria questão da brasilidade. Seu público de acordo com

o material¹³⁹ de divulgação do marketing do Grupo Abril, é um público feminino (76%), jovem (20-49 anos), das classes sociais A e B (50% e 43%), cuja renda média é de 8.5 mil reais. Com efeito, o sujeito institucional está em congruência com o seu público-alvo. Os campos associados se mantêm como os analisados anteriormente, têm-se a questão do campo sociais pelos elementos de artesanato inseridos no espaço. A questão econômica, ainda no que se refere à materialidade ser uma revista de cunho midiático, o campo artístico se faz presente na prática discursiva pelos seus elementos inseridos no espaço bem como os elementos que retomam os aspectos culturais. Consideramos, dessa forma, que a brasilidade rege, então, diversos campos de saberes (políticos, midiáticos, sociais, culturais, econômicos) que se tornam em conjunto campos associados dos espaços de interiores da brasilidade da Casa Cor São Paulo 2015.

Observados esses pontos da função enunciativa, o próximo passo trata de considerar como a heterotopia funciona discursivamente neste espaço, “Viver brasileiro em Miami”, constata-se que há a heterotopia de acúmulo presente, visto que se trata de inserir no ambiente diversos elementos relacionados às características da brasilidade. Por sua vez, considerar a heterotopia crônica também é possível, já que, o espaço em sua brevidade se propõe a resgatar esses elementos de brasilidade tão amplos. E, por este mesmo caminho, da amplitude de elementos que formam essa ideia de brasilidade, é que a imagem do espaço estudado está no âmbito da heterotopia de ilusão, isto é, denuncia-se ilusório abordar tantos e tão diferenciados elementos identitários em apenas centímetros de papel ou de espaço físico. O mecanismo midiático em funcionamento pela imagem e no espaço acarreta a caracterização da heterotopia de compensação, porque evidência e cria espaços e suas imagens em plena ordem e perfeição, se esses diversos elementos estão ali representados em plena harmonia, nossos espaços reais cheios de tensões são denunciados como imperfeitos, desarmônicos, pois que existem tensões nas relações humanas.

Na continuidade da análise, mas, compreendendo a série enunciativa como um todo segue algumas considerações, que se iniciam pelo dispositivo da brasilidade. Portanto, considerando que:

¹³⁹ ABRIL, Grupo. **Mídia Kit Casa Cor**. 2015. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/casacor/plataformas/site>>. Acesso em: 07 set. 2018

o dispositivo é constituído por práticas discursivas, que vão se relacionando e multiplicando. A busca pelo bem-estar faz parte das estratégias de controle da população, formuladas dentro do biopoder, que, em sua atuação, se encarrega da vida. É a vida, e não a imposição da morte, que lhe dá acesso ao corpo da população, é pela possibilidade de viver mais e melhor que a população vai se submetendo ao biopoder. Seu funcionamento visa à vida, mas a morte está sempre pairando sobre os discursos a respeito dos cuidados com a vida; é a morte anunciada nas prescrições de como viver bem e por mais tempo. O medo garante o dispositivo de segurança e vai espalhando-se como um vírus por todas as instâncias de saber, por todas as práticas discursivas e não discursivas. É o medo da não adequação, da exclusão, mas também o de misturar-se (SOUSA; JUNIOR, 2014, p. 145).

A forma como esses espaços foram fotografados para a revista da Casa Cor São Paulo essa maneira de fazer ver o espaço sobre a brasilidade pela Casa Cor São Paulo 2015 define condutas de como o sujeito espectador pode produzir sentido ao ler estas informações dadas nas linguagens verbais e imagéticas. Em congruência com o que afirma Souza Junior, consideramos a regência do dispositivo da brasilidade alinhar-se à grandiosidade do momento da Mostra 2015 que tomam as questões do bem-estar no bem morar e da segurança sobre a ideia do morar adequadamente no que tange à adequação, econômica, política, cultural e social. É pela brasilidade que as imagens – que compõem o *corpus* – dos ambientes articulam o viver neoliberal com o viver brasileiro porque, a singularidade está em fazer crer o neoliberalismo naquilo que preenche o sujeito pela identidade nacional. É no medo de misturar-se completamente à brasilidade e excluir-se dos estrangeirismos, daquilo que é superior, do internacional que este dispositivo da brasilidade com base na segurança e na disciplina se utiliza do bem viver neoliberal. Ainda que pareça fora do âmbito político neste momento, o que se encontra fortemente marcado nos espaços observados pelas imagens é o fortalecimento das premissas excludentes. Aquilo que é vinculado ao rústico e ao simples são considerados exóticos e apresentam-se como pontos de destaque que estão muito bem assegurados, não fogem do controle do branqueamento, da clareza, da organização e da elitização dos espaços. O indígena é exótico, o “pau-a-pique” está aplicado em segundo plano em ambiente externo, o que o colecionador possui são móveis modernistas e, morando no exterior, a brasilidade está nos objetos de luxo visíveis aos olhos dos conhecedores de arte, artesanato e materiais de acabamento bem específicos.

Na continuidade da contemporaneidade, a imprensa ilustrada ainda é um importante mecanismo de relações de força e, a arquitetura e os espaços de interiores continuam uma importante moldura de estilos, ou melhor, de condutas para a vida. Assim, na esfera dos processos de objetivação e subjetivação elencados por Revel (2005) como objetivação, práticas divisórias e todas as outras formas como o poder subjetiva o sujeito, é objetivado todo aquele que está em busca do bem morar e que se orienta pela Casa Cor, que por sua vez, possui como bases para seus espaços os saberes do movimento moderno. Esses sujeitos objetivados ou inseridos nas práticas divisórias da Casa Cor São Paulo 2015, já bem orientados pelos espaços da disciplina e da segurança, buscam agora o que é relativo à sua identidade, a brasilidade do bem morar na contemporaneidade. Pelo mecanismo da heterotopia, os quatro espaços analisados acionam a dobra pelo saber, inseridos naquilo que institucionalmente se compreende por brasilidade, dentro de concepções políticas, econômicas, culturais e sociais bem demarcadas e, que no momento se orientam pela brasilidade em uma ordem de racionalidade econômica neoliberal. Isto é, seu morar lhe define, como sujeito que valoriza o empreendimento regional, local e nacional, pelas técnicas construtivas do pau-a-pique, pela arte, artesanato e materiais de acabamento brasileiros e, claro pelo sujeito nativo símbolo da diversidade identitária nacional. Mas, também, ser esse sujeito, desta brasilidade da Casa Cor São Paulo 2015, é assumir que a brasilidade considera ainda predominantemente aquilo que lhe é externo como característica, a branquitude, a ordem e a fineza. Características essas visíveis pela linguagem verbal e imagética do *corpus* analisado e de seus elementos.

Por fim, as técnicas diversas de subjetivação da governamentalidade possuem como mecanismos a mídia e a heterotopia e, para este corpus analítico atuam, em primeiro plano, no profissional, pois que é aquele está diretamente envolvido pelas questões institucionais da Casa Cor. Esse sujeito tem sua visão de brasilidade adequada aos saberes discursivos da Casa Cor e por meio do resultado de suas experiências desenvolve o produto desta relação de forças que é o seu espaço da brasilidade, em nosso caso Roberto Migotto, Marina Linhares, Flávia Tayar e Myrna Porcato. Esses espaços de interiores domésticos, assim como as materialidades em que se encontram as publicações impressas, com objetivo didático, são capazes de criar subjetividades diversas, entre elas, as relacionadas com brasilidade.

Neste entendimento, os quatro espaços analisados em divulgação pelas revistas da mostra da Casa Cor São Paulo 2015 possuem como características as relações de força capazes de sugerir condutas aos sujeitos que são neoliberais, mas que se encontram regidos pelo dispositivo da brasilidade. A mídia impressa da Casa Cor exhibe o espaço perfeito da brasilidade elitizada e sugere condutas utilizando-se da confissão (como é o morar do brasileiro), da moralização das práticas (esse é o bem morar do brasileiro), da autoavaliação (o sujeito se identifica com essa brasilidade), culpabilidade (o sujeito não se identifica com essa brasilidade), da autotransformação (é preciso se identificar com essa brasilidade) e do sujeito do saber (pois que é a Casa Cor, essa instituição tão grandiosa e seus profissionais os sujeitos que falam sobre a brasilidade no morar).

Segue, abaixo, um esquema simples para visualização da relação brasilidade, condutas e sujeitos:

Quadro 06 - Esquema de visualização simples da relação brasilidade, condutas, sujeitos.



Fonte: A autora.

Enfim, o movimento analítico desta etapa da dissertação se desenvolveu sempre pela relação entre os eixos da teoria foucaultiana, considerando as relações de saber e poder. Considerando, também, o jogo de relações que a trama discursiva movimenta em torno de uma brasilidade neoliberal que objetiva e subjetiva sujeitos, nestes espaços de heterotopias. Visto que esses processos de subjetivação se exercitam pelos e nos espaços heterotópicos terrestres da contemporaneidade na Casa Cor São Paulo 2015. O estudo se deu a partir da leitura das imagens fotografadas desses espaços de interiores domésticos da brasilidade, exibidas pelas

mídias impressas próprias do grupo Abril. Por fim, empenhamo-nos em verificar como estes espaços terrestres de interiores domésticos e heterotópicos regem as condutas para um sujeito da governamentalidade neoliberal inscrito em um dispositivo de brasilidade.

O que nele se pretendeu fazer foi estabelecer através desta prática analítica a resposta aos objetivos centrais da pesquisa através da leitura das imagens dos espaços de interiores da brasilidade da Mostra da Casa Cor, são eles a capa do Anuário¹⁴⁰ da Casa Cor 2015 denominado de “Espaço Brasil de Pau a Pique”, desenvolvido por Roberto Migotto (Figura 09) e, a capa do *Book Collection*¹⁴¹, o espaço “A Casa da Gente”, da profissional Marina Linhares (Figura 10). Para completar a seleção, têm-se os espaços “Living do Colecionador Brasileiro” de Flavia Gerab Tayar (Figura 12) e o ambiente “Viver Brasileiro em Miami” de Myrna Porcaro (Figura 13).

Buscamos, com esta prática analítica, compreender o modo como os ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor inscritos nas práticas discursivas da brasilidade funcionam como mecanismos do exercício da governamentalidade neoliberal e quais as condutas que resultam desses processos de subjetivação para esses sujeitos da brasilidade. As conclusões que levantamos são duas, acreditamos que os ambientes de interiores residenciais se comportam como mecanismos dos processos de subjetivação do sujeito cuja finalidade é a produção de indivíduos que se adequem às necessidades políticas e socioeconômicas da governamentalidade neoliberal. Desta forma, a instituição Mostra da Casa Cor funcionou em 2015, com tema brasilidade, como um mecanismo do exercício do poder que apresenta desdobramentos dos discursos sobre a brasilidade conduzindo a população para a continuidade da política sobre o branqueamento/europeização/ da população.

¹⁴⁰ ANUÁRIO. **Casa Cor São Paulo 2015**. 1a. Ed. Editora Abril. São Paulo, 2015.

¹⁴¹ BOOK COLLECTION. São Paulo: **Casa Cor**. Editora Abril, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve seu início a partir de questionamentos sobre o modo como o profissional, atuante no desenvolvimento de espaços de interiores, conduz e é conduzido pela prática do design de interiores. Durante o percurso da busca de conhecimento teórico, fundamentado pelos estudos foucaultianos desenvolvidos junto ao grupo de estudos em análise do discurso da Universidade Estadual de Maringá (GEDUEM-UEM), foram vivenciadas experiências acadêmicas e profissionais que indagaram a existência dessa brasilidade em interiores. O aprofundamento e a inserção pelos saberes conduziram essa indagação que, por sua vez, transformou-se nas problemáticas que abordam a presente pesquisa. Se há brasilidade nos espaços de saber do designer de interiores, como isso é possível? Qual o papel dos espaços terrestres para esse discurso e quais condutas são movimentadas para quais sujeitos? A Casa Cor São Paulo desponta em 2015 com o destaque temático da brasilidade através de um grupo de mídia com grande visibilidade para a área de arquitetura e interiores. Esse acontecimento discursivo em plena contemporaneidade tem sido as condições de possibilidade para a constituição desta pesquisa. Sendo assim, esta dissertação questiona quais são os jogos de forças que colocam em exercício os processos de subjetivação dos sujeitos neoliberais nos e pelos ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor 2015 inscritos no discurso da brasilidade. Problemática esta que orienta o objetivo geral da pesquisa, isto é, compreender o modo como os ambientes heterotópicos da Mostra da Casa Cor São Paulo 2015, inscritos nas práticas discursivas da brasilidade, funcionam como mecanismos do exercício da governamentalidade neoliberal e quais as condutas resultam desses processos de subjetivação para esses sujeitos da brasilidade. Abordar este assunto se justifica devido a sua emergência, que consiste na movimentação das práticas discursivas acerca da brasilidade.

Durante o trajeto teórico-analítico, as relações e os jogos de força ganham nitidez, o espaço terrestre se mostra desenvolvido pela teoria foucaultiana. É este o tema do primeiro capítulo que, em duas etapas, descreveu as condições de emergência, de existência e de possibilidade da Mostra da Casa Cor São Paulo 2015. Considerando o arquivo da brasilidade em diálogo com os saberes do design, arquitetura e interiores, tem sido possível compreender como o movimento moderno brasileiro inscreveu os espaços terrestres em uma heterotopia do modernismo.

Paralelamente, percebeu-se que a brasilidade se torna a condição de existência da Casa Cor, visto que, discursos sobre a identidade nacional irrompem durante a crise econômica ocorrida na década dez deste milênio, trama que se revela em suas práticas econômicas, política e social. Acrescenta-se que a mídia, mecanismo de uma governamentalidade neoliberal, torna-se condição de possibilidade de que um evento midiático de porte nacional se inscreva na discursividade daquilo que chamamos brasilidade.

No âmbito das relações de poder, no segundo capítulo, pautados nos estudos de Foucault, percorremos os diferentes poderes, a saber, o poder do soberano, o disciplinar, a biopolítica e a governamentalidade, com o objetivo de vislumbrar como são abordados os espaços terrestres. Espaços do território, espaços da sexualidade e da família, espaços de interiores domésticos da disciplina. Viu-se que os espaços terrestres também estão em relação com as técnicas de governamentalidade e podem ser considerados como materialidade para o exercício de um poder de racionalidade econômica, cujo dispositivo se mostrou a própria brasilidade. A brasilidade se exerce pelos saberes, instituições e construções. Exerce-se e é exercida nos espaços de interiores domésticos que concentram em seus discursos os contrapositionamentos. As heterotopias de ilusão do cotidiano e as heterotopias dos espaços exibidos pela mídia. Dando continuidade ao trajeto teórico arqueogenealógico, o terceiro capítulo, buscou estabelecer os espaços heterotópicos e terrestres de interiores e as “práticas de si”. Detalhou os nós desta trama entre espaço, discurso e poder, na qual o sujeito se “dobra” pelas condutas da brasilidade e do neoliberalismo. Percebeu-se que o sujeito disciplinar que havia de ter segurança, privacidade e higiene, sujeito individualizado e organizado em seus micro-espaços terrestres de moradia, passou a dobrar-se para a confissão do morar, não demoraria para tornar-se o sujeito do desejo do “bem morar”.

O quarto capítulo trata da renderização desta brasilidade nas estruturas da Casa Cor São Paulo 2015, uma vez que, vale ressaltar, renderizar é humanizar uma planificação, é tornar volumes geométricos em imagens carregadas de memórias. Este capítulo constitui-se no momento de vislumbrar nosso objeto e rachar as suas palavras, e, assim, sem a intenção de esgotar todas as possibilidades de leituras destes conjuntos de linguagens (verbal e imagética) que constitui nosso *corpus* de análise, o que se observou foi a peculiaridade de uma brasilidade que, ao mesmo tempo busca um retorno em ideias já consideradas superadas como a de branquitude

para a nação articulando-se às novas necessidades econômicas, políticas e sociais do momento. Poder observar em mobilização ideias como sendo as do elemento exótico e dos elementos rústicos postos em detalhes na contemporaneidade é, não surpreendente, mas inquietante. Perceber que a brasilidade chega a planejar e projetar condutas de “bem morar” e “bem viver” na população brasileira, é necessário para desmistificar uma possível aceitação de que a brasilidade é representante de toda a diversidade brasileira com o mesmo peso em que representa também, a superioridade daquilo que lhe é estrangeiro, exterior.

Assim, considerando a nossa problematização e nosso objetivo geral, os resultados da pesquisa apontam que esses espaços de interiores domésticos da Casa Cor São Paulo 2015 orientam as formas de viver dos sujeitos expectadores e desenvolvedores deste evento. A investigação resultou na compreensão de como esses ambientes da Mostra da Casa Cor São Paulo 2015, inscritos nas práticas discursivas da brasilidade, atuam como mecanismos heterotópicos pelo exercício da governamentalidade neoliberal e geram condutas de “bem morar” e de “brasilidade” a partir de processos de objetivação e subjetivação.

No âmbito da importância deste estudo, avistamos que a prática que envolve o profissional da área do design de interiores, arquitetura e decoração é relevante aos jogos de forças entre poder, saber e sujeito. De certo ponto que suas relações são diretas e se envolvem fortemente naquilo que lhe é discursivo e não-discursivo, pelas questões da heterotopia e, pelos poderes que orientam a contemporaneidade. Já disse Zabalbeascoa (2013, p. 03) “Definitivamente, os interiores têm o que falar”, ainda mais, têm como orientar condutas. É importante apontar que neste estudo vimos bem delineado o internacional no que tange apenas a Europa e os Estados Unidos. Devido ao tempo e à estrutura da dissertação não foi possível compreender como os dispositivos envolvidos nos espaços de interiores domésticos se organizam. Portanto, esta pesquisa revela a possibilidade de encontrar não só respostas, mas objetos de estudos relevantes à análise do discurso e aos estudos foucaultianos em diferentes áreas do saber. Os estudos sobre os espaços, os espaços outros (as heterotopias), possuem uma riqueza e grandeza que precisará de novos e curiosos olhares. Ainda fica ecoando as inquietações sobre como de quantas maneiras e formas o poder se move, não só o poder, mas também a reação a este movimento. Enfim, o que podemos afirmar mediante ao estudo concluído é que os espaços de interiores domésticos ao estarem em movimento nos jogos de relações de poder são elementos

que, longe de ser insignificante como as vezes somos levados a crer, se movimentam imponentes na “rede que religa pontos e que entrecruza a sua trama” (FOUCAULT, 2001, p. 411).

REFERÊNCIAS

- ABRIL, Grupo. **Mídia Kit Casa Cor**. 2015. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/casacor/plataformas/site>>. Acesso em: 07 set. 2018
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AMOROZO, Guilherme. Marcelo Rosenbaum enche seu apartamento de verde e brasilidade. **Casa Vogue**. Interiores. 24 set. 2018. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Interiores/apartamentos/noticia/2018/09/marcelo-rosenbaum-enche-seu-apartamento-de-verde-e-brasilidade.html>>. Acesso em 18 out. 2018
- ANTUNES, Mariah Lopes de Oliveira. **Materialidades e Heterotopias**: Experiências Contemporâneas da (Lou)Cura em Espaços Outros de Saúde Mental. 2017. 132f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.lambda.maxwell.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=30237@2>. Acesso em: 07 jul. 2017
- ANUÁRIO. **Casa Cor São Paulo 2015**. 1a. Ed. Editora Abril. São Paulo, 2015.
- AZEVEDO, Wilton. **O que é design**. Brasiliense, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt; **Globalização**: As Consequências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENITES, Flávio Roberto Gomes. Práticas de Subjetivação/Objetivação em Michel Foucault. **DLCV-Língua, Linguística & Literatura**, v. 4, n. 1, 2006.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **Esboço sobre algumas implicações do futebol da copa do mundo para o Brasil**: identidade e ritos de autoridade. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n. 3, 2009.
- BOOK COLLECTION. São Paulo: **Casa Cor**. Editora Abril, 2015.
- BRINATI, Francisco Ângelo; MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Apupos e brasilidade**: A representação pela imprensa das cerimônias de abertura e encerramento dos Megaeventos Esportivos no Brasil. *Revista Comunicare*, São Paulo, v. 18, n.1 p. 272-286, 2018.
- BROOKER, Graeme; STONE, Sally. **O que é design de interiores**. São Paulo: Senac São Paulo, 2014.
- CAMPOS, Jefferson; TASSO, Ismara. A linguagem do e no espaço do museu (virtual) casa de Portinari: mutações no regime do olhar a arte. **Revista ECOS**, v. 17, n. 2, 2014.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. **A Voz Que Canta Na Voz Que Fala: Poética E Política Na Trajetória De Gilberto Gil**. 2013. 296f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=166220>. Acesso em: 05 jul. 2018

CARVALHO, Bárbara; TEIXEIRA, Levi. Construção em terra crua contemporânea: mapeamento dos escritórios e construtoras no Brasil e em Portugal. In: II CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS. 2016.

CASA COR: **História**. Casa Cor. Grupo Abril. Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/historia/>>. Acesso em: 26 jul. 2018

_____: **Sobre**. Casa Cor. Grupo Abril. Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/sobre/>>. Acesso em: 26 jul. 2018

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Trad. Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CORACINI, Maria Jose. **A celebração do outro na constituição da identidade**. Organon, v. 17, n. 35, 2003.

COSTA, Ben Hur Bernard Pereira. **Da reconciliação entre casa e natureza: a emergência de morar pela mídia**. 2016. 111f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2016 Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21514/1/BenHurBernardPereiraCosta DISSERT.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2018

CRUZ, Valdir. O artista. **Valdir Cruz**. Site profissional. New York. EUA. 2018. Disponível em: <<http://www.valdircruz.com/the-artist.html>>. Acesso em: 11 de nov. 2018

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins; revisão da trad. Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FAHRI NETO, Leon. **Biopolítica: as formulações de Foucault**. Florianópolis: Cidade Futura, 2010.

FARIA, Raquel Macedo Batista de. **As manifestações de 2013 e de 2014: enunciações cristalizadas de um perfil de brasilidade**. 2017. 119f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense. Niterói. Rio de Janeiro, 2016.

FARRELLY, L.; BROWN, R. **Materiais para o design de interiores**. Tradução: Alexandre Salvaterra. 1a. Ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2014.

FISCHER, Rosa Maria B. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte, MG. Ed. Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____, Michel. **A ordem do discurso**. Ed. Loyola, 5a. Ed; 1999a

_____, Michel. **Ditos e Escritos** vol. V: Ética, Sexualidade. Política, 2004a.

_____, Michel. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. Martins Fontes, São Paulo. 2005.

_____, Michel. **História da Sexualidade 1**. A Vontade de Saber. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1999b

_____, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. e Trad. De Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____, Michel. Outros espaços. **Ditos e escritos**, v. 3, p. 411-422, 2001.

_____, Michel. **Segurança, Território População**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Vozes, 2004b.

GONÇALVES, Luana de Souza Vitoriano. Seminário de pesquisa: Prática(s) analítica(s) e método(s) em análise do discurso. GEDUEM. 12 dez. 2016. Notas de Aula.

GUIMARÃES, Ulysses. **A Constituição cidadã**. Discurso pronunciado pelo Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Deputado Ulysses Guimarães, na Sessão, v. 27, 1988. (Não paginado). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 18 set. 2018

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____, M. R. V. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (orgs.) **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 23-44.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da Brasilidade**: Identidade Nacional, etnicidade e políticas de imigração. Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. 1a. Edição. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

LIMA, F. Uma casa perfeita para o convívio com a família e os amigos. Interiores. **Casa Vogue**. 20 dez 2017. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Interiores/casas/noticia/2017/12/uma-casa-perfeita-para-o-convivio-com-familia-e-os-amigos.html>>. Acesso: 20 dez. 2018.

MACHADO, Rosane Dariva. **A Casa Cor (re)inventando os lares contemporâneos e nos ensinando a viver "com estilo"**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil. Canoas, Rio Grande do Sul, p. 133. 2014. Disponível em: <<https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM183.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

MACHADO, Roberto. **Introdução**: Por uma genealogia do Poder. *In*:. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. De Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MAIA, Cleiza Deccache. **Românticos, cardeais e literatos**: um olhar histórico para algumas narrativas de nação e brasilidade em torno da ideia de patrimônio. 2014. 124f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11637/Cleiza.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 set. 2018

MANGUEL, Alberto. O espectador comum: A imagem como narrativa. *In*: **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCHETTI, Gustavo; Ribeiro, Otavio Leonídio. **Projeto em revista**: Arquitetura e fotografia na Módulo (1955-1965). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016. 123p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MERLO, Márcia. Design e brasilidade: modos de ser e fazer. *In*: MEGIDO, Victor F. (org.). **A revolução do Design**: conexões para o século XXI. São Paulo: Ed. Gente. 2016. p. 132-143.

MIRANDA, Andréa Zíngara; NAVARRO, Pedro. **Heterotopia e Subjetividade**: Os efeitos da representação nacional francesa sobre o sujeito-aluno de francês. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 12, n. 1, p. 49-65, 2011.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica**, v. 1995, n. 2, 1965.

PRADO, Tomás Mendonça da Silva; Muricy, Katia Rodrigues. **Foucault e a linguagem do espaço**. Rio de Janeiro, 2013. 299p. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34503/34503.PDF>>. Acesso em: 01 jul. 2018

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (BRASIL). **A ONU no Brasil 2012-2016**. 2016. Disponível em: <<https://unhabitat.org/books/a-onu-no-brasil-2012-2016/>>. Acesso em: 07 set. 2018

PRESIDÊNCIA. Biblioteca Presidência da República. **Biografia**. 2016. Disponível em <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/biografia>>. Acesso em: 09 set. 2018.

PT. Nossa História. 2015. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 08 set. 2018.

REVEL, Judith; FOUCAULT, Michel. **Conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos (SP): Claraluz, 2005.

_____. Subjetivação (processos de). **Dicionário Foucault**. Trad. de Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. (Verbetes de Dicionário).

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

ROCHA, Tacia. **Professor Por Vir: Práticas de Subjetivação e(m) Inovação**. 2017. 235 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

ROUSSEFF, Dilma. **Época**. 30 jun.2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2016/06/dilma-rousseff.html>>. Acesso em: 08 set. 2018.

RUBINO, Silvana et al. **Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi. Cadernos Pagu**, 2010.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. Os espaços e os jogos (do poder). *In*:. **A cidade como um jogo de cartas**. São Paulo: Projeto, 1988.

SARAIVA, Aléxia. Haus. Decoração. **Gazeta do Povo**. 30 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/casa-cor/primeiro-sistema-constructivo-brasil-taipa-revestimento/>>. Acesso 17 dez. 2018

SOARES, Alexandre S. F. Transcrição da banca de defesa. 29 març. 2019. **Notas orais**. “Yes, nós temos bananas” como enunciado fundador para “Yes, nós temos inspiração” Casa Cor 2015.

SOUSA, Kátia. M; JUNIOR, Antônio. F. Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade. **Goiânia: Gráfica UFG**, 2014.

TANURE, Joana Dias. **O projeto de paisagismo de Burle Marx e equipe para o “Parque da Cidade” em Brasília/DF**. 2007. 160f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Brasília. Goiás, 2007. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/33531298.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018

TASSO, Ismara. **Discurso em imagem: verdade, fotografia-documentário e o inventário do real**. Revista Científica Ciência em Curso, v. 2, n. 2, p. 113-124, 2014.

_____. Transcrição da aula: A imagem e discurso. 28 jun. 2016, 12 ago. 2016. **Notas de Aula**. Dispositivos operacionais sistematizados pela pesquisadora no trato de leitura discursiva de imagens.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad: de Livia de Oliveira São Paulo: Difel, 1983.

VALIM, Claudinéia Cristina. **Moda plus size em governamentalidade: (in)visibilidades sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira**. 2017. 195f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística) Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 2017. Disponível em <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/ccvalim.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2018

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 3a. edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

VITORIANO, Luana de Souza. **A língua portuguesa no Vestibular dos Povos Indígenas no Paraná: conflitos e contradições entre políticas linguísticas e sociais de inclusão**. 2016. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

WITCHES, Pedro Henrique. **A Educação de surdos no Estado Novo: práticas que constituem uma brasilidade surda**. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos. São Leopoldo, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=148143>. Acessado em 6 jul. 2018

ZABALBEASCOA, Anatxu. **Tudo sobre a casa**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. Não paginado.

ZAPPA, Regina. **Sérgio Rodrigues: o brasil na ponta do lápis**. Rio de Janeiro. Instituto Sérgio Rodrigues. 2015. Disponível em: <<http://www.institutosergirodrigues.com.br/Biografia.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

ANEXOS

1. ANEXO A

Planilha resumida do Estado da Arte 26/06/2018		
Entradas	Banco	Quantidade
Casa Cor, Brasilidade, Foucault, Heterotopia	CAPES	0
	BTDT	0
Casa Cor, Brasilidade, Foucault	CAPES	0
	BTDT	0
Casa Cor ⁴	CAPES	2
	BTDT	0 ¹
Brasilidade, Foucault	CAPES	2
	BTDT	0 ¹
Brasilidade ²	CAPES	7
	BTDT	0 ¹
Heterotopia ³	CAPES	0 ¹
	BTDT	2

Observações:

- 1 - Trabalhos duplicados não foram contabilizados.
- 2 - Na entrada "brasilidade" foram considerados apenas trabalhos que citam Foucault, e trabalhos que mobilizaram os campos que entende-se relacionar com o estudo em torno da "Casa Cor".
- 3 - Na entrada "heterotopia" foram considerados apenas trabalhos que tratam de ambientes de habitação, e trabalhos que mobilizaram os campos que entende-se relacionar com o estudo em torno da "Casa Cor".
- 4 - Na entrada "Casa Cor" foram considerados os dois trabalhos visto que não apareceram mais pesquisas sobre o objeto tornando-os necessários para esta dissertação.

2. ANEXO B

Índice dos profissionais página 86

ÍNDICE DOS PROFISSIONAIS	
	
CASAS	
91	Adriana Giacometti • Cinema Boutique
95	Ana Maria Vieira Santos • Haras Espelho D'Água
99	Brunete Fraccaroli • Aequa Que Te Quero Água
103	Carmila Klein • Garage Lounge Renault
107	Caroline Elks • Mini Studio
111	Dado Castello Branco • Casa do Flamboyant
117	David Bastos • Casa do Bosque
123	Decora Click: Daniel Kalil e Karinna Buchalla • Casa Container
125	Esther Giobbi • Casa 11
131	Fabiana Frattini • Studio da Boxeadora
133	Fabio Morozini • Refúgio na Montanha
137	Fernando Piva • Loft Cosmopolita
141	Flavia Gerab Tayar • Living do Colecionador Brasileiro
145	Francisco Calio • Espaço da Família
149	Gilberto Cioni e Olegario de Sá • Casa das Árvores
153	Gui Matos • Marquise Deca
159	Guilherme Torres • Pavilhão Todeschini
163	Guilherme Torres • Galeria Todeschini
165	Léo Shehtman • Casa PB
171	Marcia Müller, Manu Müller e Julia Abreu • Estar São Paulo Rio
173	Maria Claudia Mastrangelo • Taberna de Vinhos
175	Marina Linhares • A Casa da Gente
181	Myrna Porcaro • Viver Brasileiro em Miami
185	Patricia Martinez • Lagom
191	Pedro Lázaro • Gabinete de Leitura
199	Roberto Migotto • Espaço Brasil de Pau a Pique
APARTAMENTOS	
207	Adriana Consulin e Izilda Moraes • Home Gourmet
211	Amanda Damha • Toilette
213	Andrea Teixeira e Fernanda Negrelli • Living
217	Anexo Arquitetura: Francisca Reis, Guta Di Pietro e Carolina Grinberg • Living do Apartamento 1
221	Antonio Ferreira Junior e Mario Celso Bernardes • Lounge Vintage
225	Beto Galvez e Nôrea De Vitto • Sala Íntima do Casa
229	Bruno Gap • Biblioteca de Estar
233	Cilene Monteiro Lupi • Apartamento Alto de Pinheiros 067 Hermann Jr.
239	Fabio Basani e Túlio Xenofonte • Adega do Colecionador
241	Graciela Piñero • A Cozinha dos Meus Sonhos
243	Layde Tuono • Hall da Galeria
245	Leo Romano • Club Leo

Fonte: Anuário 2015.

Índice dos profissionais página 88

ÍNDICE DOS PROFISSIONAIS



- 249** Mariana Noronha e Samra Hakade • Baby Jungle Chic
- 251** Osvaldo Tenório • Living do Apartamento 2
- 255** Paola Ribeiro • Suite do Colecionador
- 259** Patricia Hagobian • Lounge do Banho
- 263** Patricia Kolanian Pasquini • Quarto do Menino
- 267** Paula Magnani • Estar da Família
- 269** Pulso Criativo: Marina Lacerda e Carla Pagliuca • Espaço Cor
- 271** Rodrigo Kolton e Beto Monzon • Hall do Colecionador
- 273** Toninho Noronha e Renato Andrade • Suite Máster

ÁREAS VERDES E DE CONVIVÊNCIA

- 277** Benedito Abbud e Felipe Abbud • Se Essa Rua Fosse Minha...
- 281** Bia Abreu • Jardim do Lounge
- 283** Chris Pierro • Jardim das Casas
- 285** Cornelia von Ammon • Lounge Tropical
- 287** Daniel Nunes • Jardim do Outono
- 289** Fernanda Pereira de Almeida • Jardim das Sensações
- 291** Gilberto Elkis • Bosque Tropical
- 297** João Jidão e Juliana Freitas • Projeto H2O
- 299** Marcelo Faisal • Jardim do Semáforo
- 301** Roberto Riscala • Varanda do Colecionador
- 303** Vivant Arquitetura: Luciane Galera e Fernanda Campiolo • Alameda do Encontro

BARES, CAFÉS E RESTAURANTES

- 305** Gerson Dutra de Sá e Ana Lucia Salama • Café A Brasileira
- 307** Gustavo Jansen • Bar do Relógio
- 309** Guto Requena • Bar Interativo Stella Artois
- 311** Frederico Morán e Haroldo de Barros Rodrigues • Restaurante CASA COR
- 313** Studio Zeb; José A. Henrique • Boulangerie

ESPAÇOS COMERCIAIS E DE SERVIÇOS

- 315** Adriana Scartaris e Semara Brito • Joalheria
- 317** Eduardo Bessa e Claudia Alonis • Varanda e Banheiro
- 319** Erica Salgueiro • Espaço Gourmet
- 321** Equipe Cyrela • Lounge de Saída
- 323** FGMP Arquitetos: Fernando Forte, Lourenço Gomes e Rodrigo Marcondes Ferraz • Marquise Modular
- 325** Gabriela Rocha Andrade • Banheiro Deca
- 327** Gustavo Paschoalim e Paulo Azevedo • Chaise Longue
- 329** Julio Cesar Dantès • Livraria
- 331** Julio Takano • Conceito e Design em Salas de Reunião e Cozinhas Gourmet
- 333** Maurício Arruda • Loja CASA COR
- 337** MN Arquitetura e Interiores: Mayara Clá e Nuno Haddad • Atelier do Enxoval
- 339** Orlane Santos • Banheiro Feminino do Beira-Mar
- 341** Paulo Gazola • Espaço Aroma & Flor